3 1761 07046811 1

PQ
9261
X44A17
1870

POESIAS POSTHUMAS

DE

FAUSTINO XAVIER DE NOVAES

RIO DE JANEIRO.
TYPOGRAPHIA DO IMPERIAL INSTITUTO ARTISTICO
Rua da Constituição ns. 1 e 6.
1870

PR
9261
X44 A17
1870

Foi este livro para mim, e hade ser para o publico, uma revelação e um contraste.

Faustino Xavier de Novaes desceu ao tumulo com a reputação de poeta satyrico, rapidamente creada em ambos os paizes da lingua portugueza. Mas a satyra não resumia todo o seu talento: era, digamol-o assim, a face que elle voltava para o mundo exterior. Todos o admiravam como um brilhante castigador das cousas ridiculas do tempo, que observava com rara sagacidade e fustigava com singular intrepidez. E todavia aquella gargalhada honesta e galhofeira não era a unica expressão do poeta, que tambem sabia suspirar e chorar.

Abram este livro, e verão que elle conhecia tambem a musa melancholica, pessoal, egoista,— a musa indiferente e superior aos vicios do mundo, eterna devaneadora de fugitivas chimeras. Guardava porém esses versos de sua inspiração solitaria, e se alguns raros deo

á imprensa, fêl-o com suppostos nomes, — não sei se por modestia do talento, se por orgulho do coração.

Nesses versos, — que aqui vão em grande copia, — achará o publico qualidades notaveis e verdadeiro merito, quanto baste para escurecer ou desculpar os senões que por ventura lhes aponte a critica severa. Lancemos entretanto á conta da morte uma parte da culpa, que não era o autor deste livro daquelles escriptores para quem a inspiração dispensa a reflexão.

Não sei se, alem da morte, será complice nisto certo desanimo que parecia quebrantar as forças moraes do poeta e despil-o ás vezes de toda a ambição litteraria. Talvez. Mas n'um espirito como o delle, por maior que fosse esse desanimo, não seria nunca um estado definitivo. Succeder ao desanimo a exaltação era cousa extremamente facil naquella organisação passiva e docil a todas as impressões exteriores.

Como poeta satyrico, já o disse, teve Faustino de Novaes a boa fortuna de grangear com rapidez uma popularidade indisputavel. O livro de suas estreas foi a data da sua reputação. Dahi para cá polio a fórma, dominou o estro, adquirio novos titulos á estima dos sabedores ; mas não augmentou o nome que já havia conquistado desde o primeiro dia.

Por que rasão arrepiou caminho durante algum tem-

po nesse genero em que colhera os primeiros triumphos ? Este livro o dirá.

Compete á critica apreciar agora os livros do poeta, apontar o bom, notar o máo, analysar as tendencias e as feições da sua musa, que era rude e singela. Ao biographo convirá dizer que era este poeta filho exclusivo de suas obras, não tendo tido a fortuna de passar da academia para os labores litterarios, e alcançando o que sabia por simples esforço de vontade. Aos amigos cabe apenas choral-o. Ha cinco annos escrevia Alexandre Herculano a Faustino de Novaes estas palavras: „ Deus sumiu o segredo da paz do espirito no abraço do „ filho com a mãe, do homem com a terra.“ Fallava da vida agricola o grande escriptor; o nosso poeta deu mais amplo sentido ao conselho, como se lhe parecesse precaria toda a paz que não fosse eterna. E por que do claro engenho que Deus lhe deu já havia deixado vivos signaes nas obras anteriores, quiz que nesta lhe ficasse o coração.

M. A.

INDEX.

	Pag.
Ao Brasil	1
A' Beira-mar	5
Soneto	9
Soneto	10
A Camillo Castello Branco	11
Ergue-te	22
A Pedro V	24
Soneto	28
Soneto	29
No album da Exma. Sra D.	30
Um passeio	33
A um retrato	43
Soneto	48
Versos	49
Soneto	52
Soneto	53
A Campa	54
A Arthur Napoleão	56
N'um album	58
Não fujas	61
Ao Sr. A. F. de Castilho	63
Ao meu amigo Bernardo Jose Machado	67
Amor sem fim	69
A abelha	72
Espera	75
Soneto	77
Soneto	78
Na primeira pagina de um album	79
A Emilia das Neves	82
Fabula	98
A um anjo	103
Trabalho	105
Soneto	106
Soneto	107
Presentimento	108
Soneto	111
A Manuel de Mello	113
Soneto	115
Soneto	116
Perdão	117
Amor eterno	119
Soneto	122
Pedido	123
Sempre	125
Venus e Acheo	127
Onze de Agosto	129
Soneto	133
Soneto	134
Supplica	135
Solidão	137
Não receies	140
A' Exma. Sra. D. Rita de Cassia Rodrigues	142
Soneto	144
Soneto	145
Soneto	146
A uma estrella	147
Fabula	149
Versos	152
Intimação	155
Amo-te muito	158
Noite escura	161
Soneto	164
Soneto	165
Soneto	166
Delirio	167
Soneto	173
Por ti	174
Ao meu amigo Antonio de Almeida Campos	176
No album do meu amigo J. C. Quintella	178
Soneto	188
Soneto	189
Soneto	190
Mysterio	191
Soneto	194
Soneto	195
Luar	196
Soneto	202
Soneto	203
Soneto	204
Soneto	205
A um amigo	206
Ausencia	208
Soneto	210
Tristesa	211
Dous annos	214
Não penses	217
Um beijo	221
Um sonho	230
Caetano Pinto (comedia)	235
Notas.	

AO BRAZIL.

Salve, grande nação, brasileo povo!
Vem dar-vos nova lyra um canto novo,
Sincero e não servil!
E' pura a voz de um luso expatriado,
Que chora, de saudades traspassado,
Nos braços do Brasil.

Cessem caprichos vís, odios impuros,
Que ergueram entre nós ferrenhos muros
Na escuridão fatal!
Já surgio de progresso a nova aurora,
São livres, são iguaes, irmãos agora
Brasil e Portugal!

Fôra destino tal por Deos previsto:
Oramos, desde o berço, aos pés de Christo,
A Christo ajoelhaes;
Seguimos na existencia os mesmos trilhos;
As crenças que ensinaes a vossos filhos
Já vem de nossos paes!

Na lingua de Camões Caldas cantava;
Nas vozes que Bocage ao céo fallava,
Ao céo fallou Durão:
Bradar podemos ambos:—Liberdade!
Em fraternal consorcio de amizade,
N'um aperto de mão.

E agora, que o Brasil, da paz no goso,
Ao vêr o despotismo erguer-se iroso,
Chorava, em languidez,
A dôr que vossas almas cruciava,
Tambem, pungente, o coração rasgava
No peito portuguez.

E o *leopardo* feroz, ardendo em sanha,
Na brutal ousadia, já tamanha,
Raivoso encrudeceu;
E a prudencia julgando covardia,
Pisando alheia terra, á luz do dia,
Bramou, rugio, mordeu!

E o povo despertou, e alçando a fronte,
Via no—limpido céo—patrio horisonte,
Negra nuvem pairar;
E ergueu do patriotismo o facho ardente,
E quiz, n'um vôo altivo, e independente,
A nuvem dissipar!

Era a voz do oceano impetuoso,
Era a voz do trovão, rugindo iroso,
Era o arranco da dôr;

Era a voz do dever contra a cobiça,
Era a voz da razão e da justiça,
Era a voz do Senhor!

Quadro famoso, magestosa scena,
Quando, de tarde com a brisa amena,
Livre, o brado vôou;
E a *féra*, reprimindo a natureza,
As garras encolheu, largou a presa,
E humilde se curvou!

E o povo, já suspensa a audaz carreira,
O symbolo depôz, patria bandeira,
Que fôra guia e luz;
E voltando tranquillo aos doces lares,
Entoava, em seus placidos cantares,
Um hymno á Sancta-Cruz

Vingança não sonhou, que o povo lucta,
Palmo a palmo, o que é seu, firme disputa,
Morre, se não vencer;
Triumphante, protege o que é vencido,
E nos braços ampara, commovido,
Os restos do poder!

No remanso da paz, brando e singelo,
Contra os tyrannos, em valor modelo,
Na victoria real,
Pela fé, pelos seus, grande colosso,
Outro povo só ha, que irmão é vosso,
No meu berço natal!

E esse povo, nas lides esforçado,
Como agora, o vereis a vosso lado,
Contra nova aggressão;
Bradar podemos ambos:—Liberdade!
Em fraternal consorcio de amizade,
N'um aperto de mão!

Janeiro, 10 — 1864.

A' BEIRA MAR.

> Que sombras vastas! Que profusa luz!!
> Que vario quadro! Que aprazivel scena!
> A sancta paz da natureza amena
> A amar e crer, a meditar induz.
> MENDES LEAL JUNIOR.—*Aspiração*

Vês, Elvira, o rochedo gigante
Que esta praia arenosa domina,
Como ao tempo resiste arrogante,
Nesta vasta aridez, onde é só?...
Nem a Deos, nem aos homens inclina,
Rude, a fronte de nuvens coroada;
Não vacilla, do vento á rajada,
Nem as plantas confunde no pó!

Vulto enorme, não cede á tormenta!
Caiam thronos, destruam-se imperios,
Desse posto que altivo sustenta
Nem os annos o podem mudar:
E' mysterio o seu todo, e mysterios
O circundam no mar e na terra:
Elementos não teme na guerra,
Que o protegem as aguas do mar.

Os ditosos do mundo — que loucos!
Nem reparam, sequer, nesse vulto!
Por instantes de goso—tão poucos!
Desta vida não pensam no fim;
Mas os tristes, quaes somos, seu culto
Do gigante prestando á grandeza,
Vem aqui, onde impera a tristeza,
Suas magoas chorar, como eu vim!...

Como eu vim, como tu, que a meu lado
Do bulicio do mundo te esqueces:
Vês-me o rosto de pranto banhado.
E, comigo, aqui choras tambem:
Deixa a magoa d'amor que padeces
Expandir-se nos prantos ardentes:
Aqui, juntos aos meus em torrentes
Não perturbam prazer a ninguem!

Se elevar-te comigo quizeras!...
Vem! Quem ama não sabe o que é medo:
Disputava-te aos homens, ás feras,
Conquistava por ti um tropheu!
Sóbe! Sóbe ao fragoso rochedo...
Na cintura gentil eu te abranjo;
Nada tens que temer... és um anjo...
Vem, que ficas mais perto do céo!

Aqui, sim... aqui póde quem ama,
Na pureza deste ar, que dá vida,
Libertar a paixão que se inflamma,
Longe d'homens, em fervido ardor!

Aqui pódes, de tudo esquecida,
Cahir meiga, risonha, em meus braços,
E comigo voar aos espaços,
Ambos presos nas azas do amor!...

Vês o mar como dorme, ostentando
Lisa a face, tão pura, tão calma?...
Vês a lua seu rosto mirando
Nesse espelho, que ao longe a seduz?...
Assim vive tranquillo em minha alma
Este amor que te voto incessante,
Quando em mim se repousa um instante
De teus olhos a pallida luz!

Vês agora, que o vento bafeja,
Como a face, já tremula, oscilla,
Porque a nuvem, sombria, negreja,
E da lua o fulgor apagou?...
Assim esta paixão que, tranquilla,
Doce paz, hoje aqui me assegura,
Se revolta, se a luz meiga e pura
De teus olhos, de mim se afastou!

E ciumes não são, linda Elvira,
Que sentil-os de um anjo era um erro:
E' inveja este ardor, que me inspira
Quem, ao longe, está perto de ti:
Quem, sem goso, me vota ao desterro
Em que vivo, de ti separado;
Quem me rouba o prazer que a teu lado
Me faz crer que no céo já vivi!...

Longe, longe dos homens a lida!
Aqui vivem mais puros amores,
Na campina que vemos florida.
Que aos felizes parece ermo nú:
Longe, longe martyrios e dôres,
Quero ser um momento ditoso,
Vendo, juntos, n'um quadro formoso
Terra e céo, astros, mar, Deos e tu!..

SONETO.

Que importam distincções, sonhos insanos,
Quando os póde vencer a má ventura?
As riquezas que são, quando a amargura
Revela o seu poder sobre os humanos?

Que vale um nome vão, vencendo os annos,
Dando pallida luz em campa escura?
Que vale um throno, aqui, se á sepultura
Não póde alguem levar brilhos mundanos?

Eu desprezo do mundo o falso goso,
Que o futuro verá no pó disperso.
Como o passado vêmos, tão saudoso:

Na vida que, em tristeza, passo immerso,
Só tu, meu anjo, me farás ditoso:
Dando-me o teu amor, dás-me o universo!

SONETO.

Como ao calor do sol se nutrem plantas,
Sem ter o sol por fim dar-lhes sustento,
Da luz dos olhos teus eu me alimento,
E vivo só de ti, porque me encantas:

Do mundo as illusões, doces, e tantas,
Não póde uma prender-me um só momento;
Ser teu, plantar-te n'alma o sentimento,
Eis minhas ambições, puras e santas!

E tu não ouves esta voz sentida!
Não te abranda a paixão que vês, tão forte!
Nem desta desventura és condoída!

Decide, anjo adorado, a minha sorte:
Dá-me, com teu amor, ditosa vida,
Ou, com teu desengano, amiga morte!

A' CAMILLO CASTELLO BRANCO.

Atafona de romances,
E's um carril a vapor :
Romantisas quanto achas,
E nos folhetins encaixas
Com satanico furor.
(C. Castello Branco.)

Meu Camillo. Velho amigo,
Mestre que, em eras ditosas,
Me deste prestante abrigo:
Destas plagas tão formosas
Quero conversar comtigo.

Se ao papagaio mandado,
Porque és bom, não me condemnas,
Fica o presente addiado:
São caras as verdes pennas,
E o cofre esta depennado.

Mostro, só, que não sou vario
Na minha affeição singella;
E, á ingratidão contrario,
Tambem mostro, por tabella,
Que inda não sou *millionario*.

Sendo-o, ás Musas indiscretas
Não baixava as minhas vistas:
Dado a *letras* mais dilectas,
Não fallava a romancistas,
Não dava trela a poetas.

Quem outras *letras* abraça,
Porque é rico, e não é tonto,
Nas tuas não acha graça.
Que não tem ellas desconto
De rico peito na praça.

Isto de amor, e amizade,
De affeições e sympathias,
São pieguices de outra idade,
Das avós, das velhas tias,
De alguma freira, e algum frade.

Tens nisto razão que sobre,
A dar-te mais não me attrevo;
Nesta carta se descobre,
Que, do Brasil se te escrevo,
Já sou parvo, ou inda pobre.

Não sou barão, conselheiro,
Nem fidalgo de pé torto,
Nem visconde por dinheiro:
Se algum dia eu fôr ao Porto
Não me chamam *brasileiro*.

Hão de só, chamar-me tolo,
Que á lingua dei desafogo,

Dando voltas ao miolo,
E me levantei do jogo
Sem ter levantado o bolo.

Escrevesse obras supremas,
Cantasse eu como tu cantas.
Que enriquecesse não temas:
De carne secca dez *mantas*
Nutrem mais que cem poemas.

Um irmão tenho aqui perto
Que feliz ou desgraçado,
Seja louco, ou seja esperto,
Ou gastador, ou poupado,
Ha de *enriquecer* de certo!...

Devo rasgar-te o sophisma,
Ou o enigma, tão profundo,
Em que a mente se te abysma:
De *Henrique ser*, neste mundo,
Livral-o só póde o chrisma.

Nem esse refugio eu tenho!
Que em mim só no nome ha — *tino* —
Alguem sustenta, e eu convenho,
Pois se tenho engenho fino,
Não dou azeite no engenho.

(Se vês da critica o malho
Malhar de Gongora os brilhos,
Deixa bater, que eu não ralho:
Quem mais dá nos trocadilhos,
Menos lhes sabe o trabalho).

Dizer-te mal desta terra,
Não direi, não sou ingrato;
Mas (quem t'o jurar não erra)
Cá ou lá, ser litterato
A' riqueza é fazer guerra.

Tenho amigos, é verdade,
Mentia; se t'o negasse;
Sei até que, se a amizade
Fosse cousa que engordasse,
Tinha eu cachaço de frade.

(Esta rima é um tormento!
Só em dezeseis quintilhas
Dous frades, sem tal intento!...
Em que fraqueza me pilhas!...
Fiz de uma carta um convento!)

Adiante. Subi um furo;
Fui ás nuvens elevado,
Sou redactor do — FUTURO —;
Mas olha que estou *passado*,
Que o presente é osso duro.

Vou roendo, e de maneira
Que sinto os queixos doridos;
Mas é minha a culpa inteira,
Pois dizem os entendidos
Que fiz uma grande asneira.

Eu sei que ser jornalista;
Com máos versos, e más prosas,

Andar dos cobres na pista,
E', nestas éras famosas,
Ter olhos, e não ter vista.

Mas não foi só essa, amigo,
A asneira, já confessada;
Fallo em segredo comtigo:
— Cuidado, não digas nada
Do que, baixinho, te digo.

Veio o — FUTURO — a terreiro,
E aos assignantes foi dado;
Mas, depois, fui tolo inteiro,
E, confesso-o, envergonhado...
Mandei-lhes pedir dinheiro!...

Que parvo fui! Que pedante!...
Pude julgar, indiscreto,
Nestas cousas ignorante,
Que era uma *letra* o prospecto,
E o que assignou *acceitante!*...

Seguio-se o castigo ao crime;
Bradaram muitos:— „Não pago!"
E o que de pagar se exime
Não se abranda pelo affago,
Nem esta queixa o deprime!

E a casa tem senhoria,
Querem paga os gravadores,
Quer paga a typographia,
Querem-n'a alguns escriptores,
E eu... tambem a acceitaria...

E quem pagou por inteiro
O preço da assignatura,
Se eu fôr vender o tinteiro,
Ou goste, ou não, da leitura,
Dirá, que sou caloteiro!

Hei de ir pela rua adiante.
Bolsa leve, e roupa gasta,
E ouvirei, de voz possante:
—Que firma!... E' poeta e basta!...
Comeu-nos!... Oh! que tratante!...

A consciencia, inda sem chaga,
Ha de incommodal-a a fama;
E a nossa lingua é tão vaga!...
—Camillo!—Como se chama
O que assignou, e não paga?...

Eu tenho um máo diccionario
Que apenas a acção indica
No—*R*—no mais é vario;
E na letra—*L*—só fica
Se designa o refractario!...

Deste diccionario ingrato
Não gosto, que ali se ferem
Reputações que eu acato;
—Dêem-me dinheiro, se querem
Que eu compre outro mais exacto.

Ai, Camillo, que saudades
Tenho das noites compridas

Em que, amigos e confrades.
Vinham gentes bem vestidas
Ouvir-nos núas verdades!

Tivemos optima escola
No teu *mundo patarata;*
E a lembrança me consola
De que se eu gritava:—„mata!"
Lá bradavas tu:—„degolla!"

Não deixavamos inteiros
Pretenciosos estadistas,
Ou falsos testamenteiros,
Nem nobres contrabandistas.
Nem fidalgos *moedeiros.*

Se agarrado ao gorgomillo
Irado, ás vezes, te via
De um barão, disto ou daquillo,
Com que humildade eu pedia:
„Dás-me esse barão, Camillo?

„Dá-m'o, sim; já que tu brilhas
„No estylo, sempre luzido,
„Em que fazes maravilhas,
„Dá-me o barão, que espremido
„Rende bem quatro quintilhas!

„Dá-m'o, sim, façam-se as pazes;
„Tu, que és grande pelo invento,
„Que barões e condes fazes,
„Deixa-me o divertimento
„De escovar estes rapazes!"

E tu, n'um rapido lance,
Sobre a presa cavalgavas;
E, medindo todo o alcance,
N'um galope desfilavas,
Lá vinha mais um romance!

E o barão, ao desconforto
Cedia, ao ver-se cantado;
E do seu valor absorto
Tinha o livro encadernado
Em couro de barão morto!

E' verdade que o não lia;
Mas n'alma (se a tinha) pura,
Odio sei que não havia,
Pois desprezava a leitura
Só porque ler não sabia.

Comprava, que a voz da fama
Como heróe o apregoava,
E o barão ardia em chamma,
Pois n'outro livro, constava
Que um Camões cantara um Gama.

Era então, que o teu Faustino
Em verso frouxo, e rasteiro,
Cedendo ao louco destino,
Se agarrava ao tal sendeiro
Qual tolo á corda do sino.

E se um epigramma fende
A dura carne ensaccada,
O bom homem não se offende;

O que é chulo, só, lhe agrada,
O que é serio não entende.

E o barão, que se consola,
Acha nos versos verdade,
Porque lhe tocam na mola,
Despertando-lhe a saudade
Das cantigas á viola!

Julguei que era triste fado
Ter de ser cantor burlesco
Quem vivia amargurado;
Disse-te adeos, puz-me ao fresco,
Deixei-te o campo abastado.

Sei que por mim não choraram
O pranto da despedida;
Mas sabem hoje que erraram,
Pois perderam a partida,
E as letras patrias ganharam.

Que tu, raposo matreiro,
Ou antes faminto lobo,
Invadindo o gallinheiro,
Do papo de cada bobo
Arrancas um livro inteiro.

Neste seculo das luzes
Mais a luz tua vigora;
Que, filado aos taes lapuzes,
Deixas um puchando á nora,
E os outros são alcatruzes.

E fazes, d'instante a instante,
Nas concepções tão fecundo
Como nos partos brilhante,
Que se espante o velho mundo,
Que o mundo novo se espante.

E cá nós, os portuguezes,
Saudosos da patria amada,
Tinhamos todos os mezes
Dous paquetes, que á chegada
Nos alegravam mil vezes.

„O paquete chegaria?"
„Tardará muito? Já veio?"
„Que novidades traria?"
Disto andava tudo cheio,
Nem outra cousa se ouvia!

Ninguem hoje sahe á rua
Por saber novas da terra;
Se ao longe o vapor fluctúa,
Já cá sabemos que encerra
Noticia de uma obra tua.

E apenas a vista alcance
Por signal o galhardete,
Ao vêl-o, em rapido lance,
Ninguem diz:—„Chega o paquete!"
Dizem só:—„Lá vem romance!"

Mais comedia, mais um conto,
Mais artigos de sciencia,
Mais um drama quasi prompto,

Não ha nunca reticencia,
Não ha virgula, nem ponto!...

Isto, amigo, não se atura!
Tu, escreves a cavallo,
Modera mais a andadura:
—Tempo que dás de intervallo
Não chega para a leitura!—

Mas se intentas, bem montado,
Correr o mundo, em que moras,
Sempre em galope dobrado,
Quando lá não haja esporas,
Não quero ver-te parado.

Dou-te assumptos verdadeiros,
Em que has de marchar seguro;
Mando-te nomes inteiros
De assignantes do—FUTURO—
Mas é só dos caloteiros.

ERGUE-TE!

A' dôr tenaz, que as forças te quebranta,
Oppõe da alta virtude o firme escudo,
E com tão novo assombro o mundo espanta
BOCAGE.—*Elmano a Urselina*, Epist. III.

Elvira! Estás tão pallida!
Que tens, oh vida minha?...
Que magoa te definha,
Que as rosas desbotou?...
Que vejo!... Quasi livida,
Semelha a face bella
Cecem, pura e singela,
Que o vento derribou!

Espelhos d'alma candida,
Do pranto embaciados,
Teus olhos magoados
Têm quasi extincta a luz!
São tristes como a lampada
No templo, já deserto,
Do tumulo inda aberto
Ao pé, mostrando a cruz!

Teus labios, que da purpura
Rivaes eram outr'ora,
Apenas tem agora
De murcha rosa a côr:
Parece que no portico
D'um céo que o céo formara,
O fogo eu apagara
N'um osculo d'amor!

Aquella voz suavissima,
Prodigio de ternura,
Que, em terna e doce jura,
Minha alma á tua unio,
Só tem o som pathetico
Que a dôr saudosa inspira;
—O som que solta a lyra,
Se a corda se partio!

Teu seio, que tão placido
Mentia ao cego mundo,
Revolto hoje no fundo,
Ondeia, altivo mar:
Dir-se-ha que nesse pelago
O amor naufrago fôra,
E a taboa salvadora
Pretende em mim achar!...

Inerte, fria e tremula
A mão que me prendêra,
Qual flôr que fallecêra
Pendida vejo ao chão:

Parece o corpo languido
Que á mingoa enfraquecido,
Só póde ser erguido
Chamando estranha mão!

Elvira! Fria, extatica,
Cedeste ao desalento?
Curvou-te o sentimento
D'amor, que te inspirei?...
Fui eu que a paixão fervida
Te dei, que estou soffrendo,
E assim... quasi morrendo,
Fui eu que te matei?...

Ergue-te, Elvira, e impavida
Affronta a negra sorte
Quebrar só póde a morte
Ardentes votos meus!
Resurge, como Lazaro,
Vem ser o meu encanto!
Na voz de amor tão santo
Escuta a voz de Deos!

PEDRO V

O diadema que pousa em fronte airosa
A incerta mão do acaso, caprichosa,
E' ouro só — mais não:
E' como o sol de inverno, que allumia,
Mas não anima a flôr que, em terra fria,
Sem vida pende ao chão!

Patriotismo, saber, virtude extrema,
Perolas são, que ao regio diadema
Dão vivido fulgor:
Desce então da corôa o meigo brilho,
Qual de olhos paternaes, que ensina ao filho
Respeito, fé e amor!

Se o monarcha feliz sabe que é homem,
Se, mais que as suas magoas, o consomem,
Magoas dos filhos seus;
Se os envolve, a chorar, no regio manto,
Se enxugar-lhes procura o triste pranto,
O rei é quasi um Deus!

Seu emissario aqui! Se a Providencia
Ao misero mortal, de impura essencia
Na terra um throno deu,
Ao entregar-lhe o sceptro, a mão divina
Apontou-lhe, severa, por doutrina
Ser da patria, e não seu!

Pedro Quinto assim foi! Na juventude,
Quem tão alto subio? Quem á virtude
Tanto culto prestou?
Era um pae—era um sabio—era um soldado...
Era um anjo do céo, que, extraviado,
Sobre a terra poisou! ..

Dizem-n'o as artes, a sciencia o prova;
Ha de a historia dizêl-o, em éra nova
Que á sua voz nasceu;
Dizem-n'o vozes mil, em som disperso,
Uma só voz o diz — a do universo,
Que a sua fama encheu!

Vendo as artes, que amava, em abandono,
Baixou seu passos nos degráos do throno,
E o artista subio;
Encontraram-se as mãos — signal de affecto —
Mas... o bom protector... o rei dilecto...
Era humano... cahio!...

Cedeu á lei que arranca o cedro annoso,
E o arbusto derruba que, viçoso
Se ostentava de pé!

Era pequeno o rei, que um homem era,
E grande só é Deos;— só Deos nos dera,
Contra as magoas, a fé!

Artes, sciencias, um paiz inteiro
Foi levar-lhe ao jazigo derradeiro
O tributo maior;
Converteram-se as lagrimas em flôres,
Surgiram as saudades e os amores
Do sepulchro em redor!

E o artista quedou nessa paragem,
Julgou, por si, mesquinha essa homenagem,
Pensou — quiz dar-lhe mais:
Quem a palma colheu, quiz ter a palma,
E no pranto, na dôr, no luto d'alma
Todos eram rivaes.

Fez convergir ali, de toda a parte,
Quantos orphãos achou, seus irmãos d'arte,
A ouvir-lhe a grata voz:
„Roube-se o grande rei ás mãos da morte!
„Ella o deitou por terra, d'um só córte,
„Erguel-o vamos, nós!

„Contemple o povo, inanimada embora,
„Altiva, magestosa como outr'ora,
„Essa fronte real!
„De artistas o suor seja o cimento,
„Seja nosso trabalho o monumento,
„E o Porto o pedestal!"

E o longo brado, que inspiraram magoas,
Despedido, a voar por sobre as agoas,
Aqui veio soar,
E em nobres corações achou abrigo,
Que têm amigos no paiz amigo
Os nobres d'além-mar!

Nobres sem distincções, sem brasão novo,
Nobres de sangue, sim, filhos do povo,
Que se eleva por si,
E o buril manejando, a forja e o malho,
Têm os seus pergaminhos no trabalho,
Têm a nobreza aqui!...

Eil-os, os filhos d'arte, supplicando
Aos dous povos o auxilio — eil-os pagando
Tributo ao grande rei:
Dá-lhes a gratidão viçosas palmas,
E o seu valor, que o digam vossas almas,
Que eu não posso .. não sei!

A voz é debil, quanto é grande a empreza,
Mas não a escuta aos pés a vã riqueza,
Nem os titulos vãos!
Levanto-a, porque o rei foi—Pedro Quinto;
Porque me excitam este ardor que sinto
Artistas — meus irmãos!

SONETO.

Meu pobre coração! A que tormentos
Te condemna a paixão mal compensada!
Dominas a razão, que, allucinada,
Livres apenas tem raros momentos.

Lindos olhos que vês, d'amor sedentos,
Não espargem por ti luz encantada;
Meiga voz que te encanta, ao céo roubada,
Não responde, sonora, aos teus lamentos!

E tu, presa do encanto peregrino,
Em troco d'affeição, branda e singella,
Sentimento lhe dás, quasi divino!

Vae na campa esquecer a tua bella,
Infeliz coração, que é teu destino
Amar, soffrer, chorar, morrer por *Ella!*

SONETO.

Descança os olhos teus, meu doce encanto,
Sobre este rosto, de tristeza cheio:
Da paixão que, por ti, ferve no seio,
Has de ver os signaes, que deixa o pranto:

Estas rugas que vês, do mundo espanto,
Da velhice não vem, que inda a receio:
Lagrimas tristes, de amoroso enleio.
Poderam sobre a face abril-as tanto!

E se agora me vês mais animado,
Se te posso encarar, de rosto altivo.
Não julgues o retrato exagerado:

Não te cegue a illusão! Sou teu captivo,
Vem de ti a mudança; que a teu lado
Eu gozo, eu rio, eu canto, eu sonho, eu vivo!

NO ALBUM DA EXMA. SRA. D. ***

Se impavido outr'ora, da vida na estrada,
Com placido rosto, seguro, marchei,
Não foi que eu a achasse de rosas juncada...
Pungentes espinhos mil vezes pisei.

E a dôr, que era forte, dobrar-me podera
Se a face eu voltara da sorte ao rigor;
Valeu-me a coragem... altivo que eu era,
Chamava o sorriso dos labios á flôr!

E o riso enganava, tão doce, tão brando
Qual riso que ao mundo venturas só diz;
E o mundo, que o via nos labios brincando,
Olhando-me, incauto, bradava: „E' feliz!"

Mentida apparencia, tão pura, tão calma,
No peito escondia bem negro pezar;
Que a magoa, latente, jazendo em minha alma,
Não vinha aos ditosos seu luto mostrar.

E a lyra empunhando, nos cantos festivos
Mais ledo, mais vivo fingindo o prazer,
Sarcasmos profundos, em vôos altivos
Deixei pelo mundo, bem livres, correr.

E os annos corriam... e a fronte elevada...
E o riso nos labios, e a falla a mentir...
E a lyra cantando... e a voz esforçada...
E as magoas occultas... e o povo a sorrir!..

Offensa ao destino, tão alta ousadia
Cedendo, mais tarde, rojei-me no chão:
Curvei-me á desgraça... cahi n'um só dia,
Qual arvore annosa se verga ao tufão!

Cahi para sempre!... Da vi a o desejo,
Perdida a esperança, não vive tambem;
São hoje meus cantos um frouxo lampejo
De luz que se extingue na lampada... além!...

Se a lyra, forçada, despede em seu canto.
Por entre gemidos, risonhas canções,
Alheios sorrisos não valem o pranto
Que aos olhos me arranca mentidas ficções!

Quem sente, não vive... sózinho... isolado...
Curtindo saudades, curvando-se á dôr,
De paes e de irmãos—para sempre—affastado,
Sem doces carinhos, sem... gozos d'amor!..

Se é d'alma a grandeza nas magoas ser forte,
Ser grande não posso... só homem sei ser...
Vencido na luta, ludibrio da sorte,
Que resta no mundo?... Chorar... e morrer.

UM PASSEIO.

Vou contar-lhe, caro amigo,
As impressões de um passeio:
Mas seja brando comigo,
Tomando por galanteio
Duras verdades que digo.

Minha intenção não deprima,
Quando vir crúa verdade,
Que algum innocente opprima:
Parece as vezes maldade
O que é só força de rima.

Por essa força impellido
Tenho já causado alarde,
E ao que se diz offendido
Razão eu dou; mas é tarde
Quando estou arrependido!

Cuido que me comprometto,
Não quero que alguem se offenda;

E quando emenda prometto
Escorrego, e sahe a emenda
Muito peior que o soneto!

Surge a guerra encarniçada,
A gritaria não cessa.
E a pobre musa, assustada,
Na desculpa feita á pressa,
Dá, sobre queda, patada!

Amigo, não me desminta!
Diga aos queixosos, mais duros.
Sem que a furia lhes consinta,
Que se os quadros faço escuros,
E' só por ser negra a tinta.

Não tem da fama a conquista
O pintor que usa de ornatos;
Pois, se é do mundo copista,
Só fazendo máos retratos
Se mostra bom retratista.

Sem que salte o sangue fóra
Castigar, eis o nó gordio;
Mas, se o cança tal demora,
Seja aqui o fim do exordio,
Vamos ao sermão agora.

Era dia, e velho dia,
Quando abandonei a cama
Em que ás nove horas dormia;
Matutino somno inflamma
Na cachola a poesia.

Nem deve o que alinha phrases
A compasso, e por medida,
Ser igual aos mais rapazes,
Regular sendo na vida,
Tendo em tudo as mesmas bases.

Esse, na carreira sua,
Se é phylosopho profundo,
Manda a riqueza á tabua,
Despreza os gozos do mundo,
Vive no reino da lua!

Se alguns, no tempo presente,
Versos não fazem de graça,
Comem, bebem como a gente,
São aberrações da raça
Em que o genio se desmente.

Não ha musa que, indiscreta,
Dê ao sensato um sorriso;
Do vate a vida inquieta
Não é sujeita ao juizo,
Porque esse enfreia o poeta!

Tornemos da historia ao fio:
Habito nas *larangeiras*,
Porque não me deixa o *frio*.
Entre lojas e cocheiras
Morar, no centro do Rio.

Cada rua eu sei que é mina
Onde a industria, curiosa,

Montes d'ouro descortina;
Mas eu *fujo* dessa prosa,
Dinheiro *não me fascina!*

Gondolas que, navegando
Na venesa do Cattete,
Vão centos d'homens levando,
Não pilhão, nem a cacete,
La dentro, meu corpo brando

Não quero, qual condemnado,
Entre cetaceos bojudos,
Ali ser emparedado,
Soffrer trambolhões graúdos,
Morrer, por fim, rebentado!

Um tilbury, é mais decente,
E, por custar mais dinheiro,
Mais proprio da nobre gente,
Mesmo se é roto o cocheiro,
Se o cavallo é transparente.

Destinei, pois, á cidade
Ir, n'um tilbury mettido,
Mas, por dizer a verdade,
Eu senti-me arrependido,
Da jornada inda em metade!

No cocheiro encontrões dando,
Recebendo a paga á vista,
Eu, bem triste, ia pensando
Que se eu fosse camarista
Podia á fama ir armando!

Mas um raciocinio falso
Não formei eu nesse estado;
Contra a empreza era precalço
Caminho que só *calçado*
Deixará de estar descalço;

E se o calçar pé mesquinho
Demanda tanto dinheiro,
Mesmo ao que anda em desalinho,
Como hade haver sapateiro
Que inteiro calce um caminho?...

Mas, sempre condescendente,
Em cousas d'alheia alçada
Não quero metter o dente;
Fique embora assim a estrada,
Que eu não sou impertinente.

Cuidem outros no futuro,
Lidando por varios modos,
Procurando o mais seguro;
Se é livre a lagrima em todos,
Eu choro, mas não censuro.

Inda agora eu vou notando
Que andei, como o cão vadio,
Aqui, ali farejando,
Em busca de mau desvio,
Bom caminho despresando!..

Tenho esta balda indiscreta,
E, d'uma ou d'outra maneira,

Sem fazer cousa completa,
Não dou direita a carreira!
— Nisto, ao menos, sou poeta!

Se esta fraquesa é notoria,
Aceita a confissão pura,
Desculpando a moratoria;
E agora vou, sem mistura,
Direitinho ao fim da historia.

Cheguei, a pesar de tudo,
Ao centro do grande Imperio;
— Se alguem me viu carrancudo,
Não cuide que sou tão serio
Como affectei por estudo.

Julguei eu que empavesado,
Com aspecto contrafeito,
Sem olhar para algum lado,
Infundia mais respeito,
Era menos *flauteado*.

Fui desgraçado na empresa!
La vem um, d'entre o alvoroço,
Gritando com asperesa:
„ Sorte grande, senhor moço,
„ Não volte o rosto á riquesa!

„ Sorte grande! Agora é certa!
„ Na loteria passada
„ Não quiz outro igual offerta,
„ A sorte foi premiada,
„ E elle anda de boca aberta! „

— Pois (disse eu) não compro agora :
Se vê que a sorte me toca
Guarde-a lá, ou deite-a fora ;
E, se quer, eu abro a boca,
Mas deixe-me, e va-se embora ! —

Deste apenas me safava,
E Deus sabe que alegria
Nesse instante me animava,
Quando a meu lado já via
Um outro, que me saudava!

„ Como passou ? Tem saude ?
„ Tenha paciencia, patricio,
„ Quiz poupal-o, mas não pude
„ Vou fazer meu beneficio,
„ Preciso de quem me ajude. “

— Saiba que não sou remisso ;
No entanto, se ha drama, ou farça,
Não acceito o compromisso :
Não sou actor nem comparsa,
Não posso *ajudal-o* nisso. —

„ Ora, meu caro, não tente
„ Recusar-se ao meu pedido ;
„ Acceite, e serei contente,
„ (Se inda o não tinha entendido)
„ Uma *cadeira* somente. “

— Ah ! — tornei, voltando o rosto :
Percebo-o, dessa maneira ;

Mas eu estou bem disposto,
Não preciso de cadeira;
Ando de pé, por meu gosto. —

„ Não brinque, tenha paciencia. "
— Não estou cá nesse dia.. —
„ Mas... desculpe a impertinencia:
„ Creia-o vossa senhoria,
„ Conto com a transferencia. "

— Muito bem, tenho entendido:
Se d'outra forma não cede,
Eu dou-me por despedido,
E o favor que hoje me pede
Fica tambem transferido.

Dous passos não tinha dado.
Lamentando a minha sina,
Farto de ser *flauteado*,
Quando, ao voltar d'uma esquina
Sou de novo abalroado!

Coberta com escomilha
Era a tal impertinente
Gorda mulher, de mantilha,
Que pela idade, apparente,
Podia ser mãe ou filha:

„ Sua bondade é notoria,
„ Meu senhor, mesmo a gaseta
„ Eleva seu nome á gloria:
„ Leia n'essa papeleta
„ Minha verdadeira historia! "

Fallando em tias, sobrinhas,
Paes, avós, primos e amigos,
Eram quatrocentas linhas,
Imitação dos artigos
Que fallam do *mal das vinhas*.

Li tudo, fui paciente,
E quando o papel lhe dava,
Tentando seguir em frente,
Eis que do braço me trava
A mulher impertinente:

„Faça favor (ella exclama),
„Não fuja dessa maneira:
„Veja que sou uma dama,
„Dê-me uma esmola, não queira
„Desmentir a sua fama!“

Maldita fama, que empalma
Das algibeiras as *notas!*
Mostrei que tinha boa alma,
E, dando sebo nas botas,
Fui refrescar-me da calma.

N'uma loja de bebidas
Fundeei, já fatigado;
Mas, inda ali, reunidas
Em dialogo animado
Vi pessoas conhecidas.

Fiz a todos comprimentos,
Sem soltar nem mais um pio;

Que, entre tantos rabugentos,
Se eu desse a ponta do fio
Estendiam-se os tormentos.

. . . . . .

A UM RETRATO.

> Triste objecto de magoa e de saudade
> Como em meu coração, vive em meus versos.
> JOSE' BASILIO DA GAMA.— *Uruguay*, Canto I.

Adeus, imagem querida,
Vaes deixar-me... fico só!...
Vou, sem ti, cançada vida
Rojar de novo no pó!
Tu erguias-me da terra,
N'um enlevo ameno e brando,
Para um céo que n'alma encerra
Quem sabe amar como eu sei:
Quem acha, a medo trilhando
D'amor a estrada espinhosa,
Como entre cardos a rosa
Um anjo, como eu achei!

Via-te ao romper o dia,
Quando tibia e frouxa a luz
Outra luz nos annuncia
Que mais tarde nos seduz;
No doce gozo enlevado,
Dando ao mundo o esquecimento,

Contemplava extasiado
Meigos encantos só teus,
E voava o pensamento
Da terra á mansão divina,
Quando a oração matutina
Mandava por ti a Deos!

Depois, nas lides terrenas,
Em que a vida é triste aqui,
Negras magoas, duras penas
Não me encontravam sem ti;
D'alma abatida as fraquezas,
As angustias do martyrio,
Da solidão as tristezas,
Quem as vencia eras tu;
Que se inspirava o delirio
Uma imprecação blasphema,
Chamavas-me em hora extrema,
Tocando-me o peito nú!

A' noite, quando em descanso
Tentava ao mundo fugir,
Da paz no doce remanso
Julgava ver-te sorrir;
E eu sorria ao teu sorriso,
Dos males não me lembrava,
E subia ao paraiso,
Da adoração no fervor:
Comtigo a noite passava;
E as horas eram momentos,
Em suaves pensamentos,
Em meigos sonhos d'amor!

E's o talisman que impera
Sobre o meu destino atroz;
Nem poder maior te dera
Ter acção, ter força e voz.
Se em tristeza esta alma geme,
Em dar-lhe allivio és constante;
Na afflicção, és como o leme
Sobre as vagas ao baixel;
Só te esqueço algum instante
Quando me mostra o destino
Esse ente quasi divino
De que és a cópia fiel!

E deixar-me!... E' crueldade
Que existas longe de mim;
Não me fujas, que a saudade
Póde vir matar-me assim!
A quem, nas intimas dôres,
Confiarei meus gemidos?...
Quem ha de, em horas de amores,
Minha tristeza affagar?...
Nos instantes insoffridos
Desta luta d'amarguras,
Onde acharei as doçuras,
Que te pedia, a chorar?...

E quem sabe, oh linda imagem,
Na despedida fatal,
Se esta ausencia da coragem
E' nuncia de maior mal!...
Será preságio?—Quem sabe?—
D'um desengano tremendo?...

Não será... perdão!... não cabe
D'um anjo n'alma a traição:
Vaes deixar-me, obedecendo
A irresistivel preceito:
—Trouxe-te amor ao meu peito.
Leva-te ao longe a razão!...

E no instante em que me deixas
São já inuteis meus ais,
Nem valem sentidas queixas
Que a mim te não prendem mais.
Vaes fugir-me, e quer a sorte,
Que me fez desventurado,
Ver escravo, inda que forte,
Quem feliz não póde ser!...
Soffrerei sempre calado.
Venham tormentos, embora,
Mas quero, ao deixar-te, agora,
Saudoso pranto verter.

Se perder-te era forçoso,
Porque hei de ver-te partir?...
Fòra menos doloroso
Que deixasses d'existir.
Antes com soffregos beijos
Apagar-te essa existencia,
Matando longos desejos
Que ardente amor inspirou,
Que supportar, pela ausencia,
Dôr que tanto dilacera,
Que já não mostro quem era
A quem contemple o que eu sou.

Vae-te... e conta á linda Elvira
Tristezas que viste aqui;
Quantas angustias sentira,
Quantas lagrimas verti;
Vae-te!... adeus!... foge depressa
Antes que fuja a coragem;
Antes que eu quebre a promessa
No delirio da expansão!
Ao anjo de que és a imagem
Em meu nome dize, jura
Que outra cópia mais segura
Conservo no coração.

SONETO.

POR OCCASIÃO DA INAUGURAÇÃO DO RETRATO DE A. HERCULANO NO GABINETE PORTUGUEZ DE LEITURA, NO RIO DE JANEIRO.

Salve! nobre escriptor, cidadão nobre,
Da honra e do saber typo eminente!
Curva-se a ti a lusitana gente,
Louvam-te o rude e o sabio, e o rico e o pobre!

Esse véo de modestia, que te encobre,
Rasga-o da fama a voz eloquente;
Mais foges da grandeza, independente,
Mais teu prestigio tem com que redobre!

Bemvindo sejas, pois, que é mais vantagem,
Teu nome tendo impresso na memoria,
Contemplar-te as feições na tua imagem!

Honra a ti, novo heróe da lusa historia!
Louvor aos que te dão justa homenagem,
E gloria ao *dia*, a que tu dás mais gloria!

VERSOS

RECITADOS NA NOITE DE 9 DE JUNHO DE 1866, NO THEATRO LYRICO FLUMINENSE.

Chamara a patria afflicta os filhos caros,
Quando ao longe escutou, lá d'entre as selvas,
No rugido feroz o insulto amargo!

Era a tremula voz do despotismo,
Que em solitarias brenhas escondido,
De raiva se estorcia, ao vêr nos antros,
Quebrando a escuridão, raios longinquos
Desse esplendido sol da liberdade,
Que, fulgente, illumina o mundo inteiro.
Qual se estorce o leão, fero e raivoso,
Se na escura caverna onde, só, vive,
Penetra o meigo som de humanas vozes,
Em cantos festivaes!

A' voz da patria,
Ergue-se a immensa prole, como se ergue
Do berço onde repousa, o tenro infante.

Se um gemido materno ao longe sôa,
E o desperta do somno em que jazia!

E lá partem! E a vingança,
Que aos máos incita o rancor,
Do patrio amor á lembrança,
Só lhes inspira o valor!
E caminham, que a saudade
Cede á voz da liberdade,
Cede ao canto marcial!
Nem vacillam, que a justiça,
Chamando os filhos á liça,
Vence o pranto maternal!

Tocando, ao longe, a rebate,
Retumba o som do clarim:
Começa, ardente, o combate.
Ninguem diz se tarda o fim;
Já no fragor da peleja,
Do corpo que alli fraqueja,
Alto espirito se esvae;
E o que heróe fôra na guerra,
Indo ao céo, deixa na terra
Os tenros filhos sem pae!

Envolvida em negro manto,
Chora a viuva, que é só;
Cobre-lhe as faces o pranto,
E' sem fructo o alheio dó;
E sem que a magoa se dome,
Vem o receio da fome,
Da miseria o medo vem;

Debalde a patria procura
Ser-lhes mãe, na desventura,
A tantos filhos que tem!

Mas tantos ais afflictivos
Não correm soltos em vão:
Que inda ha peitos compassivos
Onde bate o coração;
Na causa da humanidade,
Inda vem da caridade
O mais sólido tropheo;
E a crença não se desterra,
De que o bem, feito na terra
Encontra premio no céo!

SONETO.

Já não me encanta a lua, que, orgulhosa
Ostenta lá nos céos alinda fronte:
Nem me allumia o sol, que, do horisonte.
Derrama sobre a terra a luz formosa:

Já não me agita a brisa vaporosa,
Que brinca pelo prado, e pelo monte:
Não me entristece o murmurar da fonte,
Nem das aves a voz harmoniosa!

Não me attrahe a belleza de mil flôres,
Não me abala o estampido da procella,
Nem me intimida o mar, em seus furores:

Reina debalde a natureza bella,
Que, no meio de tantos esplendores,
Fecho os olhos ao mundo, e penso n'*Ella!*

SONETO.

De ti, dos teus encantos separado.
Não amo a distincção, desprezo a gloria:
Que só me apraz, na vida transitoria,
Passar doces instantes a teu lado:

Não desejo, no mundo laureado,
Do que fui, do que sou, leixar memoria:
Fôra triste nas paginas da historia
Meu nome, do teu nome desligado!

Busquem outros a fama apetecida
Que eu, preso ás garras de um destino austero,
Choro a esperança, que lá vae perdida:

Meu idolo és tu só! Eu te venero,
E, dos doces encantos desta vida,
Só quero o teu amor, mais nada quero!

A CAMPA.

Pobre campa! Essa apparencia
Jámais inspira o terror
Ao triste que, na existencia,
Não achou prisões de amor!
Receia-te o venturoso,
Que no mundo espera o goso
Sem cruas ancias finaes;
E é loucura esse receio,
—Que só no teu frio seio
Cessam magoas, cessam ais!

Morada eterna e segura,
Porque te encaram assim,
Se és principio da ventura,
Se da desgraça és o fim?
Só em ti acha guarida
O que teve, em toda a vida,
Tristezas no coração:
Finda em ti cruenta guerra,

Que és ao naufrago da terra
O porto de salvação!

Cercam-te prantos e queixas,
Vingam-se os homens em ti,
Que, soberba, aqui não deixas
Os que amados são aqui:
Louco, o mundo não conhece
Que a missão do céo te desce,
Que jámais imperas só:
—Deos ordena a ascensão d'alma,
E ao que vae colher a palma
Tu guardas, na terra, o pó!

A ARTHUR NAPOLEÃO.

(NO SEU ALBUM).

Vi-te no berço, de cabellos louros
Pela fronte espaçosa a esvoaçar;
Do genio revelando os mil thesouros
No gesto, no sorrir, no breve olhar!

Vi-te, cercado de amorosos laços,
Como brinco a passar de mão em mão:
Suspendiam-te agora, uns meigos braços
Ligavam-te outros logo ao coração.

Igual affecto sobre ti mantinha
De affagos maternaes o duplo ardor;
Esta era tua mãe... aquella a minha...
Era o sangue d'aqui, d'ali o amor.

Do berço ao palco, sem tremer, saltando,
Foste, innocente, ser gigante ali;
E a lyra, que inda a medo ia pulsando,
Fui depôl-a a teus pés, cantou... por ti!

Mas não póde parar genio fecundo,
Viver, florir, crescer, só entre os seus;
Soubeste que era tua patria o mundo
A patria foste vêr, disse-te — adeus.

E voaste, depois, de gloria em gloria,
E sempre excelso heróe d'amplo festim!
E eu?... Não queiras ouvir a minha historia
Não queiras, meu Arthur, chorar por mim.

Aves perdidas, no voar errantes,
Eis-me de novo, aqui, ao lado teu:
Mas... ludibrio de magoas incessantes,
Só te diz a apparencia que sou eu!

O ardor do enthusiasmo... arrefecido!...
A alegria de outr'ora... busco-a em vão!
O estro ousado... sem vigor... perdido;
Vive só, por meu mal, o coração!

Eu, que propheta fui do teu futuro,
Do que és hoje, entre nós, inda pasmei:
Contemplo-te, homem já, candido e puro
Vejo-te, inda creança, artista-rei!

Podesse, ao vêr-te assim meu pobre canto
Expandir-se, elevar-se e a ti chegar;
Chama-te a gloria além... corre-me o pranto
Só posso neste—adeus—por ti chorar.

Dezembro 1862.

N'UM ALBUM.

E' tarde—bem o sei— que o tempo foge!
Diz-me a consciencia que bem tarde vou;
Mas esta debil voz que escutas hoje,
Longa magoa ao silencio a condemnou.

Se, por momentos,em meus labios viste
Um ligeiro sorriso a esvoaçar,
Não vinha d'alma, desolada e triste,
Que só pungentes ais podia dar.

Eu tentava, occultando o meu tormento,
Deixar livre e risonho o teu prazer;
Nem deseja o que verga ao soffrimento
O pranto em olhos compassivos ver.

Eu via-te feliz, via-te amada
Por esse que te dera amor sem fim,
E tão doce alegria era cortada
Se houvesse em ambos compaixão por mim

Calei-me, que é mais grato á desventura,
Que se o véo desenrola inspira dó,

Achar na solidão só a amargura,
Dar expansão á magoa, e chorar só.

Mandaste-me cantar, quando só prantos
Eu podia verter, curvado á dor;
Foi debalde que á lyra pedi cantos,
Que não pode quem soffre ser cantor.

Se vês cantados em canções ligeiras
Do cantor infortunios que soffreu,
São da vida as tormentas passageiras,
E ao estro, nesse instante, a dôr cedeu.

No desalento d'alma, atroz, profundo,
Não esperes ouvir cantar alguem;
Que a verdadeira dor, longe do mundo,
Nas lagrimas o allivio apenas tem.

Só no passado o desditoso pensa,
Tormentos não concede iguaes aos seus;
A esperança não vem, vacilla a crença,
Chega-se quasi a duvidar de Deus!..

E vive o triste, como vive o arbusto,
Sem a consciencia, ao menos, ter de si;
Sadio o corpo, ali, vive robusto,
D'alma os tormentos são, longe d'ali.

Minha vida assim foi por longos mezes,
Todo o goso da terra abandonei;
Do negro sonho se accordei por vezes,
Saudoso, triste, se vivi... nem sei.

Debalde, nesses rapidos momentos,
Recordar-me o dever vinha a rasão ;
No dominio d'amargos pensamentos,
Tinha sempre mais força o coração.

Ergui-me agora; mas da dor o imperio
Inda me abate, nunca d'alma sae;
Qual a mão que me ergueu?.. Fundo mysterio
Em que a mente esvahida mais se esvae.

No exilio a divagar, sem luz, sem tino,
Que venturas a Deus posso pedir ?...
Viver, soffrer, chorar é meu destino,
Nem me é dado sonhar doce porvir.

Se risonhas canções arranco á lyra,
E' que o meu negro fado assim o quiz ;
Chorando, presto cultos á mentira,
E cuida o mundo que inda sou feliz !

Tarde cumpro um dever ; cedo não pude,
Curtindo magoas na tristeza, a sós;
Mas ingrato não sou—préso a virtude,
Submisso escuto da amisade a voz.

Peço perdão, se é tarde. Sê ditosa,
Longe d'espinhos que o destino traz:
Do amigo esposo carinhosa esposa,
Longa te seja a vida, em longa paz.

NÃO FUJAS!

> Primeiro será frio o fogo ardente,
> O dia escuro sempre, a noite clara,
> Eu veja, sem te ver, quem me contente.
> DIOGO BERNARDES.— *Ecloga IV.*

Não me fujas, Elvira! Não resiste
Um fragil coração a tanta dôr!
Quero-me ao pé de ti, sombrio e triste,
Quero vêr-me a teus pés, qual já me viste,
Quero a vida nutrir do teu amor!

Entre susto e esperanças, indeciso,
Outr'ora eu dera ao mundo a maldição;
Mas vi nos labios teus meigo sorriso,
Julguei-me transportado ao paraiso,
Sem deixar a terrena habitação.

E a mente, que desvaira, aqui não erra,
Que todo o alento meu provém de ti!
Triumphei, das paixões na viva guerra;
Contemplo, se te adoro, um céo na terra,
Se os anjos são do céo, é céo aqui!

Mas tu foges... e a nuvem da saudade
O brilho deste céo virá toldar;
Minha alma ficará na escuridade;
—Sem vir dos olhos teus a claridade
Olhos eu só terei para chorar.

E não posso... que é d'alma este meu pranto,
E ha de o corpo delir, sempre a correr:
E eu quero a vida, a que tu dás encanto;
Se com ella findar amor tão santo,
Quero escutar-te um—ai—depois... morrer!

Não me fujas, Elvira! Não resiste
Um fragil coração a tanta dôr!
Quero-me ao pé de ti, sombrio e triste,
Quero vêr-me a teus pés, qual já me viste,
Quero a vida nutrir do teu amor!

AO Sr. A F. DE CASTILHO.

A ti, oh! grão cantor, genio inspirado,
A ti, prestante heróe, Castilho egregio,
Os sons vou consagrar da pobre lyra!
Da mente hoje desterra os sons cadentes,
Que soltado já tens da lyra d'ouro!
Do fugaz perilampo a luz não brilha
Onde fulgem do sol argenteos raios!
Mas ouve o rude canto que, — nascido
N'um peito onde referve o amor á patria,
A' patria, que foi meu, que foi teu berço,
A' patria que ao nascer julgaste em trevas,
E co'a luz do saber hoje illuminas, —
Se eleva a teos ouvidos, onde é grata
De um luso coração a voz sincéra.

Deus concedeu-te a magia,
O poder de adivinhar:
Fadou-te rei da poesia;
Deu-te a lyra p'ra cantar.

E cantaste a — Primavéra, —
Com essa voz que eu quizera
Da rude lyra extrahir!
Cantaste o vasto horisonte,
A campina, o prado, o monte,
A flôr que não vês florir!

E quem póde, extasiado,
Escutar os cantos teos,
Que te não creia inspirado,
Mas inspirado por Deus?
Que torrentes d'harmonia!
Que— amôr e melancolia —
Que esparges n'essas canções!
E's na doçura um Bocage;
E's um Camões na linguage:
Serás na sorte um Camões!?...

Prosegue, prosegue no trilho encetado,
Derrama nos povos proficua instrucção;
Embora não sejas á gloria elevado
Nos braços dos filhos da lusa nação!

Não sabes, poeta, que os genios aviltos
Jámais n'este sólo costumão fulgir?
Que exhausta as forças, ao fado captivos,
A vida succumbe, p'ra o genio subir?

Serviços á patria quem póde negar-te?
Quem tem grangeado tão altos brasões?
E quando ganhadas não foram d'ess'arte,
Que valem grandezas? que são distincções?

Se a fronte não tens adornada de louros,
Se d'altas fadigas não tens galardão,
Teu nome gravado verão os vindouros
Nos peitos dos filhos da luza nação.

Avante, pois, oh! poeta!...
Vai guiando pela mão
A tua patria dilecta
P'ra longe da escuridão!
Vai, com teus cantos sentidos,
Nos peitos endurecidos
Abrandando essse rigor;
Prepara-os para abraçarem
As acções que te inspirarem
Teu engenho e patrio amôr.

Olvida o fim desditoso
Dos heróes d'este paiz.
Que hasde ser mais venturoso
O coração já me diz.
Hasde, sim, que os lusos povos
Vão nutrindo alentos novos,
E por ti hão-de pugnar.
No teu ardôr não abrandes,
Que hão-de — governos e grandes —
Aos teos brados acordar.

E subindo-lhe á memoria
Tantas obras immortaes,
Teos bellos — quadros d'historia —
E teos versos divinaes,

Hão-de c'roar-te de louros,
Dispensar-te mil thesouros,
Apertar-te ao coração!
Hão-de um heróe proclamar-te,
Hão-de ás nuvens elevar-te
Nas azas da gratidão.

Mas se quanto aqui predigo
Não fôr mais que um sonho meu;
Se inda o mau fádo comtigo
Exercer o imperio seu;
Não perca o povo mesquinho!
Vai-lhe apontando o caminho
Da sciencia em que és immortal!
Prosegue, nobre Castilho!
Avante, mostra que és filho
Do teu e meu Portugal.

AO MEU AMIGO BERNARDO JOSÉ NOGUEIRA.

POR OCCASIÃO DA MORTE DE SUA ESPOSA.

Cubra-se hoje de luto a pobre lyra,
E aos gemidos ajuste o canto seu
Dessa metade d'alma, que suspira
Longe d'outra metade que perdeu!

Descendo, anjo d'amor, do céo radiante
Veio á terra ostentar seu explendor,
Abrindo ao sentimento o peito amante,
Valioso cofre de virtude e amor.

E, fiel á missão que o céo lhe dera,
Sem ter,—esposa ou mãe—no mundo igual,
Ninguem na juventude assim podera
O seu nome tornar grande, immortal!

Mas, como o brilho de nascente estrella
Cede á sombra das nuvens, e se esvae,
Ou como a roza, delicada e bella,
D'uma rajada ao sopro, murcha e cae;

Assim esse anjo, no verdor dos annos,
Tendo quanto na terra póde haver,
A existencia findou entre os humanos,
E na patria celeste foi viver!

E os fructos desse amor, em tenra idade,
Ao paternal abrigo abandonou;
Legou ao caro esposo atroz saudade,
E a quem no mundo a vio, magoa deixou.

Cubra-se hoje de luto a pobre lyra,
E aos gemidos ajuste o canto seu
Dessa metade d'alma, que suspira
Longe d'outra metade que perdeu.

AMOR SEM FIM.

Como se amavam essas grandes almas!
Que verdes palmas que esse amor lhes deu!
Tanto não fôra Julieta amante,
Que tão constante nem o foi Romeu!

Fracções dispersas de partida esphera,
Nenhum dissera ser metade só;
Viram-se um dia — tão iguaes se viram,
Que ali se uniram n'um estreito nó!

No chão da vida só pisavam flôres!
Que amor! Que amores! Que prazer sem fim!
Dizei-me, oh anjos das mansões celestes!
Se lá tivestes um amor assim!

Ambos entregues á ventura extrema
Que a lei suprema suffocar tentou,
Cegos, illusos, nem sequer pensavam
Que um céo sonhavam!... E o sonhar findou!

Ai!... Quantas vezes fulgurante dia,
Que á terra envia festival prazer,

Lega, ao finar-se, tormentosa noite,
Funesto açoite, que nos faz tremer!

Assim, oh tristes, vosso lindo sonho
Foi tão risonho quanto foi veloz;
Era loucura!... Ter aqui vivido
Sem n'um gemido desprender a voz!...

Oh! não, que um dia, sobre escuro leito,
Partem d'um peito gemebundos ais;
E ao lado a triste, de pavor, de susto,
Domina, a custo, convulsões fataes.

O mundo esquece, que adorou outr'ora,
Que a dôr agora só a tem de pé,
Toda cuidados, orações, blandicias,
Amor, caricias, caridade e fé!

Baldado esforço!... que o juiz supremo
O dia extremo decretara já;
Recrescem ancias nos finaes tormentos,
Restam momentos... que pedir—não ha!...

Aos olhos baços da fiel consorte
O anjo da morte, a voejar, passou...
Já fria, a triste, de pavor transida,
Cahio... e erguida... recahio... ficou!...

E um côro de anjos, a sorrir, saudava
Mais um que entrava na feliz mansão...
Após momentos, sem saber, o esposo
Voava ao gozo de eternal juncção!...

Fugiram ambos! que ao amor que deram
Ambos quizeram immortal tropheo:
Deve quem n'alma tal amor encerra
Morrer na terra, para amar no céo.

A ABELHA.

> Garde-toi d'avouer, pour l'honneur de ton nom,
> Qu'un aussi long opprobre a souillé ta maison.
>
> BOILEAU.

A timida abelha fugio da colmeia,
Sedenta de gozo, no prado voou;
De um cardo attrahida, vacilla, rodeia,
Descendo, subindo... lá cede... pousou!.

Pousou... ficou presa;—se o cardo a afagava
Com falsos carinhos, fingindo-se flôr,
A louca da abelha mais firme pousava,
Tomando as astucias por mimos d'amor! ..

Teimosa, atrevida, picou-se... coitada!...
Mas era baldado fallar-lhe em fugir;
Chorando a loucura, de magoa ralada,
Julgou-se no abysmo, ficou... deixou-se ir!...

As outras abélhas, por ella soffrendo,
Chamavam... pediam... chamavam em vão:
Soffria os tormentos, mas ia vivendo
Na planta pendida, já perto do chão.

Nas forças alheias salval-a não cabe;
Ninguem a insistencia lhe póde entender...
Mysterios d'abelhas !... mysterios... quem sabe
Se espinhos do cardo lhe davam prazer ?!...

Levantam-se os ventos, o céo já negreja,
Trovão furibundo no valle estalou;
E o raio, que desce, tão perto rasteja,
Que em poucos momentos... o cardo tombou !...

Quem sabe se a abelha, chupando outras flôres,
Trazia venenos filtrados em si,
E o plano assentava de novos amores
No putrido cardo, vasando-os ali !...

. . . . . .

. . . . . .

Liberto de espinhos, um pallido lyrio
Que a triste só vira nutrir-se de fel
Doendo-lhe angustias de alheio martyrio
Lá foi, compassivo, levar-lhe o seu mel !...

E a abelha sequiosa de nectar tão vivo,
Do cardo esquecida, sorveu quanto quiz...
Que o pobre do lyrio, da abelha captivo,
Lhe dava os perfumes, e a flôr, e a raiz

E a ingrata, bem cheia, cedendo ao destino,
Correndo outros campos, jurou de voltar;
Quem sabe se dentro no peito ferino
Traição impiedosa sentia brotar!...

E a abelha, já mestra, dos fados isenta,
Que outr'ora culparam do mal que ella fez.
Captiva do vicio, de goso sedenta,
Pousou n'outro cardo... prendeu-se outra vez!

O lyrio era rôxo, não era dourado,
E o cardo, côr de ouro, na côr a prendeu
E o pobre do lyrio, que o soube, coitado!...
Pendeu, desbotou-se, murchou, feneceu!

. . . . . .
. . . . . .

Não pensa a perversa que Deus a fulmina
Que o brando socego d'ingratos não é:
—Mas cedo veremos a abelha assassina
Morrer esmagada debaixo de um pé!...

ESPERA !

Que exiges, coração, que tanto imperas
Sobre a fragil razão, que n'outras eras
Altiva dominou ?
Porque te envolves nesse escuro manto ?
Porque aos olhos me envias este pranto
Que a magoa em ti gerou ?

Porque succumbes á voraz tristesa,
Desmentindo, covarde, a naturesa
Que em ti já vira o mundo
Com tão robusto ardor ?
Como n'um cahos profundo
Lançar-te pode o amor ?

Tu amas, coração, e amor tão puro
Se um passado não tem, olha o futuro.
Espera, e cáe em Deus ;
Não offendas o céo, que é desatino
Do seu valor descrer, ver o destino
Guiando os passos teus .

Pensa nesse anjo que submisso adoras,
E em cada pulsação contando as horas,
Verás que o tempo corre
Deixando a crença em pé:
Nunca a esperança morre
Se vive n'alma a fé.

Vês da vida na estrada só abrolhos
Porque a pallida luz d'uns meigos olhos.
Que viste já brilhar
Debalde expande ao longe o casto brilho,
E o teu agreste, longo, e rude trilho
Não pode allumiar.

Quem sabe se do amor que te alimenta,
Que a vida ampara em ti, de amor sedenta
Na ausencia que te esmaga
Se nutre a doce luz;
Se o pranto a não apaga
Correndo aos pés da cruz?

Vence altivo a cruel melancolia:
Não seja noite para ti o dia,
Envolto em negro véo:
Pede á solida crença que te aponte,
Rompendo as vastas nuvens do horisonte,
Um anjo a vir do céo.

Deus, que protege só castos amores,
A's saudades crueis, ás cruas dores
Que o mundo tornam ermo
Dará compensação.
— Já perto vem o termo —
Espera, coração.

SONETO.

Meia noite bateu, e o somno amigo
Não vem cerrar-me os olhos fatigados;
Negros phantasmas vejo levantados
Neste da vida ephemero jazigo.

E eu sei porque o repouso não comsigo
Para os membros, que sinto já cançados:
—Meus instantes á dôr foram votados,
E eu podera, talvez, sonhar comtigo!

Neste sonho em que luto, assim desperto,
Domina-me de amor o sentimento,
Tenho á saudade o coração aberto.

E é só minha ambição, meu pensamento,
Vêr-te, beijar-te, ouvir-te e crer que é certo
Que pensavas em mim neste momento!

SONETO.

E' bella a noite assim. No firmamento,
Das estrellas a luz frouxa lampeja;
Tepida, a brisa a ciciar bafeja,
Brando preludio de futuro vento.

Cede a face do mar ao movimento
Da aragem que, de leve, rumoreja,
E a nuvem passageira, se gotteja,
A' branda oscillação vem dar augmento.

Mas o abysmo que a humana linguagem,
Sem minha alma sondar, chamou tristeza.
A saudade o tornou funda voragem.

Insensivel contemplo a natureza,
Que onde não resplandece a *tua* imagem,
Falta no quadro a principal belleza!

NA PRIMEIRA PAGINA DE UM ALBUM.

Vae, oh pobre viajante,
Do mundo a mina explorar
Que é teu fado andar errante,
E á custa alheia brilhar!

Corre avante, e não te assuste
Um contratempo encontrar,
Que é mister que um dia custe
Para n'outro se gozar.

E, se é certo que dos velhos
Podem lições dimanar,
Acceita os uteis conselhos
Que neste adeus te vou dar.

Não queiras amargos dias
No fim da vida contar!
Despreza as más companhias,
Escolhe, que has de acertar!

Só d'amizades selectas
Se póde lucro tirar:
—Foge, foge aos máos poetas!—
(Quando o meu sermão findar.)

Não pretendas ser esquina
Onde venham namorar
Esses, que á sua menina
Versos fazem, sem pensar.

Foge ao que, de zelo cheio,
Só é poeta a chorar:
—Para enchugar pranto alheio,
Não és lenço d'assoar!—

Nem papel, onde o estudante,
Que inda aprende a desenhar,
Venha, a medo, vacillante,
Rombo lapis ensaiar.

Nem folho de travesseira
Onde, por menos gastar,
Venha nova bordadeira,
Inda tremula, estudar.

Nem parede, mal ornada,
Onde venha pendurar
O que de seu não tem nada,
Estampa que foi comprar.

E se tens animo nobre
Vae affouto navegar.

Que, embora comeces pobre.
Has de bem rico voltar.

Boa viagem, bom vento,
Fresco tempo e manso mar!
Deus te leve a salvamento,
Sem risco de naufragar!

Agosto 1858.

A EMILIA DAS NEVES.

Adoravam-se outr'ora os falsos deuses,
Quando, na escuridão, povos incultos,
Curvando a fronte aos pés d'altiva estatua,
Alma lhe davam, na oração piedosa,
Sinceras oblações, votos sinceros,
Doces cantos d'amor, preces ardentes,
—Porque outra imagem, outro Deus não viam!—
Eis que o *fiat lux*, decreto ethereo,
As trevas dissipou, banhando em ondas
De mirifica luz todo o universo,
Erpargindo o clarão da fé, na terra,
Outro mundo apontando, além do mundo!

Desvendaram-se os olhos, e á tristeza,
Ao sombrio pavor, ao luto d'alma,
O prazer succedeu, puro e celeste.
A estatua baqueou, porque era falsa,
Obra d'homens, a base em que se erguera
E é sómente immortal a sã verdade,
Onde o toque se vê da mão divina!

Cahiram gerações, outras surgiram,
E do progresso á luz, vivida sempre
A vista se espraiou, arrebatada,
Em largo espaço, em horisontes novos
E o homem, reflectindo em sua essencia,
Ao vêr do Creador, em si, a imagem,
A fronte levantou, que hoje, só, livre,
Se curva a Deus, no céo, na terra ao genio!

Da nova geração, filhos, nós vimos
A aurora despontar da liberdade,
Que os homens nivelou, dando a bem poucos
Aureos thesouros, no fulgor do engenho,
Pelas leis da virtude, alto dominio!
Se á purpura real prestamos cultos,
E' que, della atravez, sentimos, brando,
Lá no peito do rei, coração d'homem;
E' que a fronte real, como a do povo,
Se curva a Deus, no céo, na terra ao genio!

E tu, eximia actriz, trouxeste n'alma
Celeste emanação, fogo divino,
Que os olhos deslumbrou do sabio luso
Que erigira a Camões padrão eterno!
Do mimoso cantor filha mimosa,
Viste o amor paternal, a ti e ás artes,
N'alma, e nos labios, desse vulto immenso.
Elevou-te Garret ao regio solio,
Rainha te elegeu, beijou-te a dextra;
E onde a lingua se falle, em que fallara.
Com voz quasi divina, o vate egregio,

O sceptro empunharás, na scena, altiva;
Nem vandalica mão póde, impotente,
Abalar-te os degráos do throno excelso!

Da inveja filhos, só, que importam zoilos!
Revôa em torno á luz mesquinho insecto,
Que da attracção a origem desconhece;
E tentando esconder nas azas debeis
Essa vivida chamma que o deslumbra,
Fulminado, lá cae;— e o facho ardente,
Levemente agitado, oscilla apenas,
Espargindo fulgor mais deslumbrante!

Dorme, placido, o mar, qual manso lago,
Dos astros reflectindo o immenso brilho;
Mas, grande em seu poder, tremulo, cede
Ao brando perpassar da branda aragem,
E a leve ondulação da brisa leve,
Inda mais lhe realça a magestade!

Raio do sol da patria, em terra estranha,
E' duplo o teu fulgor aos nossos olhos!
Essas palmas virentes, que te adornam,
No viço, aroma e côr, a patria lembram.
O berço que foi teu, foi nosso berço;
Saudade, que hoje tens, saudade é nossa;
A gloria que te exalta, é nossa gloria;
E os affectos que pintas, sobre a scena,
Ardentes e reaes em nossos peitos,
A ternura, o respeito, o goso, a magoa,
O pasmo, o orgulho nos despertam n'alma!

Se, no palco, um throno regio
Te aponta do genio a mão,
Desce d'alto o privilegio
Que te guia na ascenção:
Longe a actriz, és só rainha,
E o povo, que se avisinha,
Nem de ti se lembra mais;
—Que o fascinam tuas galas,
São regias as tuas fallas,
Os teus gestos são reaes!

Quando, ao vêr-te na eminencia,
Treme o povo, ao lado teu,
Quem sabe se é d'arte a ausencia,
Ou se o respeito o prendeu!
Grande, altiva e magestosa,
Quem sabe se a actriz famosa
Está vendo o povo ali?...
Quem sabe se te conhece,
Se da irmã d'arte se esquece,
Como te esqueces de ti?

Perde o artista a liberdade
Quando, vassallo, a teus pés,
Ao sentir-te a magestade,
Vê quem pintas, não quem és;
E é tão pura e viva a imagem,
Que, se dicta a personagem
Leis austeras, brandas leis,
Assim, dentro em nossos peitos,
Ou aos reis se negam preitos,
Ou redobra o amor aos reis!

Da artista a missão termina,
O imperio d'arte acabou;
Mas inda o vulto fascina,
Inda a illusão não findou:
Ao descer do regio solio,
Tens, em novo capitolio,
Teu reinado mais feliz;
E á tua gloria suprema,
Cede a rainha o diadema,
Deixa-o na fronte da actriz!

Da fé na exaltação, mulher d'antigas éras,
O sangue teu referve, é fogo o teu ardor;
Eleva-se a alma, pura, ás eternaes espheras,
Em terra o peito arqueja, ardendo em puro amor!

E os olhos, que a ternura exprimem no quebranto,
Se dentro impera a magoa, effeito da paixão,
Agora, sem doçura, abertos e sem pranto,
Fuzilam como o raio, annuncio do trovão!

E a voz, dote do céo, que, meiga e tão sonora,
Na timida fraqueza encerra alto poder,
Vibrante de tremor, possante e forte, agora,
Os échos longe acorda, e os homens faz tremer!

E o braço feminil, que a mão da natureza
Formara só propenso a affagos maternaes,
Empunha o duro alfange, e, erguendo-o com destreza,
Derruba, a golpe fero, orgulhos collossaes!

E vencedora, emfim, respeito inspira, e pasmo,
A tragica figura, altiva estatua em pé:

E gosam do triumpho, em vivo enthusiasmo,
A intrepida virtude, a patria, o amor, a fé!

E nós, que ao escutar-te o fremito medonho
Trememos, divagando em mar de sensações,
A actriz vêmos então, e ao despertar do sonho
Cahimos a teus pés, erguendo-te ovações!

O que a patria deixou, quando a infancia,
Com seu doce cortejo, fugia,
Sem pensar que o prazer, a alegria
Lá na patria deixava ficar;
Que ao sentir, apertado com ancia,
Longo abraço—talvez derradeiro!—
Foge, louco, e seu pranto primeiro
Vê cahir sobre as aguas do mar.—

O que, ao ver-se na tolda, isolado,
Busca a terra, que aos olhos fugindo,
Inda, em rolos de fumo, subindo,
Denuncia o cantinho do lar;
E, do lar, mais e mais afastado,
Quando a patria, de todo, fugira,
Se do céo, triste, os olhos retira,
Pousa a vista nas aguas do mar.—

Que trazendo dos seus, viva, a imagem,
Entalhada no peito saudoso,
E, chorando n'um dia formoso,
Passa a noite, sósinho, a chorar,
E no fim de tão longa viagem,
De saudades, de magoas tão cheia,

Vê d'um lado, a chamar, terra alheia,
D'outro lado, só aguas do mar. —

Ai... são estes, que tem na memoria,
Lá da patria, os triumphos da artista,
E, orgulhosos, a nobre conquista
Só de longe podiam saudar.
Ai... são estes, que, á luz dessa gloria,
Vendo, ao largo, surgir o teu vulto,
Anciavam, por dar-te o seu culto,
Vêr-te livre das aguas do mar!

Somos nós, os que ao vêr-te na scena,
Triste, agora, de um filho saudosa,
Logo, alegre, com elle extremosa,
E outra vez de receio a chorar,
Nos lembramos da voz, doce e amena,
Que, na infancia, tão meiga escutamos,
E, n'um sonho, comtigo voamos,
Esquecidos das aguas do mar!

Se borbulha em teus olhos o pranto,
Se a teu filho dás meigas caricias,
Se repartes, com elle, delicias
Que só alma de mãi sabe dar,
Vem de novo, nas azas do encanto,
A lembrança dos gozos d'outr'ora,
E medir nem sabemos, agora,
Esse espaço das aguas do mar!

E ao findar este enlevo das almas,
Novo enlevo na artista apparece,

E se a doce illusão não esquece,
Mais o orgulho nos vem dominar
Que te lembrem os bravos, e as palmas,
Que te damos, que ao genio se devem,
Quando os fados á patria te levem,
Sobre o dorso das aguas do mar!

As luzes fulgem vividas;
Fulguram vivas côres;
Vecejam bellas flôres,
Encanto dos jardins;
E os ramos das camelias,
Tão varias, e formosas,
Vencendo as lindas rosas,
Excedem os jasmins!

Pendentes d'alta cupula
Ondêam, fluctuantes,
Cortinas, deslumbrantes
Na tela e no lavor;
Coxins de seda, flacidos,
Convite á indolencia,
Revelam a opulencia
No brilho multicôr!

Dispostas sobre o marmore
As porcellanas bellas,
A primasia é dellas,
Não tem ali rivaes;
E os liquidos balsamicos,

Que encerram mil perfumes,
Reflectem vivos lumes,
Nas faces dos crystaes!

E o luxo ali, phantastico,
Mysterio nos encobre:
Recinto bello, e nobre,
De fadas é mansão?
Será morada esplendida
De incognita princeza?
De prodiga riqueza
Será capricho?— Não.

Lá entra a dama, pallida,
Esbelta e graciosa;
Da face a côr, da rosa,
Ha muito desbotou;
Não tem a graça timida
De candida donzella;
Deixára de ser bella,
Bellissima ficou!

Mulher formosa e candida
Provoca a desventura,
Se é tanta a formosura,
Que o seductor seduz;
E aquella, tão sympathica,
Na idade florescente,
Vestal inda innocente,
Deixou morrer a luz!...

E em noite escura, e tetrica,
Tocára, em trilho rude.

Abysmo, em que a virtude
Aos olhos se occultou;
E a triste, achando, pavida,
Na mão do vicio um guia,
Sem ver, jámais, o dia,
Nas trevas se embrenhou!

Da estrada já no termino,
Surgio-lhe a luz formosa:
—Se pura, se enganosa,
Não pôde, incauta, vêr;—
Ebria de goso, attonita,
Só vio, na mocidade,
Por lei, a liberdade,
Por idolo, o prazer!

Depois, ao vêr, extatica.
O brilho que a cercava,
Os cultos que chamava,
Rainha em seu festim,
E de fallaz thuribulo
Gosando o vil perfume,
Subio no vicio ao cume,
Desceu do abysmo ao fim!

Reinava o vicio, indomito,
Naquella infausta vida;
E á dama que, illudida,
Corria á perdição,
Não disse um sonho lucido.
Ou lucido presagio.
Que desse atroz naufragio
Ficava o coração!

Ficou. E a dama, livida,
Do goso já fugia,
E, triste, succumbia
A nova, estranha dôr;
Que n'alma, inquieta e fervida,
Que fôra o seu supplicio,
Sahindo, frio, o vicio,
Entrára, ardente, o amor!

Pobre innocente, que ao fugir da infancia,
Correu, com ancia, da ventura após;
E, ebria de goso, na cançada luta,
Só hoje escuta de sua alma a voz!

Cega, illudida, nem pensára, a triste,
Que amor existe, que dá vida amor,
Que, se é partilha da virtude o goso,
Vicio, enganoso, só partilha a dôr!

Correndo, louca, do prazer na ardencia,
A propria essencia nem sentio, sequer;
Anjo nascêra, mas, no mundo errando,
Viveu, cuidando que era só mulher!

Curvada agora ao desaleuto, soffre,
Que, n'alma, um cofre se lhe abrira, em ais;
Presinta, embora, ter alli thesouro
Que, em cofres d'ouro, não achou jámais!

Atheu, que a fronte levantar não ousa,
Se, alfim, repousa no sopé da cruz.

Livre, nas trevas em que cega andava,
Sente-se escrava, no fulgor da luz.

Do mundo o escarneo, que não vio outr'ora,
Receia, agora, quando surge em pé;
Justo receio que, inda orando, sente
Fraco descrente, que abraçára a fé.

Frouxa, abatida, no lethal quebranto,
Sulcos do pranto já na face tem;
Salva do vicio, nem do mal se esquece,
Chora, e padece, quando chega o bem.

Ama deveras, e esse amor terrivel
Torna impossivel o surgir do pó;
Vendo o passado no horisonte, escuro,
Olha ao futuro... mas vê trevas só!

Sorrindo á vida, que lhe foi delirio,
Trouxe o martyrio por fatal condão;
Foge ao naufragio, e ao chegar ao porto,
Perde o conforto, na infeliz paixão.

Um pai, afflicto, por seu filho chora,
Supplica, exora, de joelhos cae;
E, ella, do amante desprendendo os laços,
Lança-o nos braços do extremoso pae!

Ai!... Que tristezas, ao findar a historia!
Que immensa gloria, que esse fim lhe deu!
Triste, saudosa, só de si se esquece!
Chora... padece... chora mais... morreu!...

Morreu! Cae o panno!
E nós, despertamos;
Mas foi sonho insano?
Que foi? Onde estamos?
Que vimos aqui?

E a dama, formosa
De mil esplendores,
Altiva, e graciosa,
Brilhando entre flôres,
Que, ha pouco, era ali?

E o modo singelo
E a voz argentina,
E o riso tão bello,
E o olhar, que fascina,
Que excita a paixão?-

E o garbo imponente,
E a airosa postura,
E o gesto indolente,
E a doce brandura?
—Foi tudo illusão?—

E a terna amante, que ensina ás bellas,
O que é ternura, que importa amor,
E que as mimosas, castas donzellas,
Vence, em doçura, vence, em amor?

E aquelles olhos, outr'ora vivos,
Agora frouxos, em languidez?

E os gestos nobres, tão expressivos?
Daquellas faces a pallidez?

E a voz suavissima, encanto d'alma,
Que traz doçuras ao coração?
E do martyrio cortante palma,
Por mão colhida de atroz paixão?

E a magestade, no sacrificio,
Da que se mata, ficando em pé,
Da ambição longe, longe do vicio,
Votada á morte, votada á fé?

E aquelles prantos, na dôr suprema,
Buscando leitos onde correr,
Porque a, das carnes, magresa extrema,
Não deixa o curso, livre, romper?

E a voz, perdida, soltando apenas
Arrancos tristes, quasi finaes,
Negando á lingua fallas amenas,
Negando ao peito profundos ais?

E as mãos de neve, já descarnadas,
Que mal exprimem acenos seus,
Nem podem, frouxas, da fé guiadas,
Supprindo a falla, fallar a Deus?

E aquella morte, roubando á vida
Joia formosa de puro amor;
E a vida, triste, quasi vencida,
Pedindo á morte mais larga dôr?

E, agora, os olhos em doce calma...
E. logo, envoltos em denso véo...
Por fim, cerrados, sem verem a alma
Fugir da terra, voar ao céo?

Foi tudo engano, tudo mentira,
Que um povo inteiro sonhou tambem?
Sonharam todos? Ninguem a vira?
Quem era a dama?... Não diz ninguem?

Responde a fama altiva: „Era o talento,
„Prodigio d'arte, unido ao sentimento,
„Era o genio da actriz!
„Era um nome eternal na lusa historia!
„Era a gloria da scena, a vossa gloria!
„A gloria de um paiz!

„Tem a grande Rachel a sua França!
„Ristori tem a Italia! E na balança
„Não ha genios iguaes!
„Gosem, dos povos seus, cultos profundos!
„Tem cada qual um mundo?—Esta, em dous mundos
„Impera, sem rivaes?"

„Artista! Se estes bravos, e estas palmas,
Não dizem quanto sentem nossas almas,
Pela patria, e por ti,
Este povo, que adora a liberdade,
Que nem sempre se curva á magestade,
Eil-o, curvado, aqui!

Vem depôr, a teus pés, offerta pobre,
—Debil recordação, de um povo nobre,
Lá na terra natal!—
Deixas, mais opulenta, em doce abraço,
Dous nomes, immortaes, presos n'um laço:
EMILIA—e—PORTUGAL!

FABULA.

Todos sabem (não eu) que em tempo antigo
Não só fallavam homens e mulheres,
Mas tinham da palavra o dom famoso
Bicharôcos horriveis, lindas aves,
Verdes arbustos, variadas flores,
Rochedos, terra, mar, quanto ha no mundo,
Sem mesmo exceptuar os artefactos.
E' por isso que a velha antiguidade
Collegios nunca viu de *surdos-mudos*
Nem as sisudas regras d'oratoria
Que mais tarde nos dera o grande Horacio.

Por fim, era tão grande a grasinada
Que ninguem neste mundo se entendia,
E alguns, que do *cavaco* mais gostavam,
E excepção pretendiam ter honrosa,
Porque o meio não tinham da revolta,
— Mais tarde pelos homens inventado, —
Mansamente pediram providencias.

Foi attendida a supplica—um decreto
Mandou logo metter a falla ao bucho
A muitos membros que contava a immensa,
„ Famosa geração de falladores, "
Mais famosa, decerto, e mais massante
Do que outra que, depois, achou *Bocage*.
— As leis eram então, já, illudidas,
E alguns brutos, felizes, só por terem,
Com os homens, nas formas, semelhança,
Inda no goso estão do privilegio,
E os ouvidos nos massam, impiamente,
Dia e noite fallando, em prosa e verso !

Antes disso, n'um dia se encontraram,
Segundo me constou por via certa,
Uma—*bota*—e um *chapéo*—que, no caminho,
De razões se travaram, começando
Um cavaco animado, em que as injurias,
Como agora na imprensa, referiam.
Modesto passageiro, que escutara
O combate mordaz dos contendores,
A noticia me deu, que vos transmitto. —
Ou seja o conto exacto, ou falso em parte,
Vêde o que dizem—

—O CHAPÉO E A BOTA :

Chapéo.

Choro, bota infeliz, a negra sorte
A que foste no mundo condemnada !
Andas em vida procurando a morte,
Nas ruas, pelas pedras arrastada !

Bota.

Sou arrastada, é verdade;
Mas esse mal não lamento
Quando, cheia de vaidade,
Sou pedestal do talento.

Chapéo.

Pedestal do talento?— Ouve, orgulhosa,
— Se disso o orgulho teu se desvanece:—
De cupula eu lhe sirvo, e á fronte airosa
Meu vulto respeitavel prevalece!

Bota.

Mas nota que o bem-creado,
Se outro, que respeita, encara,
Para ser mais bem tratado
De si logo te separa.

Chapéo.

A'quelle a quem resguardo, a fronte enfeito,
E por isso me vejo em grande altura;
Se o tirar-me um signal é de respeito,
Lamentemos dos homens a loucura.

Bota.

Loucura que te incommoda
Não queiras que eu a conheça;
Bem sabes que ando, por moda,
Na parte opposta á cabeça.

Chapéo.

Falla sem mim aos grandes o homem fraco;
Mas se elle graduasse a cortezia,
Despindo ante os burguezes o casaco,
As botas ante a plebe tiraria!

Bota.

Quem desse modo argumenta,
Sem convencer, aborrece;
Quando a verdade se ausenta
E' que o sophisma apparece.

Chapéo.

Mas sustenta a verdade que o meu posto,
Pela altura em que estou, é sempre nobre,
Em quanto a vida passas em desgosto,
Calcada pelo rico e pelo pobre!

Bota.

Mas deixas o posto altivo,
Ficas em rude aposento,
Quando lusido attractivo
Nos grandes salões ostento.

Chapéo.

Mas em quanto na dança és estafada,
E os tormentos que soffres não são poucos,
Inda então minha sorte é invejada,
Descanço, e livre estou de aturar loucos.

Bota.

E eu, se algum louco me cança,
Da folia nos ardores,
Tenho o praser da vingança
Obrigo-o a gritar com dores!

Deu fim á luta o vento descomposto,
Que o chapéo arrojou longe, á ventura;
Venceu a bota, que anda mais exposto
Quem no mundo se eleva a grande altura.

A UM ANJO.

Alva perola cahida
Do céo, ao mundo rojou ;
E no mundo, em curta vida
Com seus mimos encantou.

Fugiram-lhe aqui sete annos
Entre affagos e praser,
Affagos que entre os humanos
Um anjo. só, pode ter !

Mas um anjo expatriado
Saudades tinha dos seus,
E alegre, por Deus chamado,
Lá se elevou até Deus !

Já lá no celeste coro
Occupa ethereo lugar ;
E do mundo ardente choro
No céo não pode escutar.

Quem te disse, meigo anginho
Que te ausentasses d'aqui ?
— Não era o mundo mesquinho
Habitação para ti ?

Não era, não, que a puresa
Culto immenso não tem cá ;
A' terra estiveste preza,
Mas tua patria era lá.

Voaste, Cecilia, pura,
Que o mundo não te manchou ;
Levas d'aqui a candura
Com que o Senhor te mandou.

Eras como a flor mimosa
Separada do jardim ;
Secca, murcha, e inda formosa
Era forçoso o teu fim !

Pendeste ! já não encerra
Triste, o mundo, um seu trophéu ;
Deixaste a raiz na terra,
Foste florescer no céo !

TRABALHO.

Na terra a missão que temos
Dos homens todos a sina,
E' trabalhar. Trabalhemos,
Que o trabalho é lei divina.

Depois, em doce remanso,
Quando foge a luz do dia,
Vem com a noite o descanço,
Com ella a paz, a alegria.

D'arte mimosa no estudo
Fogem horas de recreio,
Contra o vicio forte escudo,
Da virtude firme esteio.

Cantemos, que as harmonias
Que os sentidos nos encantam,
São gosos sem agonias,
Hymnos que a Deus se levantam.

SONETO.

NO ALBUM DA SRA. D. ROSA JOAQUINA DE MELLO FIGUEIREDO.

E's mãe... tens coração... sabes a fundo
Quanto punge uma dôr n'alma que sente;
— Sou filho... e sinto, aqui, a magoa ardente,
Porque a mãe lá deixei, no velho mundo.

Longe dos que geraste, o dó profundo
De teu pranto produz larga torrente:
D'essa que á luz me dera, ha tanto, ausente.
A face, noite e dia, em pranto innundo!

E' nossa dor igual! Se a natureza
Na coragem, talvez, nos fez diversos,
Veio a sorte igualar nossa fraqueza.

Da patria longe, na saudade immersos,
Tocou-nos em partilha igual tristeza:
Choremos ambos, não me peças versos.

— 1859.

SONETO.

A' EXMA. SRA. BARONEZA DE TAQUARY, NO DIA DOS SEUS ANNOS, EM 19 DE OUTUBRO DE 1863.

Da vida na viagem tormentosa,
Vi o mar levantar-se enfurecido;
Quasi sem rumo, já, quasi perdido,
Julguei a morte certa, e dolorosa.

Mas vi terra, por fim! D'arvore annosa
A' doce e amena sombra recolhido,
Alma nova ganhei, que, esmorecido,
Era-me a vida, já, longa e penosa.

E os ramos desse tronco, e as tenras flôres,
Pendendo para mim, foi tal o effeito,
Que vivo agora, só, dos seus amores.

Mas... meu estro, nascido em campo estreito,
Não póde, iguaes ao *dia* erguer louvores:
Abafa a gratidão a voz no peito!

PRESENTIMENTO.

D'onde vem esta nuvem que, sombria,
Me abafa o coração, e o lança em trevas,
Da esperança extinguindo a luz formosa?
Porque ante mim vagueia, sempre escuro,
Negro phantasma, que me prende e assusta?

Se apparente sorriso aos labios vôa,
Simulando prazer que não existe,
Foi a dôr que os abrio, por dar passagem
Ao suspiro que vem do fundo d'alma,
Onde, represo, detivera o alento.
Por temer, na expansão, do mundo o escarneo!

Na mente um pensamento não adeja
Que me illuda, sequer, marcando tregoas
A' tristeza, sem fim, que me devora!...
Se vem gelar-me o desalento, frio.
Não me aquece do sol o ardente raio;
Nem allivio me traz de tarde a brisa,
Perfumada do aroma de mil flôres,

Se arida febre me requeima os labios,
Me escalda a fronte, me affogueia os olhos!...

No leito repousar, busco-o debalde,
Que uma insomnia fatal me alonga as horas,
Por mais longo tornar-me o atroz martyrio.
E se, já tarde, fatigado o corpo
De procurar em vão doce repouso,
Cede um instante ao dormitar inquieto,
De escuras sombras povoado o somno
Continúa o combate, em que eu succumbo.
Nem me engana o prazer em sonhos meigos!
Abro os olhos á luz, trevas só vejo.

Sempre magoas sem fim, tristezas sempre!...
E remorsos não são, que aos pés do Eterno
Não tenho de implorar perdão de um crime,
De um erro, ao menos, que na face alheia
Lagrimas tristes borbulhar fizesse!
Se amar um anjo, tendo n'alma a crença,
Dentro do coração alçar-lhe um throno,
Como a Deos adoral-o — e mais ás vezes,
Porque ao fervente amor a razão cede —
E' fazer jus a punição severa,
Esse é meu crime, só: — eu amo Elvira!
Eu amo-a, adoro-a, sim, vivo por ella,
Por ella morrerei, talvez bem cedo!...

Occulta voz me diz quando em ti penso,
E' diz-m'o sem cessar, a todo o instante,
Que ha de este puro amor custar-me a vida;
Que hei de vêr-te fugir, Elvira amada,

Ir comtigo minha alma, e o corpo, frio,
Sem alento, cahir na fria terra.
Não mente o coração, nuncio infallivel
Quando o mal vaticina ao desgraçado!

Perder-te, Elvira, ver no pó dispersas
Do jardim deste amor as meigas flôres,
Que tanto borrifei com doce pranto...
Nunca mais em teus labios purpurinos
Brando o sorriso ver que me animava,
Qual iris no fragor da tempestade...
Não ver quebrada a escuridão medonha
Que me cerca no mundo em toda a parte,
Desses teus olhos pela luz divina...
Não poder escutar-te a voz suave,
Como a dos anjos seductora e amena,
Em palavras de amor que a vida nutrem...
Nutrir saudades, recordar venturas,
No peito represar gemidos d'alma,
Sem um allivio á dôr que dilacera,
E viver... e viver... ai não... não posso!...

Que me resta sem ti, se eu por ti vivo,
Se a vida para amar-te quero apenas?...
Morrer, longe de ti, desfeito em pranto,
Mas bemdizendo a morte, Elvira linda,
Que uma vida te dá, que era só tua!...

SONETO.

A' EXMA. SRA. D. RITA DE CASSIA RODRIGUES.

Calção, meia de seda e casaquinha,
Reluzente sapato, com fivela,
Engraixado o cabello, que revela
Mais que os annos, talvez, sorte mesquinha;

Eis como eu fôra, por vontade minha,
A voz erguendo, na canção singela,
A virtude saudar, que altiva e bella
Em ti, da perfeição já se avisinha.

Mas, da banca de pinho aos pés atado,
Rabiscando papel, em quarto escuro,
O dia passo, e a noite, escravisado.

Mostrar-te iria meu affecto puro,
Se no *presente*, pelo máo *passado*,
Me não désse cuidados — *O Futuro.*

22 de Maio de 1862.

A MANUEL DE MELLO.

Desculpa, amigo Mello, se me atrevo,
Eu, que a rasão não sei porque inda escrevo,
A erguer a humilde voz, desaffinada,
Entre os echos da tua, que aflautada,
Doce e meiga soôu nesses ouvidos,
Inda, por tua causa, enternecidos.
— Mas não posso conter a raiva minha
Ao ver que o teu engenho se definha
Moendo os ossos de infeliz defunto!
Pois não achaste mais brilhante assumpto
No seculo ditoso em que vivemos?—
Ora attende-me um pouco: — meditemos.
— Que importa ao mundo se Camões, que é morto,
D'um olho, ou d'outro olho era só torto?
Que elle era cego de ambos eu sustento.
Não morre esfarrapado e lasarento
Quem tem um olho vivo e bem aberto.
Se for outro zarolho, mais esperto
Deve ser o sugeito assim marcado,
Porque fôra por Deus assignalado!

D'onde vem, por um livro, tanto orgulho,
Tantas queixas sem fim, tanto barulho?
Que importa se Camões pedia esmolla.
E se enchia de codeas a sacolla?
Pois não tinha o poeta o seu agente,
Na rua, a procurar que dar ao dente?
E emquanto elle ostentava esse arreganho,
Não se estafava o Jáo, preto de ganho,
Na rua a mendigar, misero escravo,
Adoçando ao *senhor*, da fome o travo?
Que importa se nasceu aristocrata?
— Oh! e não chamo á patria vil e ingrata,
Porque ao vate não fez o enterramento,
Como agora se faz, com lusimento;
Porque estatuas não teve pelas praças,
Como teem os heroes. Nada de graças.
Não falles de Camões; — Camões esquece.
Camões não terá mais, nem mais merece.
Donizetti era um genio, era um portento;
E mil provas nos deu do seu talento;
Mas pensou, que isso tudo inda era pouco,
Quiz cantar o Camões, e morreu louco!
Põe os olhos, amigo, neste espelho,
E deixa de escavar o assumpto velho!

Agora ha gratidão para os engenhos
Que uteis ao mundo são, não são ferrenhos.
Chora-se a patria pobre? — Elles com ella!
Não vão pôr-lhe unguentos na mazella,
Paleativos não tem... remedio heroico.
Dedicados, heróes, de genio estoico,

Se a patria se diz pobre, ao mundo inteiro,
Vão a patria salvar: — fazem dinheiro,
E a patria, agradecida, e attenciosa,
Nelles busca dourar a argentea prosa.

E tu, oh desgraçado !—andas perdido,
Em procura do pó que foi sumido,
E no pó cahirás, até que um dia,
Por mostrar-te o que vale a tal poesia,
Te diga, ao levantar-te de entre o cisco :
Eis o commendador João Francisco,
Homem nobre, homem grande, homem precizo :
Traz no bolso o talento e o juizo.
Então, já convencido, Mello amigo,
Na lembrança terás o que hoje digo :

Não lamentes do vate o negro estado;
Pobre tem sido muita gente boa ;
São pobres os poetas em Lisboa,
Nunca foi desses lorpas o reinado.

Se foi vate o Camões, se foi soldado
Se não pôde alcançar, por isso, a c'roa,
Tenha paciencia ; — que abatesse a proa,
Vendesse bacalhau, seria honrado.

Tem dado o bacalhau gente famosa,
Só falla do Camões, inda a gaseta,
Por haver, como tu, gente vaidosa.

Deixa as letras, amigo, abraça a treta,
E não deixes a gente duvidosa
Que isto de fama e gloria é tudo peta.
4 de Abril de 1864.

SONETO.

O jardim, guarnecido de mil flores,
Seus aromas suaves espalhando;
As arvores, ao vento baloiçando,
E os campos ostentando as verdes cores;

Da naturesa os timidos cantores,
Seus candidos gorgeios entoando,
E o regato que passa, murmurando,
Da mimosa campina entre os verdores;

O puro azul do céo, espaço immenso,
De nitilantes astros cravejado,
Que a vida á terra dão, no fogo intenso;

Tudo é vão para mim, que, fascinado,
Existo por ti só, em ti só penso,
Vejo, sem ti, o mundo inanimado!

SONETO.

Tu não sabes, meu anjo, o que é saudade,
N'um coração amante e desditoso ?
- E' magoa no praser, na dor o goso,
Mistura de socego e d'anciedade.

E' ter d'alma no mundo só metade,
E metade a sonhar sonho formoso ;
Sentir depois o espinho doloroso,
Da ausencia recordando a atroz verdade.

E' ter o que é passado inda presente,
No coração a dor, funda, incessante,
Passageiro o praser, vago, na mente.

E'—tristeza maior, mais penetrante—
O que não tens por mim, se estou ausente,
O que sinto por ti, se estou distante.

PERDÃO!

Eu, duvidoso, teimava,
Porque amor faz duvidar;
Quasi então te injuriava,
Mas era só por te amar...
JOÃO DE LEMOS.— 1º vol.—
O promettido é devido.

Perdão, Elvira, se um momento, louco,
Eu pude um pouco duvidar de ti!...
Perdão, Elvira!... Não duvido... creio...
Longe o receio que a sonhar senti!

Ah! sim... foi sonho... que tambem desperto
Vem sonho incerto perturbar-me assim,
Quando, em te vendo, para mim és tudo,
E, inerte e mudo, nem eu sei de mim!

Então contemplo teu mimoso vulto,
Presto-lhe o culto de um ardente amor;
E emfim, se acordo... se na vida scismo...
Caio no abysmo da mais negra dôr!...

Foi desse enleio n'um ditoso instante,
Que eu, delirante (nem pensava então!)
Absorto a vêr-te, por te ver perdido,
Fiz-te um pedido... tu disseste:—„Não!"

Justo castigo!... Com razão condemnas!...
N'um—sim—apenas, prometteste amar;
E labios de anjo como os teus, Elvira,
Nunca a mentira poderá manchar!

Disseste:—„Eu amo-te," e essa voz sonora,
Doce, inda agora, nos ouvidos meus,
Tinha a harmonia d'uma voz divina,
Que ao mundo ensina viva crença em Deus!

Disse-te, louco:— Minha Elvira, jura!...
E essa alma pura vi soltar-se em ais.
Cego eu não via no feliz momento
Que um juramento não valia mais!...

Ah! não, não jures!... que eu não quero tanto
Dil-o este pranto, que o remorso traz.
Eu sei que um voto que fizeste um dia,
Dar-me devia venturosa paz!...

Eu creio!... Eu creio nesse amor ardente;
Por ti, sómente, saberei soffrer...
Se um dia a sorte me roubar o goso,
Longe, saudoso, saberei morrer!

AMOR ETERNO.

Dar-te-hei minh'alma: lá m'a tens roubada;
Não t'a demandarei: dá-me por ella
Uma só volta de olhos descuidada...

CAMÕES. — Ecloga XII.

E' noite! Silencio tudo!
Tudo é triste, e escuro, aqui.
Na escuridão, triste e mudo,
Velo, choro e penso em ti!

Penso em ti, Elvira amada...
Bate forte o coração,
E ao som de cada pancada
Caminha um passo a paixão!

Caminha avante... e, na guerra,
Fôra tremendo o meu fim,
Se Deus no céo, tu na terra,
Não velassem já por mim!

Tua imagem vaporosa
Vagueia ante os olhos meus,

E ao vêl-a assim, tão formosa,
Eu adoro-a, e creio em Deus!

Creio em Deus, que és obra sua,
Seu poder vens attestar:
—Vejo a pallidez da lua
Nas tuas faces brilhar!...

Encanta-me a luz tão bella
Que desses teus olhos vem;
Luz que tem nos céos a estrella,
Na terra tu... mais ninguem!...

Em teus labios eu diviso
Da rosa o botão a abrir,
Quando, abrindo n'um sorriso,
Se abrem os meus a sorrir.

Ouço a tua voz cadente,
Doce voz que me prendeu,
Voz que o céo te deu, sómente
Porque aos mais anjos a deu!

Tudo em ti é peregrino! ..
Enganar-se a alma não quer
Ao ver um toque divino
Nesse vulto de mulher!...

Olho... pasmo... tremo e scismo...
E ao pensar no que tu és,
Vem luz do céo, e no abysmo
Caio... rojando a teus pés!...

Penso, então, neste amor puro
Que sinto... que te inspirei...
Vejo negro o meu futuro...
Se és mais feliz... nem eu sei!...

Ai... não!... se amas... se és sensivel
Embarga-te o mundo a voz...
Que uma palavra: „Impossivel!“
Altiva se ergue entre nós!...

Mas essa voz é do mundo,
Do mundo este amor não é;
Se aquella punge tão fundo,
Este vive pela fé!

Amor sem sombra de crime,
Se na terra o julgam mal,
A crença o torna sublime,
Porque a pureza é real.

Amo-te, candida Elvira,
Vivo deste santo amor,
Embora o manche a mentira
Embora eu succumba á dôr.

Hei de amar-te! A vida incerta
Para amar-te a quero só;
Ha de amar-te a alma liberta
Quando o corpo já fôr pó.

Até lá... soffro... e não temo
Meu destino fero e crú,
Porque adoro a Deus Supremo,
E o meu Deus na terra... és tu!

SONETO.

A' EXM. SRA. D. RITA DE CASSIA RODRIGUES, NO DIA DOS SEUS ANNOS EM 22 DE MAIO DE 1863.

Não esperes ouvir de inculta lyra
Arrojos immortaes da phantasia.
Brilhe, embora, mentindo, a poesia,
Jamais eu prestarei culto á mentira.

Grato, o meu coração hoje me inspira,
E inspiração que applaude a rasão fria;
Que ao despontar da aurora deste dia
Um astro amigo para mim surgia!

Esse astro meigo és tu, e o canto rude,
Se pelas galas da dicção não brilha,
Dá-lhe o assumpto o fulgor, que não me illude.

Porque és, d'alma nos dotes, maravilha,
Porque és typo singelo da virtude,
Porque és de excelsos paes excelsa filha!

PEDIDO.

Como o infeliz que, retido
Em fria,escura prisão,
Ao ceo pede commovido
Que um raio de luz, descido,
Lhe affugente a escuridão,
Assim eu, anjo adorado,
Triste, de ti separado,
Da ausencia curvado á dor,
Peço que em teus olhos desça,
Que em minha alma resplandeça
Meiga, a luz do teu amor!

Choro por ti, e ja lassos
Os meus olhos de chorar,
Se escuto o som dos teus passos,
Enxugam-se os olhos baços;
Ergo a cabeça, a escutar.
Desprendes a voz maviosa,
E a torrente harmoniosa
Docemente sinto em mim;

Porque brota a meiga esperança
De ver á magoa a mudança,
De ver ao tormento o fim!

E dirás tu que em minha alma
Menos agro fôra o mal,
Se a paixão fôra mais calma,
Sem ardor, sem ancia tal?..
Dirás, sim, porque és tão pura,
Em ti ha tanta candura
Que em mulher inda a não vi;
Nem pensas que o sentimento
Mais brando, sem soffrimento,
Não era digno de ti!

Quero chorar, e saudoso,
Sem te escutar, sem te ver,
Vertendo pranto amargoso,
Sentir angustias, soffrer;
Só assim, anjo que adoro,
Posso ao teu amor, que imploro,
Ou cedo ou tarde, ter jus.
Só assim vida medonha
Posso ver inda risonha
Pela tua doce luz.

SEMPRE!

Neste retiro amargoso,
Sempre em ti meu pensamento,
Sempre a tua imagem n'alma,
Se o pranto corre saudoso,
Tem doçura o soffrimento,
D'amor a magoa se acalma.

Do coração ao martyrio,
Que a paixão louca exaspera,
Vem oppôr-se a razão forte;
Que viver triste é delirio
Quem de ti o céo espera,
Quem teve de amar-te a sorte.

Sobre o mar encapellado,
Já perdido o viajante
Na tempestade horrorosa,
Revive, se o céo nublado
Se descobre, e radiante
Mostra a nuvem côr de rosa.

Assim d'amor na tormenta
Eu via negro o horisonte,
Certa a morte além já via.
Forte a procella rebenta,
Eu vacillo, e erguendo a fronte
Reparo que o céo se abria.

Foi-me propicia a procella;
Vi que a protecção celeste
Para mim já se voltava.
Descias, imagem bella,
Tornar-me á vida vieste,
Que era Deus quem te mandava!

Ergui-me, vi-te, e enlevado
Nos teus encantos mimosos,
Longo tempo eis-me suspenso;
E a teus pés, anjo adorado,
Curvei-me, d'olhos chorosos,
Jurando-te amor immenso!

Hoje é tua a minha vida,
Que só por ti foi guardada,
Que para ti a alimento;
Sustenta-a d'amor, querida,
Cumpres a missão sagrada,
Eu cumpro o meu juramento.

VENUS E ACHÊO.

A' EXMA. SRA. D. * * *, E AO EXM. SR. * * *

Achêo.— Em teus labios o meigo sorriso
Faz minha alma d'amor delirar;
E se sonho, ou se velo, indeciso,
Eu não posso, não sei atinar.

Venus.— O sorriso em meus labios brincando,
E' risada, por dentro, que eu dou.
Desgraçado! Se velas sonhando,
E' que o siso de ti se affastou!

Achêo.— De teus olhos a luz, que me abala,
Me incendeia nas chammas d'amor;
E em delirios a fronte me estala,
Quando o peito me anceia na dôr.

Venus.— Eu não sei como a luz te incendeia,
Que de phosphoro a essencia não tem;
Mas á fronte que estala, e te anceia,
Capacete de gelo faz bem.

Achêo.— Quando se abrem teus labios de rosa,
Já começa meu peito a sentir;
Mas se soltas a voz maviosa,
Julgo os anjos celestes ouvir.

Venus.— E's na terra alimaria tão rara,
Que não descem os anjos aqui.
Dessem-me azas, que aos céos eu voara,
Só por vêr-me bem longe de ti.

Achêo.— E's cruel, insensivel, ingrata,
Não tens alma, não tens coração;
A paixão me enlouquece e me mata,
E tu zombas da minha paixão.

Venus.— Coitadinho! Bem sei que padeces,
Mas milagres não posso já crêr;
E se tu, por amor, enlouqueces,
Tambem póde um defunto morrer.

Achêo.— Ai! Vem dar-me d'amor o soccorro,
Se um dragão, se uma fera não és;
Se me dás só despresos, eu morro;
Um cadaver serei a teus pés.

Venus.— Meu amor a ninguem eu consagro,
Tambem tu meu amor não terás;
Mas não queiras morrer, que estás magro,
Sarrabulho que preste, não dás.

Achêo.— Já me queima o veneno excitante
Com que pagas affectos só meus:
Venus.— Bebe azeite, recorre ao purgante...
Achêo.— Vou morrer... vou morrer...
Venus.— Pois adeus!

ONZE DE AGOSTO.

Olhos, que Venus para si deseja,
Olhos que adoro, o que inspiraste, lêde.
BOCAGE.

Minha Elvira!
Um desgraçado
Passara uma noite escura
Em tristezas engolfado,
Sem crença na luz futura,
Chorando o negro passado,
Vendo mais negro o presente,
De tudo o que é bello ausente,
De magoas, só, povoado!...

Já tarde, ao fugir a noite,
Inda cedo, ao vir o dia;
Quando no topo da serra,
Da verdura o branco açoite,
A neve, bella, mas fria,
Deixando o céo pela terra,
Já, tão alva, reluzia,
Pallida estrella, formosa,

Meiga como a branca rosa,
E pura como a açucena,
Refulgio lá no horisonte
Espargindo a luz serena!...

Então, no seio do monte
Que a neve já branqueava,
Rebentou a chamma ardente,
Mais ardente do que a lava
Que do volcão onde estava
Se espalha em ignea corrente.

E' d'amor a chamma pura
Que ao gelo se não rendeu,
Que da neve não fugira.
—O desgraçado sou eu,
Minha vida a noite escura,
A estrella és tu, minha Elvira!

E eu amava-te em segredo
Desde o dia em que te vira.
—Chorava, porque mais cedo
No mundo não te encontrara!...
Ai!... triste... mal eu pensara
Que essa alma, candida e pura,
Cheia d'amor e poesia,
Só me não dava a ventura
Porque... dar-m'a não podia!...

Neste viver d'amargura
Fugia o tempo... fugia...
Ficava a paixão... ficava...

Até que a morte viria
Cortar a dôr... e cortava...
Que além da campa não ia...
Mas segue a noite ao sol-posto...
Vem depois o claro dia...

. . . . . .

. . . . . .

Era uma tarde d'Agosto,
Tarde amena, mas sombria.
—Na pallidez do teu rosto
Meus tristes olhos pousados...
Só Deus sabe o que eu sentia
Quando os sentia molhados!...

Um doce olhar me lançaste
Em que a ternura se via ..
Ai... Elvira... que mataste
Quem só por ti já vivia!...
—O silencio então cortamos...
Subio-te á face o rubor...
Fallaste... fallei .. fallamos...
Dissemos ambos — amor!...

E que amor!... E que tristeza
Deste amor já tem nascido!...
—Adorar-te, e... ver-te presa...
Ver meu futuro perdido!...
Ver-te chorar de ternura
Quando me vês succumbido ..
E' ler a iniqua sentença
De uma vida d'amargura!..

E' quasi perder a crença,
Dizer adeus á ventura,
Que a terra só dá — se existe —
Quando cae na sepultura!...

Inda bem, que esta alma triste,
Quando á magoa não resiste,
Póde aqui chorar comtigo!...
—Infeliz, sem outro abrigo,
Tambem pódes tu chorar,
Dando brilho aos teus encantos
—Se inda mais podem brilhar —
Sobre este livro de prantos,
Que de um triste amor nasceu!...
Quero dar-t'o, anjo adorado,
E' por ti, só, inspirado,
Elvira, guarda-o, que é teu!...

SONETO.

> No silencio do amor e ventura
> Adorando-te, oh filha dos céos,
> Eu direi ao Senhor: « tu m'a deste:
> Em ti creio por ella, oh meu Deos!»
>
> A. Herculano.—*A Felicidade.*

Deixa-me contemplar-te um só momento!
Nos olhos, que expressão tens de ternura!
Na pallidez da face, que doçura!
Que fronte, annunciadora do talento!

Quanto é meigo, da voz o brando accento!
No sorriso, que indicios de candura!
Como em tudo revelas, alma pura,
Um coração aberto ao sentimento!

E como bate o meu, de prazer cheio,
Se em momentos d'amor, que valem annos,
O fazes palpitar junto ao teu seio!

Eu esqueço, por ti, gozos mundanos!
Eu creio, por ti só, como em Deos creio,
Na existencia de um anjo entre os humanos!

SONETO.

A' EXMA. SRA. BARONEZA DE TAQUARY, NO DIA DOS SEUS ANNOS, EM 19 DE OUTUBRO DE 1860.

D'arvore annosa o tronco, inda frondoso,
Nas folhas ostentando os seus verdores,
De florinhas cercado, de mil cores,
E' grato aos olhos, suavisa o goso.

O mundo, attento sempre ao que é vistoso,
Gosa os perfumes, elogia as flores;
Mas passa o camponez, vê taes primores,
E á raiz curva a fronte, respeitoso.

Tu, que és, senhora, o tronco venerando,
Vês hoje florescente o doce effeito
Dos renovos que á terra foste dando.

E's da virtude o typo mais perfeito,
E, em premio desse dom, te está cercando
Amor ardente, adoração, respeito.

SUPPLICA.

> Que ás vezes pode mais, que a força grave,
> Hum pedir brando, e hum rogar suave.
>
> G. P. DE CASTRO.—*Ulissea.*

Anjo ! Pára !... Attende !... Escuta !...
Ver-te quero tal qual és !
Esta face, outr'ora enxuta,
Humida, roja a teus pés !...
Minha Elvira, escuta agora
D'um infeliz que te adora,
Triste supplica de amor.
Tu, modelo de ternura,
Apontaste-me a ventura,
Não me entregues hoje á dôr !

Tu sabes quanto eu padeço,
Já dos teus labios o ouvi ;
Tu déste as magoas apreço
De quem vive só por ti.
Ao coração, quasi morto,
Tu vieste dar conforto,
Devo-te a vida, meu bem !

Ai... sustenta-a, porque é tua.
Não queiras que se destrua
O que é teu; — de mais ninguem!

Sei que soffres, noite e dia,
Como tu martyr eu sou...
No martyrio ha sympathia,
Foi ella que nos ligou.
Ligou-nos por toda a vida,
E eu não quero ver partida
A forte, doce prisão;
Que se a partisses, oh bella,
Partias, junto com ella.
Este pobre coração!

Mata-me o negro receio,
Não é vida a vida assim.
Dá-me a certeza, que anceio,
De que vives para mim!
Dize-o uma vez, linda Elvira;
Quem, louco, por ti delira,
Do mundo mais nada quer.
Jura que hasde ter firmeza:
Fez-te um anjo a natureza,
Não queiras tu ser mulher!

SOLIDÃO.

> Ah ! Não me roubou tudo a negra Sorte ;
> Inda tenho este abrigo, inda me resta
> O pranto, a queixa, a Solidão, e a Morte.
>
> BOCAGE.

Apraz-me a solidão quando, saudoso,
Deslumbrado do mundo, em noite amena,
Fitando os olhos meus no ceo risonho,
Penso em ti, só em ti, candida Elvira,
E sinto deslisar na face triste
Lagrima ardente, que a saudade gera !

Ali sou eu feliz !. . . grato silencio
Não quebra o sussurrar d'ignaras turbas,
E a lua tenho, só, por testemunha,
Que lá do throno seu, radiosa e bella,
Doce, pallida luz, na varzea esparge !
Em extasi a contemplo. . . em mago enlevo
Comparo o seu fulgor ao de teus olhos,
E o astro melancolico da noite,
Qual se lesse nos meus o pensamento

Que altivo me domina a mente oppressa,
Invejoso, talvez, augmenta o brilho !...

Mas seu fulgor que importa, se não vence
Dos meigos olhos teus a expressão terna,
A doçura de amor, a luz suave,
Que esta alma illuminou, dando-lhe a vida,
As trevas dissipando em que jazia !...

Por teus olhos vencida, a casta lua
Despeitada se envolve em manto escuro
Que o ciume teceu... e assim me rouba
A doce embriaguez que me separa
Do mundo, meu rival, que eu só detesto
Porque és do mundo, Elvira, e não és minha !..

Como as nuvens, que á lua o brilho offuscam,
Sombras terrestres vem ante meus olhos
Seu negrume ostentar... escurecendo
O horizonte em que eu via a tua imagem!

Eis-me de novo entregue á dor intensa,
Pesando todo o horror da desventura
Que me torna esta vida atroz supplicio !
Para que heide eu viver, se negro abysmo
Me separa de ti, anjo adorado ?...
Para que heide eu viver ?... Mas não, Elvira,
Eu quero o teu amor... quero que brilhes
Na noite desta vida que é só tua,
Como a estrella, que é bella, inda entre nuvens..

Dize mais uma vez que em mim só pensas,
Que a saudade, por mim, te mata ao longe ;

Dize-o, mais uma vez, e a magoa extrema
Que padeço, por ti, será ventura!
Espera, Elvira, que o teu nome caro
Possa do coração subir-me aos labios
N'um extasi de amor!... Ouve os protestos
Mil vezes, a teus pés, já repetidos!

Dá-me inda a tua mão... prende-a na minha...
Quero laval-a com meu pranto amargo,
Separar-me, depois, e ao longe, triste,
Da saudade soffrer doce martyrio!

NÃO RECEIES!

Hade estar firme, inda que o tempo corra,
Hade viver, inda que o tempo morra.
G. P. DE CASTRO—*Ulyssea—Canto* 4.º

Precisas, Elvira, que a pallida lua,
Que, meiga, fluctua
Nos campos do céo,
Na terra se esconda, fugindo, assustada,
Da nuvem pesada
Furtando-se ao véo?...

Receias que a estrella, que d'alto se mira
No lago, onde vira
Seu rosto fulgir,
Sentindo, vaidosa, desejo fervente,
No lago dormente
Se deixe cahir?

Receias que o verme, que a rastos caminha,
Que a sorte mesquinha
Não pode trocar,

D'essencia mudando, pretenda, atrevido,
D'um astro descido
Subir ao lugar ?

Receias que as aguas do placido rio
Fatal desafio
Pretendam mover,
Batendo outras aguas, mais fortes, salgadas,
Que, em sede abrasadas,
As querem beber ?

Bem sei, não receias;—bem sabes que a lua,
Que imagem é tua
Na doce estação,
Que a estrella, que o verme, que as aguas correntes,
São meros agentes
De provida mão.

Pois olha, meu anjo, —não sei se blasphemo,
Se o Ente Supremo
Condemna este ardor;
Será só delirio; mas creio, e até juro,
Que está mais seguro
Meu fervido amor.

A' EXMA. SRA. D. RITA DE CASSIA RODRIGUES

EM 22 DE MAIO DE 1863.

Erguem nos campos innocentes aves
Cantos suaves, ao raiar da luz,
Da voz cadente o natural gorgeio,
Em doce enleio, corações seduz.

Na estação meiga, quando surge a aurora,
Mimos de Flora festejal-a vem.
Dão quanto podem as mimosas flores,
Aromas, cores, que mais nada tem.

Debil infante, que inda nada abala,
Que só tem falla quando solta os ais,
Da mãe nos braços, mas sem voz nem siso,
Dá-lhe um sorriso, que não póde mais.

Nem, como as aves, eu descanto amores,
Nem, como as flores, embalsamo o ar,

Nem, como o infante, meigo riso tenho,
Nem faz o engenho o coração fallar.

E fallo, e canto, do triumpho certo;
—Qual n'um deserto, descampado e nú,
Sobe aos meus labios quanto o peito envia,
Porque é teu dia — porque o thema és tu!

SONETO.

Se fito os olhos meus, amortecidos,
Nessa fronte expressiva, e tão formosa,
Volves logo teus olhos, desdenhosa,
Ao largo espaço, a divagar, perdidos.

Presos na doce luz, vão-me os sentidos;
Mas se te aftastas, caminhando airosa,
Segue-te a sombra a vista sequiosa,
Retumba o som do passo em meus ouvidos.

E se um sorriso soltas de repente,
Não sei se ha nelle amor, que me conforte,
Ou se a ironia vem, que me atormente.

E, assim, fica indecisa a minha sorte.
De ti, que a minha vida hoje és sómente,
Eu receio que venha em breve a morte.

SONETO.

Passei dias sem fim de amargas dores.
Longas noites de insomnia tormentosa;
Desvairada a rasão, febre teimosa
Me pintava, em visões, crueis horrores!

Era tudo, ante mim, de negras cores,
Só via a paz na campa, bonançosa,
Quando escutei a tua voz maviosa,
Quando em teus olhos vi novos amores!

Ergui-me, e preso em amoroso enleio,
Por teus doces encantos fascinado,
Senti louca paixão ferver no seio.

Hoje, mais do que fui, sou desgraçado:
Sinto de te perder fatal receio,
Nem morrendo por ti serei chorado!

SONETO.

Tu não sabes, Ismenia, a que tormento
Me condemna a paixão que nutro n'alma!
Aos brados da consciencia não se acalma,
Sugeital-a á rasão debalde tento!

Se, alguma vez, no rosto macillento
Vês do brando socego a doce calma,
Nesses instantes, do martyrio a palma
Dentro em meu coração acha alimento!

Minha unica ambição, é ser amado;
Meu unico receio, é ser trahido;
Faz-me a duvida atroz ser desgraçado!

Ismenia, se este amor, nunca excedido,
Hade pela traição vêr-se manchado,
Ai! mata quem por ti só tem vivido!

A UMA ESTRELLA.

Com mil ideias na mente,
N'alma sinto immenso ardor;
Ora triste, ora contente,
Junta-se ao prazer a dor ;
Mas pensando em ti, somente,
Sempre tu, sempre este amor!

Este amor, que é minha vida,
Que é meu inferno e meu céo;
Céo, se meiga e commovida,
Ergues o mundano véo ;
Inferno se, resentida,
E's tu juiz, e eu seu réo;

Sou ditoso, quando fitas
Teus bellos olhos em mim,
Sou infeliz, se meditas,
Se és triste; — que ao ver-te assim,
Vejo em tua face escriptas
Sentenças que me dão fim!

Podem ser malditos sonhos,
Pode ser negra illusão,
Mas pensamentos medonhos
Me dão luto ao coração,
E só teus labios risonhos
Vem acalmar-me a paixão!

Move o pranto em que me innundo,
De perder-te a ideia atroz;
Que este amor é tão profundo,
Que eu vivo com elle a sós;
Deixo tudo, esqueço o mundo.
Se te escuto a doce voz!

Genio fero, orgulho altivo,
Deponho tudo a teus pés;
Mato o receio em que vivo
Quando sonho algum revez,
Que eu só quero ser captivo
D'um anjo, como tu és!

Essa é minha liberdade,
Que do mundo escravo sou.
De ti ausente, a saudade
Vae comigo aonde eu vou.
Doce amor, funda amisade,
A vida, tudo te dou!

Sê, meu anjo, o meu abrigo,
Que outro já não quero aqui.
E's tu a estrella que eu sigo,
A estrella que me sorri.
— „ Um céo na terra comtigo,
„ Loucura ou morte, sem ti! — "

FABULA

O MENINO E A CABAÇA.

Certo pintor conhecido
Tinha um filho, inda creança,
Seu engodo, seu sentido,
Seu praser, sua lembrança.

Do tal pequerrucho o tino
Era (e fica declarado)
O que tem todo o menino
Pelos paes avaliado.

E o pintor, espirituoso,
Que do genio tinha o brilho,
Era só pae extremoso
Quando fallava do filho.

Empregando engenho e sizo,
Bom gosto, finura e graça,
Consummiu tempo preciso
A pintar uma cabaça!

Sem pensar que era em tal obra
O emprego d'arte um desdouro,
Tendo talento de sobra
Fez da cabaça um thesouro.

Os que o julgarem demente
Mettam a falla no bucho,
E saibam que era um presente
Para o lindo pequerrucho.

Com a cabaça encantado,
Louco, o filho d'alegria,
Tinha-a na mão, acordado,
Ao lado, quando dormia.

N'um dia em que, distrahido,
Sobre uma mesa a impellira,
Fez-lhe impressão o ruido
Que dentro do *lindo* ouvira.

A idéa que na impaciencia,
O assaltara de improviso,
E' nos ricos—innocencia,
Nos pobres—falta de sizo!

Quer saber a causa incerta,
A quebral-a se decide,
Contra o peito seu a aperta,
E o que encontra?—uma pevide!

Que houveram lagrimas, dores,
O dizel-o é escusado:

— Sabei só, caros leitores,
Que já tudo está calado.

Se uma moça namorardes,
Formosa, cheia de graça,
E tão bonita a julgardes
Como era bella a cabaça.

Se for destas douradinhas,
Loucas escravas da moda,
Com recortes e fitinhas
Na saia de immensa roda.

Andae com ella com geito,
Não seja amor attrevido ;
Que se a apertaes contra o peito
Ficará tudo perdido !

Achareis—ninguem duvide—
Quando a bola se desfaça,
Inda menos que a pevide
Em relação á cabaça. "

VERSOS.

A' EXMA. SRA. BARONESA DE TAQUARY.
NO SEU ANNIVERSARIO, EM 19 DE OUTUBRO DE 1864

Era um pequeno mundo, perfumado
De quanto aroma exhalam meigas flores.
Respirava-se um ar embalsamado
Pelas candidas rosas, e os amores.
Brilhava *um astro* ali, desassombrado,
Espargindo suaves esplendores.
Era pallida a luz, mas, peregrina,
Tinha quasi o fulgor da luz divina!

Em cuidados a mente distrahida.
Do trabalho diurno os membros lassos,
Aquelle povo, na mundana lida,
Tinha o *astro* por guia de seus passos.
Delle vinha o calor preciso á vida,
Delle os gosos, na terra sempre escassos.
Era *o astro*, risonho e tão jucundo,
Sustento, amor e luz d'aquelle mundo!

Sem um instante só d'esquecimento,
Sem já se distinguir noite nem dia.
Alimento da vida, o sentimento
Tornou-se, em vez de amor, idolatria
Mas dava Deus *ao astro* o lusimento,
Que d'elle adoração ao ceo subia,
E se accaso um estranho ali passava
Ao *idolo*, entre o povo, ajoelhava!

Um dia, nuvem negra vem pairando,
D'aquelle *astro* adorado está ja perto;
Vae-se o fulgor immenso dissipando,
Em lampejos so fulge o brilho incerto;
D'aquelle mundo a luz vae-se affastando,
Ninguem sabe se é mundo, se é deserto,
E, de pasmo tomado, o povo scisma,
No terror que só vê do cataclisma!

Acorda, cae nos braços da sciencia,
A sciencia emmudece, o povo é mudo,
Que só pode vencer tal eminencia,
E ir a nuvem romper mais forte escudo.
Resta, apenas, de Deus omnipotencia,
Que é d'homens a sciencia, e Deus é tudo.
Ajoelha, submisso, o triste povo,
E na oração encontra alento novo!

„ Um milagre, Senhor! a crença ardente
„ Com que o vosso poder sempre adoramos,
„ Venha um prodigio, mais tornal-a ingente,
„ Em vosso coração que hoje vos damos.
„ Que venha d'*aquelle astro* a luz fulgente

„ Quebrar a escuridão em que choramos!
„ Um milagre, Senhor! Dae-nos a vida,
„ Que sem tão doce luz será perdida! “

E á terra vem provar divina graça.
Que la chegou ao ceo a ardente prece;
A nuvem, pouco a pouco, se adelgaça,
Dos raios o calor ja nos aquece ;
Deus de novo repete: “ A luz se faça — “
E *o astro*, á voz de Deus, reaparece!
Vêde-o, fulgindo ali! Hoje é seu dia!
Jurêmos-lhe, de novo, idolatria!

INTIMAÇÃO.

(VERSOS PARA UMA MENINA RECITAR A SEU PAE.)

Meu papae, tenha paciencia,
Mande sangrar a algibeira;
Preciso de uma *excellencia*,
Quero ser commendadeira.
Deus não quiz fazer somente
Do mundo os homens senhores;
Nós apenas somos gente,
E elles são commendadores.

Isto, papae, não tem geito,
Não vae bem o mundo assim;
Tanta falta de respeito
E' mister que tenha fim.
Tem papae quatro commendas,
E vejo-ó sempre em contendas,
Porque um visinho tem seis.
E a sua filha, coitada,

Não tem commenda, nem nada,
Por causa de trinta réis.

Eu já sei que papae trata
De casar-me, e é bem preciso;
Mas assim, tão lisa e chata,
Só marido chato e liso.
Eu tenho *nobresa* — em saias—
E — nas calças — tenho *renda*;
Faltam no dote as alfaias,
E é rica alfaia a commenda.

Sou cantôra de alta monta,
No piano sem rival
Canto o *Orpheu* de ponta a ponta,
Toco o hymno nacional.
Sem picar as mãos na agulha,
Na educação faço bulha,
Tudo o que é bello aprendi.
Estudando as linguas vivas,
Domino-as como captivas,
Digo—*yes*—e digo—*oui*.

Commendas não se consomem,
Riquesas botam-se fora,
E commendador — e homem —
São synonimos agora.
De Deus a lei nos ensina
Dos dous sexos a tendencia;

Commenda só masculina
Não pode ter descendencia.

Se um rasgo de bom juizo
Commenda macha nos deu,
Commenda femea é preciso,
Que propaga o que nasceu.
Manda assim a natureza:
O marquez tem a marqueza
Tem baroneza o barão;
Seja assim na terra inteira,
Quero ser commendadeira,
Da *Ordem da Creação.*

AMO-TE MUITO.

A ventura é ter um seio
A que o nosso, sem receio,
A pender por doce enleio
Revele as magoas e a dor;
A ventura é ter desejos,
E matal-as com mil beijos;
A ventura é ter a vida
Ao doce affecto rendida:
A ventura é ter amor.

A. X. R. Cordeiro.—*A Ventura.*

Amo-te muito! — me diseste, Elvira,
Com voz que a lyra não traduz aqui!
Amo-te muito! — repetiste ainda,
E a face linda descorar-te eu vi!

De puro jaspe vigorosos laços
Eram teus braços, a prender-me então;
Cedendo ao peso de um amor immenso,
Quasi suspenso, quiz fallar-te... em vão!...

Eras a folha, quando sae viçosa
De arvore annosa, carcomida já,

Sêcca, mirrada, por que a seiva escassa
Na vida passa, que á folhinha dá!

Eras a lua, que de luz nos banha,
Ante a montanha que se eleva ao céo,
Quando, surgindo n'uma tarde estiva,
Não pode altiva fulgurar sem veu!

Eras um anjo na columna preso,
Que estranha ao peso se conserva em pé.
Dir-se-hia, Elvira, se um momento arfavas,
Que ao céo tentavas elevar-me até! . . .

Um ai soltaste de pezar amargo,
Desse lethargo despertei n'um ai;
E o som, casado, para o céo fugira,
Qual som da lyra, que a gemer se esvae!

Vi-te, meu anjo! — sobre a face bella,
Céo que revela quanto pode um Deus,
Perola pura se gerava... encanto
Do mar de pranto desses olhos teus!

Lagrimas tristes, deslisando em fio,
Senti, n'um rio, para o mar correr.
Ai! . . . quem me dera, nesse engano d'alma,
Colhida a palma, delirar . . . morrer! . . .

Morrer... não quero... porque a vida é pura
Quando a ternura nos eleva assim;
Não quero a morte, que me inspira medo
Ver, tarde ou cedo, da ventura o fim! . .

Quizera, Elvira, neste ardor profundo,
Deixar o mundo, terminar a dor;
Fugir comtigo n'um eterno abraço,
Correr o espaço, repetindo: — amor! . . .

NOITE ESCURA!

A muda solidão que me circunda,
Tudo me alheia o espirito, e desterra
Bulicio insano do inquieto mundo
Que fujo, e que me enfada.
JOSE' MARIA DA COSTA E SILVA—*Ode* 30.ª

E' triste a noite assim!
Pesada nuvem,
Qual véo, que á virgem bella o rosto occulta,
Encobre o meigo azul do firmamento,
Onde em placida noite os astros fulgem!
Tremula espreita só de espaço a espaço,
Pallida estrella, que brilhante fôra
Se livre despargisse a luz serena!...

Dorme em somno profundo a natureza.
Tudo repousa em sepulchral silencio;
Só eu, no manto da tristesa envolto,
Ralado o coração de negras magoas,
Velo.... medito... soluçando apenas,
Que o peito, já cançado, aos ais se nega!....

Parece o mundo magestoso templo,
Quando, forrado de funereos crepes,

Quebrada a escuridão por luz incerta
Que espalha, a crepitar, lampada triste,
Sem vida, inerte e frio, um corpo asyla,
Que involucro já foi d'alma captiva,
Pelo Eterno chamada á liberdade,
E insensivel espera o seu destino
De ir na campa servir de pasto aos vermes!

E' triste a noite assim; — mas a tristesa
E' grata ao infeliz, da magoa oppresso!

Que importa a luz do sol, brilhante e pura,
Quando a nuvem sombria o peito enluta,
Porque n'alma braveja a tempestade,
Chove na face copioso pranto,
Roucos trovejam ais, e sae dos olhos
O raio, a fusilar, do desespero!

Que importa a luz do sol, que o mundo cega,
Ao que triste... abatido... a vista frouxa...
Já farto de gemer, sempre debalde,
Em soluços a dor somente exprime?!...

Que importa a luz do sol, vivificante,
Se a vida me não dá, já quasi extincta,
Pelo fogo de amor... pela saudade?...
Se eu não posso, fugindo ao raio ardente,
Buscar a habitação da minha Elvira,
E matar este ardor que me devora,
Sorvendo o pranto seu na face linda!...
Antes a noite assim... triste... sombria..
Negro manto, encobrindo a desventura.

Furtando-a ao motejar da turba insana !...
A meus olhos, sem ti, o mundo em galas
E' um cahos de horror, que me entristece...
Faz-me alheio praser mais desgraçado !...

Não quero ver-te, na apparencia alegre,
Alvo attrahente da fallaz lisonja,
Da vil adulação causa innocente !...
Não tolero que o mundo te profane,
Julgando-te mulher !... a ti... que és anjo...
E a mim só confiando o teu segredo,
Em plena adoração me vês prostrado !...

Apraz-me a noite assim... porque, sosinho,
Livre do peso de mundanas vistas,
Posso ver no horisonte a imagem tua,
E adoral-a submisso qual te adoro
Se a meu lado te vejo um só instante !

SONETO.

Nestas faces não vês como a tristesa
Lança o pallido veo, de côr sombria?
Nestes olhos, que o pranto não vencia,
Não vês tão frouxa a luz, morta a vivesa?

Não me fez tanto mal a natureza,
Nem de mim o vigor se despedia;
No rosto, diz a côr o que eu sentia,
Morreu a luz ao sopro da incerteza!

Tu, a quem voto adoração tão pura,
Por quem minha ventura é já perdida,
Não acordas aos brados da ternura.

E n'um leito de gelo adormecida,
Vês aberta a meus pés a sepultura,
Nem me deixas morrer, nem me dás vida!

SONETO.

E' triste, quando ruge o vento irado,
Ver dos astros sumir-se a luz formosa;
E do arbusto que ostenta a linda rosa
Ver o tronco mimoso ao chão curvado.

E' triste ver o mar que, socegado,
Ostentava a lusir face lustrosa,
Ergue-se, e á praia, em vaga furiosa,
O barquinho arrojar despedaçado.

E' triste a escuridão, com seus horrores,
Quando, á furtiva luz, sombras errantes,
Negros phantasmas são, aterradores.

Mas dizem-me tormentos incessantes
Que é mais triste morrer por ti d'amores,
Sem ter do teu amor vivido instantes!

SONETO.

Como a nuvem que assombra o rosto á lua
Enfraquece o valor ao navegante,
Assim turva minha alma, delirante,
A expressão do desdem na face tua.

Como a nuvem, se rapida fluctua
Traz nova animação ao viajante,
Assim me afrouxa a dôr, se ao teu semblante
Volve a doçura de expressão, que é sua

Mas ao homem do mar volta a alegria,
Que o receio fugiu, da tempestade,
Vem, apoz linda noite, o bello dia.

Fica em meu coração a escuridade,
Que o sorriso que a magoa me allivia,
Não é nuncio d'amor—diz só piedade!

DELIRIO.

Que é o céo a patria nossa ;
Que é o mundo exilio breve ;
Que o morrer é cousa leve ;
Que é principio, não é fim.

Que duas almas que se amaram
Vão lá ter nova existencia,
Confundidas n'uma essencia,
A de um novo cherubim.

A. HERCULANO.—*Mocidade e Morte.*

Porque me foges, Elvira?
Porque isolado me deixas,
Soltando amargosas queixas,
Filhas d'alma que delira?...
Onde estás, anjo adorado,
Que não vens, com mão piedosa,
Desta face lacrimosa
Limpar o saudoso pranto,
Por te não ver, derramado?
Tu não sabes que outro encanto
Não m'o dá ninguem na vida?
Não vês que a razão, perdida,
Mais não volta ao desgraçado

Que uma vez te vio sómente;
Se de ti é separado,
Sem que um teu meigo sorriso,
Revelando um céo interno,
Possa vir suavemente
Transportal-o deste inferno
Aos gosos do paraiso?

E eu, que te vi, carinhosa,
Nos meus braços recostada,
Com a face melindrosa
Por meus labios escaldada,
Denunciando a chamma ardente
Pela côr bella da rosa
Sobre a pallidez pintada...

Eu, que senti docemente
Roçar-me pelos ouvidos
A palavra—amor—tremente,
Repetida entre gemidos,
No leve som confundida
Do roçar dos teus vestidos...
Quando a paixão te impellia,
Quando o pudor te affastava,
E a virtude só vencia,
Que a virtude eu adorava
N'um anjo que em ti só via...

Eu, que todos os sentidos
Em ti sómente empregava,
Porque estava a ti rendida
Esta alma. da tua escrava...

Que, cego, nem me lembrava
Que de perto nos ouviam,
E bebia os juramentos
Que os teus labios repetiam,
Quando, em fervidos momentos,
Sentindo, nos meus collados,
O fogo que me accendiam,
E por elles affinados.
Como doces instrumentos
Uma só nota vibrando,
Amor... amor... só diziam...
Crescendo o som... dilatando
O gozo em que me prendiam...

Eu, que em rapidos instantes
Da terra longe me cria;
—Que enlevos tão palpitantes
Só no céo julguei que havia —
Que soube o que era a ventura
Porque tu, anjo, o disseste,
Quando em languida ternura
Callido beijo me déste...
Que, á tristeza arrebatado,
Fui tão ditoso comtigo,
Hei de em lagrimas banhado
Morrer aqui sem abrigo?...

Porque me foges, Elvira?
Porque isolado me deixas,
Soltando amargosas queixas,
Filhas d'alma, que delira?

Ah!... tu foges como a lua
Ao triste que se extasia,
Vendo a luz pallida sua,
Porque o cega a luz do dia,
Brilhante, mas inimiga
Da terna melancolia...
E a lua, meiga e saudosa,
Da tristeza doce amiga,
Só foge a quem a procura
Se negra nuvem teimosa,
Que não sabe o que é ternura,
Lhe rouba a luz, invejosa
Por não ter tanta doçura...

Perdão, Elvira adorada!
Só contra a sorte me queixo;
E's infeliz, não culpada...
Deixas-me... como eu te deixo...
Deixo-te, e fico sósinho,
Em pranto banhado o rosto,
Porque esse mundo, mesquinho,
Apontando-te o caminho,
Me aponta o caminho opposto!
Obedeces... obedeço
Porque te adoro e me adoras;
Padeces, porque eu padeço,
E eu choro porque tu choras!...

Mas... que importa o louco mundo?
Que poder vês tu na terra,
Que a tanto amor faça guerra?...
Como póde, por mais fundo

Que rasgue, o ferro homicida
Em dous corações ligados,
Matar a paixão ardente,
Sem levar com elle a vida
De dous entes malfadados?!...

Embora!... Ao triste, que sente,
A vida assim é martyrio!...
Ai... Elvira!. . que delirio
Da minha alma se apodera!...
Neste lance d'amargura,
Nem morrer eu já quizera,
Deixando-te aqui sósinha,
Anjo isolado, e sem culto,
Fechada nesta clausura,
Onde o que é do céo definha;
Vendo na terra um insulto
Em cada phrase mesquinha,
Em cada acção decantada,
Em cada lei, que tortura
A paixão divinisada!

Sê minha na sepultura,
Já que em vida não és minha!
Se para nós a ventura
E' sonho... sonho... e mais nada...
Foge! foge, Elvira amada!
Corre a encontrar-te comigo!
Prende-me em teus doces braços,
Procuremos novo abrigo...
Sejam eternos os laços
Deste amor tão puro e santo:

Vamos sepultal-o, Elvira,
Lá no abysmo do oceano!
Ai... vamos, se pódes tanto,
Se te cança o desengano,
Se o desespero te inspira
A fuga ao mundo profano!...

Deus é grande, anjo adorado!
Deus perdoa ao suicida,
Se a seus pés não vae manchado,
Se infeliz só foi na vida!...

Vamos ver se o céo clemente
Mais ameno abrigo encerra
Para este amor, tão ardente,
Tão desgraçado na terra!...

SONETO.

Pobre, como nasci, pobre morrêra,
Sem julgar-me infeliz pela pobresa;
Que, por alto favor da naturesa,
Da ambição ao poder jamais cedera.

Do fastigio a illusão não conhecêra,
Nem os sonhos fallazes da grandeza;
E na idade em que amor gera a tristeza,
A paz do coração nunca perdêra.

Mas vi-te, e a minha sorte foi mudada,
Que d'amarga paixão sentindo o travo,
Sem poder-te mostrar quanto és amada.

Quizera ser dos bravos o mais bravo,
Ter opulencia, gloria e fama honrada,
Depôr tudo a teus pés, ser teu escravo!

POR TI!...

Como a abelha corre ao prado,
Como no céo gira a estrella,
Como a todo o ente o seu fado
Por instincto se revella,
Eu no teu seio divino
Vim cumprir o meu destino...
Vim, que em ti só sei viver,
Só por ti posso morrer.

GARRETT — *Folhas Cahidas*

Eu sinto, só por ti, o meu tormento,
Só tenho para ti alma sensivel;
Sem teu amor, Elvira, o sentimento
Dentro em meu coração, fôra impossivel!

Sem ti, á força do pezar amargo
Meu animo cedêra, outr'ora forte;
Desse estado, infeliz, fôra ao lethargo,
Do lethargo á loucura, e della... á morte!...

E' por ti que inda vivo, que inda penso;
E o que penso inda digo, ao som da lyra;
E' por ti que me innundo em pranto immenso,
E' por ti que o suspendo, amada Elvira!...

Por ti, subo, sonhando, ao paraiso,
Desço ao inferno... porque nada espero...
A sorrir... a chorar... sempre indeciso...
Não desejo viver... nem morrer quero!...

Que estado é este, que a razão condemna,
E o pobre coração inda sustenta?...
Porque matar-me quer agora a pena,
E a esperança, mais tarde, me aviventa?...

A esperança?... A loucura... que o destino
Meu desditoso fim tem já traçado:
E' no mundo vagar, sem luz, sem tino,
Sempre longe de ti, anjo adorado!...

E depois?... ah!... depois... lá quando a vida
Cançada pela dôr, pela amargura,
Ao tormento ceder... deixar a lida,
Ir sem ti repousar na sepultura!...

Embora!... Assim findara o meu delirio,
E eu fugira ao porvir, mais tenebroso:
Viver sem ti, Elvira, é um martyrio...
Morrer por ti, meu anjo, é ser ditoso.

A MEU ANTIGO E PRESADO AMIGO.

ANTONIO DE ALMEIDA CAMPOS.

Saudades da patria são doces tristezas
Que as almas tem prezas n'um sonho feliz;
Dão gosos, dão penas, dão fel e doçura,
Secreta mistura que a lingua não diz!

Se o pobre exilado desperta risonho,
Foi placido o sonho que em mente passou;
Depois de outra noite, lá surge outra aurora,
E o triste, se chora, tristezas sonhou.

Nas lides da vida, de magoas tão cheia,
Ha sempre uma idea que a patria nos traz;
E idéa de origem tão pura, e tão santa,
Se ás vezes encanta, nem sempre dá paz.

Não firma um dominio tão largo, e potente,
Saudade, somente, da terra natal.
Ai! candida infancia! gentil mocidade!
Daes vós á saudade poder immortal!

Pensamos nas flores, pensamos nas aves,
Nas noites suaves de meigo luar?
— Tambem estas plagas tem aves e flores,
E a lua os fulgores que expede alem-mar!

Se o solo é bellissimo—os rios possantes—
Os astros brilhantes—o céo tão azul,
Encantos formosos que ao longe deixamos
Tambem os gosamos nas terras do sul!

E a patria a lembrar-nos! E nunca essa imagem
Sem nossa homenagem um dia se viu!
Mas nesse tributo, que aos pés se lhe lança,
Vae sempre a lembrança d'um bem que fugiu!

Vae nelle a saudade da quadra formosa,
Da infancia ditosa, que foge a correr;
De alegres folguedos, de meigos carinhos,
Da ausencia de espinhos, de ameno prazer!

Vae nelle a saudade, mais funda, mais viva,
Da idade captiva... da idade do amor;
Da quadra em que o peito, que ardente se agita,
Mais brando palpita, mais forte é na dôr!

Em terras estranhas, apoz longa ausencia,
Se inda ha na existencia doçuras quaes são?
São estas, que os gosos de outr'ora despertam,
Que os laços apertam de antiga affeição!

São doces memorias de tempos felises;
— Na patria as raizes, e os fructos aqui. —
São desta amisade lembranças tão bellas!
Vem tudo por ellas, vem tudo por ti!

NO ALBUM

DO MEU AMIGO FRANCISCO JOSE' CORREA QUINTELLA.

Meu Quintella.
E' tempo agora,
Vou cumprir uma promessa:
Condemnarás a demora?...
Cuidado... não caias nessa.
Foi de um anno ou anno e meio?
Não é pouco, isso é verdade;
O desleixo era aqui feio
Inda que fosse metade.
Sempre nas leis acha pena
Qualquer crime commettido;
Mas um réo não se condemna
Sem primeiro ser ouvido;
E o juiz que seja recto
Não póde por indiscreto,
Calcar aos pés a justiça,
Porque de ouvir a defeza,
Por ser longa, tem preguiça.

Mas és tu homem de brio,
E na amizade eu confio
Que me tens provado tanto,
E te confere o direito
De saber, e com certeza,
De certos vai-vens da vida
Que tanto mal me tem feito.
Vou, pois, contar-t'os com geito
Que te não provoque o pranto,
Porque a lagrima vertida,
Quando é longa e intensa a magoa,
E' seiva que vae perdida,
Não é simples gotta d'agoa.
Destas cousas, meu amigo,
Posso fallar de cadeira,
Porque sou nellas antigo,
Ou, antes, velho na asneira.
Mas, preambulos deixando,
Que não dão lucro nem gloria,
Entremos na tal historia.

Ia o mundo caminhando,
Ou caminhava eu no mundo
Muito alegre—eis senão quando
Encontro um poço sem fundo,
E lá vou cambaleando,
Qual um ebrio vagabundo,
Couce aqui, acolá quéda,
Quebro pernas, quebro braços,
E se o mundo não se arreda
Desfaço o mundo em pedaços!

Foi o caso, que o juizo
Não era muito abundante
Na bola:— traste preciso
Para mim, que sou chibante;
Pois sabes que um chapéo liso,
Que a escova tornou brilhante,
Sendo na fórma elegante,
Dá-lhe de cabeça o geito,
E quem a tem, velho ou novo,
Ande torto, ande direito,
Que tem siso diz o povo,
Sem meditar que uma bola
Entre os hombros, sobre o peito,
Se lhe não regula a mola,
Não torna um homem perfeito.

O coração... oh! coitado!...
Se pouco vale a cartola
Esse é louco rematado,
Está muitas vezes preso
E quasi sempre amarrado;
Mas gosta, vai pelo vezo,
Ora audaz, ora insensato,
Ora fraco e miseravel,
E eu, no fim do espalhafato,
Como editor responsavel,
Tenho de *pagar o pato!...*
E creio que não tem cura,
Porque a tenho procurado,
E nem a idade madura,
Nem o espelho do passado.

Nem da razão os conselhos,
Nem o exemplo de infelizes,
O curam de achaques velhos;
E anda sempre de narizes !...

Foge assim toda a alegria!
E' desgraça!... é desconsolo
Ter a cabeça vasia
Quem tem o coração tolo!...
Demais a mais, o destino,
Por brincar, em hora vaga,
Cravou-lhe o dente ferino,
E abrio-lhe profunda chaga.
Safou-se por ella o tino
Que eu tinha, que era já pouco,
E assim, com cara de louco,
Deixei fugir muitos mezes,
Qual creança pequenina,
Chorando, gritando ás vezes!
Quiz tambem a medicina,
Sobre a queda, dar-me sova;
E se lhe caio nas unhas
Só me largava na cova.
Não preciso testemunhas
Para provar que a doença,
Apezar de não ser nova,
Não era o que o mundo pensa.
Meu amigo, eu cá me entendo,
Deixa lá fallar quem falla;
Sou teimoso, não me rendo,
Nem o que dizem me abala;
Mas sobre isto ponho ponto,

Senão foge o tempo todo
Sem chegar o fim do conto.

Viste alguma vez no lodo
Patinhar um pobre sapo,
D'aqui levando pedrada,
D'acolá forte sopapo
Sem poder fugir da lama,
Que, por fim vae ser da ossada
Sepultura em vez de cama?...
Pois foi essa a minha sorte!
Não resisti ao desgosto,
Nem pude, intrepido e forte,
Voltar ao destino o rosto.
Como dizem que faziam
Os philosophos d'outr'ora,
Que dos infortunios riam,
E, se instantes padeciam,
Achavam prompta melhora
Na santa philosophia,
Que nessa feliz idade,
Se no calculo não erro,
Suppria, valha a verdade,
O bom *sulphato de ferro*,
Nossa riqueza hoje em dia.
Que felizes creaturas!
Que *cachimonias* tão duras!...
Que corações de tijolo!...
Mas... foram elles patetas,
Ou, inda agora, eu sou tolo?...

Os philosophos, poetas,
Padres novos e doutores,

Os famosos jornalistas,
Os fidalgos estadistas
E do romance os autores,
São heróes que o tempo nosso
Respeita, como eu venero;
Mas ter nelles confiança,
Tenham paciencia, não posso,
Não me faz conta, não quero.
Podem chamar-me creança,
Que não ha de haver mudança.

Emfim é grande imprudencia
Bolir com tão alta gente;
Paremos, porque é de urgencia
Ser submisso e reverente,
E ha mesmo conveniencia
N'uma narração singela,
Sem commentarios inuteis.
Não te parece, Quintella,
Que estes desvios são futeis?...
Serei sensato e prudente
Na descripção do passado.
Não succumbi de repente,
Bem devagar fui cahindo,
A' razão inda apegado
Que depois se foi sumindo.
O somno foi-me fugindo,
Passava as noites álerta,
Os olhos fitos no tecto,
Pasmado, de boca aberta,
Ora manso, ora inquieto;
Nem nas horas de socego

Bons livros, ao menos, lia,
Que allemão, hebraico ou grego
Era o que em letras eu via,
Mesmo em lingua portugueza!
— Nem sempre me enganaria...
Mas era senso, ou rudeza?...
Ninguem sabe o que seria.—
Inda bem que me prendia
Por vezes o pensamento
Um, bem simples, aprazivel
E honesto divertimento:
Era enxotar os mosquitos
Com arrogancia indizivel;
Matar d'uma vez um cento,
Ver outros fugindo afflictos,
Ouvir no meu aposento
Uma insolita harmonia;
E notando o esquecimento
De males que antes sentia,
Ter uma decisão clara
Sobre assumpto em que eu pensara
Muitas vezes, noite e dia:
—Era porque Deus creára
Tão fecunda bicharia.—
Agora sei com certeza,
E digo-o, sem ceremonia,
Tal creação foi fineza
Aos que padecem de insomnia.

A flauta, namoro antigo,
Que me ajudara em campanhas
Com a dôr, que tive outr'ora,

Desprezada em seu jazigo,
Creava por dentro aranhas,
Só tinha bolor por fóra!
Visitas nem uma apenas
Por dever ou por convite;
Conversas eram massadas,
Embora fossem amenas,
Jocosas e variadas,
Não tinha a magoa limite,
E por ella dominado
Fiz de meu quarto um palheiro.
—Era, inda assim, visitado,
Mas nem uma das visitas
Fui pagar. Que caloteiro!...
Até julgava exquisitas
Essas provas d'amizade!
Fugia da sociedade
Como do cão foge o gato,
Sem pensar que por ingrato
Muitas vezes passaria!
Nada, para mim, valia
A promessa ou compromisso;
A reuniões... não ia...
Theatros... quem falla nisso!...
Para ter vida de monge
Bem pouco, já me faltava;
Não via as moças de longe
Nem de mim as tinha perto,
Pelas contas não resava,
Nem pelo livro; o que é certo
E' que nem comer sabia;

Podia estar no deserto,
Que a fome não a sentia;
O estomago, esse chorava,
Porque já chôcho, encolhido,
Nem do sabor se lembrava
Do que antes tinha comido,
E eu, bem pouco resolvido
A dar-lhe novo alimento,
Deixava o pobre coitado,
A morrer de desalento.
Por fim, fraco e estropiado,
O nariz grande, aguçado,
Chupada a face amarella,
Barba e cabellos grizalhos,
Assim andei, meu Quintella,
Deixando a estrada da vida,
Tropeçando por atalhos
E por becos sem sahida!...

O teu album, coitadinho,
Foi o tempo assim passando,
Sem nunca sahir do ninho,
Desprezado;— eis senão quando
Dou segunda cambalhota,
E quasi morri, julgando
Que era mortal a derrota;
Mas ergui-me pouco a pouco,
Fui sacodindo a poeira,
Entendi que era ser louco
Chorar uma vida inteira,
Sem lenço que enxugue o pranto.

Calafetei a torneira
D'onde as lagrimas corriam,
Fui comendo as iguarias
Que outr'ora me pertenciam,
Affastei-me do meu canto,
Comecei gosando os dias,
Que noites me tinham sido.
—Como, bebo, durmo ás vezes,
Trabalho, muito entretido,
(O que não fiz muitos mezes)
Sinto-me animado e forte,
Faço figas ao destino,
E, se não vier a morte,
Outra vez temos Faustino.

1861.

SONETO.

Ismenia, o coração não é de ferro ;
E o que pulsa em teu seio é tão sensivel,
Que natural não é ser impassivel
A paixão que, por ti, no peito encerro.

Quanto mais nisto penso, mais me aterro,
Que a esperança nutrir fôra impossivel ;
Vem mostrar-me a rasão causa visivel,
Diz-me a tua friesa que não erro !...

Que lá vive em teu seio, comprimido,
O fogo d'outro amor, mal compensado.
Pela dor, entre cinzas escondido.

Um dia hade surgir, mais inflammado,
E o triste que por ti só tem vivido,
Morrerá nessas chammas abrasado !...

SONETO.

Sou bem ditoso, Ismenia, se a teu lado
Me deixas contemplar os teus encantos,
Embora aos olhos meus arranquem prantos
Receios que me fazem desgraçado.

N'um volver de teus olhos, descuidado,
Nos sons da tua voz, de enlevos tantos,
Vem reflexos de luz, vem doces cantos,
Que me fazem viver n'um céo sonhado.

Mas quando no meu céo não resplandeces,
Meu pobre coração, á dôr propenso,
Os martyrios que soffre, não conheces!

Ardo na chamma deste amor immenso,
Quando, ausente de mim, de mim te esqueces
Quando, longe de ti, mais em ti penso!

SONETO.

A' EXM.ª SRA. BARONEZA DE TAQUARY (NO DIA DOS SEUS ANNOS, EM 19 DE OUTUBRO DE 1865.)

Um misero mortal cahira outr'ora
Entre prantos de dôr, no chão da morte;
Christo apparece—chama— e, ao brado forte,
Vê Lasaro da vida a nova aurora!

Tingida pela magoa que a devora,
Soffrera a minha musa o extremo corte;
Surge este dia—chama—curva a sorte,
E a musa, que morrera, ergue-se agora!

E Lasaro, vertendo alegre pranto,
Inda tremula a voz, sente-a elevada,
Da gratidão cumprindo o dever santo.

A musa, d'entre as cinzas levantada
Ao „ maternal amor " exalça o canto,
Cumpre a santa missão, e volve ao nada.

MYSTERIO.

> Pensei que amiga, carinhosa fada
> Me arrebatava em hora de mysterios
> A uma esphera d'amor, mansão d'encantos...
> Couto Monteiro.—*Uma noite no Tejo.*

Foi visão?... Seria certo?...
Nem eu sei, candida Elvira;
Mas quem sente o que eu sentira,
Se do céo não vae bem perto,
Já bem longe está da terra,
Theatro d'amargas dôres;
Tanto goso, não o encerra
Este mundo em que vivemos;
E se o prazer vem d'amores
Como este amor em que ardemos,
Ha neste fogo um segredo
Que não descobre quem arde;
Qual era, quem sabe?... é cedo!...
E o fogo?... Finou-se... é tarde!...
Só vive a doce lembrança,
Porque a saudade a sustenta;

Mas é já morta a esperança
Que mata noites e dias,
Que a vida inteira alimenta
Com risonhas alegrias:
Resta chamar á memoria,
Por debellar agonias,
Esses instantes de gloria.

Eu pensei que me prendiam
Doces, apertados laços,
E que, ao ver d'onde viriam,
Me encontrava nos teus braços.
Julgava que me accendiam
Nos labios chammas ardentes,
E que essas chammas fugiam
Se os teus labios, inda quentes,
Dos meus labios se affastavam.
Suppunha que me levavam,
Pouco a pouco, a doce vida:
Mas tão suave era a morte,
Que a quizera repetida
Por morrer daquella sorte!...
Que a razão ia perdida,
Nas azas d'amor voando...
Que esse goso tão intenso
O não tem ninguem pensando,
Has de crêl-o, como eu creio;
Mas agora, porque penso,
Em ti só preso o sentido,
Mais na duvida me enleio,
De novo fico perdido!...

Dize, Elvira, o que seria?...
Tanto enlevo d'onde veio?...
Scismo de noite e de dia,
E ás vezes tenho receio
De perder, scismando, o tino;
Mas se o goso foi divino,
Tu, que és um anjo, poderas
Levar-me á esphera celeste —
Pois tens lá nessas espheras
A patria d'onde vieste —
Dar-me um sorriso mimoso
Como tantos que me deras,
E, por fazer-me ditoso,
Mostrar-me de novo o goso
Tão doce, tão desejado,
Que eu senti nesse delirio...
Morresse, embora, a teu lado,
Porque a vida é um martyrio
Quando se chora o passado
N'um céo d'amor tão risonho...
Ou fosse o goso sonhado,
Ou real, em vez de sonho.

SONETO.

Ismenia! Esta tristeza, esta amargura,
Vem só de ti, por ti, porque te adoro,
E amor, que anceio, compaixão que imploro,
Nada quer conceder-me a desventura!

E tu, sei que não tens alma tão dura
Que estranha seja ás magoas que deploro;
Vês que soffro por ti, sabes que choro,
Que marcho á doce paz da sepultura!

E pódes vêr-me assim, quasi perdido,
Arrastando uma vida tormentosa,
Sem que o teu coração tenha soffrido?...

Ismenia! Cede, emfim! Sê generosa!
Surja o punhal que trazes escondido...
Vem matar-me... e depois... serás ditosa!

SONETO.

O mar, que a mão de Deus fez tão potente,
Do celeste poder por mago effeito,
Repousa em somno placido, em seu leito,
Como debil infante, inda innocente.

Meu pobre coração, fraco, impotente,
Collocado por Deus em fraco peito,
Rompe os limites do recinto estreito,
Debatendo-se louco em luta ardente!

E' que o mar, em seu leito socegado,
Vê nos plainos do céo sorrir-se a lua,
Recebe-lhe o fulgor, doce, encantado.

Meu coração agita-se, e fluctúa,
Que, triste, por não ser d'Ismenia amado,
Falta-lhe a encantadora imagem sua!

LUAR.

Embalde aos céos erguendo os olhos turvos
Meu astro procurei entre os mais astros
Que outr'ora amiga sina me fadara !
Com brilho embaciando a luz incerta
Nos ares se perdeu antes do occaso,
Deixando-me sem norte, em mar de angustias.
A. Gonçalves Dias.— *Sempre Ella !*

Era uma noite de inverno,
Mas inverno doce e ameno,
Quando a natureza calma,
Repousando aos pés do Eterno
Em somno brando e sereno,
Docemente imprime n'alma
Saudosa melancolia.
A lua, perola immensa,
Sobre esmalte azul cravada,
Ostentava a luz intensa
Que da face prateada
A' terra, ao mar transmittia ;
E da mente arrebatada
Nem a decisão partia

Se era tarde, ou madrugada,
Se era noite, ou se era dia!

Da immensa perola em torno
Luziam, como brilhantes,
Sobre o esmalte bello adorno,
Mil estrellas rutilantes,
Rivaes todas em belleza;
E os meus olhos encantados,
Ao firmamento elevados,
Pelo espaço divagavam,
E, contemplando a riqueza,
Já quasi cegos, pasmavam
Das joias da natureza!

De tanta luz fatigados,
Fui repousal-os na praia,
Já sem brilho, amortecidos,
Como a virgem que desmaia,
Nesse enlevo dos sentidos,
Gosando o céo n'um instante,
Quando em amoroso enleio
Junta, presa ao doce amante,
Peito casto ao casto seio!

E fui sentar-me sózinho
Do mar á beira, pensando;
E o mar, a face agitando,
Vinha em doce murmurinho,
Ao quebrar na pedra escura
Orlar-se de branco arminho,
E, fugindo á rocha dura,

Já desfeito, em desalinho,
Furtar-me aos olhos a alvura.
E no topo do rochedo,
Sobranceiro ao mar e á terra,
Vendo a fulva areia perto,
Ao longe o cume da serra,
E em tudo o fundo segredo
Em que o pensamento incerto
Divaga louco, perdido,
Julguei-me presa de um sonho,
Contemplando embevecido,
O quadro grande e risonho!

E abrir-me os olhos ao mundo
Que extasiado eu não via,
Só, n'um abalo profundo,
Milagre do céo podia.

Assim foi;— que á branda aragem
Desse enlevo me arrancara,
Mostrando-me a tua imagem,
Que ali mesmo eu adorara!

E esqueceu-me a casta lua,
Nem vi mais seu rosto brando,
Tremula a vista fitando
Na face pallida tua;
E dos astros luminosos
Não gosava o brilho ameno,
Vendo em teus olhos formosos
Esse fulgor tão sereno;
Nas ondas leves fugindo

Não achei suave encanto,
Ao ver no teu rosto lindo
Mais lindas ondas de pranto;
E da natureza inteira
Toda a belleza fugira,
Que a meus olhos, sobranceira
Brilhavas tu, minha Elvira!

Lembrei-me então do passado,
E, chorando as minhas magoas,
Era este pranto abafado
No rumor das mansas agoas.

Em mago enlevo, a teu lado,
Naquella rocha assentado,
Já fui outr'ora ditoso.
Como agora, o mar undoso,
Tremendo, gemia apenas,
E o astro, meigo e saudoso,
Derramando nestas scenas
Esse encanto mavioso
Que da luz pallida esplende;
E o triste cantor plumoso,
Que os queixumes não desprende
Quando o raio luminoso
Do sol, em fogo se accende;
E do sino a voz sentida
Que, d'ècho em écho voando,
Sobe aos espaços perdida,
Na terra a magoa deixando;
E este silencio profundo,
Da vida magico somno,

Que roubando-nos á vida
Nos arrebata do mundo,
E de Deus o ethereo throno,
Em sonhos embriagantes,
Na sonhada despedida
Nos deixa ver por instantes;
—Tudo em minha alma coava
Doce, languida ternura,
Goso que me aproximava
Dessa tua alma tão pura!

Elvira!... Como eu te amava
No encantado paraiso
Que eu só comtigo habitava,
Enlevado no sorriso
Que nos teus labios pairava!

Nem a maligna serpente
Que a vida nos fez escrava,
Quiz ver, na paixão ardente
Se o poder seu triumphava;
Que amor tão puro e tão casto,
Na terra nascido, embora,
Tem no céo dominio vasto,
Aos pés do Eterno só mora,
Não quer do mundo mais nada!

E era a noite, como agora,
Noite d'amor e mysterio,
Com esta luz encantada,
Tão seductora e tão calma,
Dando meigo refrigerio
Aos negros tormentos d'alma!

Então... amor e ventura...
Paixão agora, e tristeza...
Longe de ti, alma pura!
Aos olhos tanta belleza,
No coração noite escura!

Vem... oh! vem, candida Elvira,
Vem matar esta saudade!
Vem affinar esta lyra,
Que em vez de cantar, suspira
Por cantar-te a divindade!

Vem dizer-me que estás viva,
Que deste amor és captiva;
Que no mundo, expatriada
Lá das celestes espheras
Vives, porque és adorada,
Tens crenças, em Deus esperas!

SONETO.

Camões cantava outr'ora os altos feitos
Dos famosos heroes conquistadores;
E, cercado o seu nome d'esplendores,
Os limites do mundo achava estreitos.

Bocage dominou altivos peitos,
Com a lyra immortal, cantando amores;
E, triste, succumbindo a acerbas dores,
Obrigara o universo a eternos preitos.

Philinto, desditoso, em terra alheia,
O seu corpo arrojou á sepultura,
Mas deixou, com seu nome, a patria cheia.

Eu, Ismenia, não subo a tal altura,
E sem o teu amor, que esta alma anceia,
Não canto... choro a propria desventura!

SONETO.

Existem nos jardins mimosas flores,
Tão sombrias, tão dadas á tristesa,
Que só do rei dos astros a vivesa
Lhes faz abrir o seio aos seus fulgores.

A' tarde, aos menos calidos ardores,
Dão em troco, tambem, menos bellesa;
A' noite, quando é muda a naturesa,
Fecham seu calix, escondendo as côres.

E, embora o que é da terra ao ceo pertença,
Não tem nellas poder a meiga lua,
Nem nas estrellas ha fulgor que as vença.

Eu sou, nesta isenção, a imagem sua:
E' dia, para mim, tua presença,
E' noite, para mim, a ausencia tua!

SONETO

Como podes, Ismenia, ser tão dura,
Que ao fogo deste amor fria resistes?
Como podes, se vês lagrimas tristes,
No semblante mostrar doce brandura?

Ja não me illudem sonhos de ventura;
Em prometter amor debalde insistes,
Se compassiva á minha dor assistes,
Não sabes, se me affasto, o que é ternura!..

Não me prova um sorriso o sentimento,
Que na masmorra ao triste encarcerado,
Sem que o ame ninguem, dá-se alimento.

Vês-me pela paixão allucinado,
Sabes que deste amor só me sustento,
Não me deixar morrer, é teu cuidado.

SONETO.

Ou da fraca rasão sensivel falta,
Ou triste condição do peito humano,
Mais do teu desamor me desengano,
Mais a ardente paixão por ti se exalta.

Que vale a intelligencia, que tão alta
Pretende levantar o vulgo insano,
Se cae na luta com o amor tyrano,
Victima fragil do poder que a assalta?..

Não dissipa a rasão magoas de amantes;
Dil-o a historia fatal do mundo inteiro,
Dizem-n'o as minhas lagrimas constantes.

Despresa, embora, amor tão verdadeiro;
Serão teus os meus ultimos instantes,
Será teu meu suspiro derradeiro!

A UM AMIGO.

Amigo, tu amas? prendeu-te a belleza
De um anjo, que a vida te veio doirar?
E soffres, por ver que o amor, a tristeza
Não podes em verso sentido expressar?

Nem só é poeta quem sabe na lyra
Soltar os seus cantos d'amarga paixão;
Poeta é quem ama, quem triste suspira,
Poeta é quem sente... quem tem coração!

Se ao pé do teu anjo, tua alma incendida
As faces te escalda, com fervido ardor,
Bem mais que uma estrophe, d'enfeites vestida,
Não diz em teus olhos, o fogo d'amor?

Se após uma ausencia, bem farta de pranto,
A *bella* contemplas, nadando em prazer,
Não falla um suspiro mais alto que canto
Que um vate divino podesse tecer?

Se olhando o futuro te punge a lembrança
Do tempo que foge, deixando-te a dôr,

E escutas dos labios da *bella* uma-esp'rança —
Não vale este som mil poemas d'amor?

Não foi n'uma estrophe, n'um canto sentido,
Não foi n'um poema, que esse anjo fallou;
Mostrando-te as chammas do peito incendido,
Tambem no teu peito seu fogo ateou!

Nem só é poeta quem sabe na lyra
Soltar os seus cantos d'amarga paixão;
Poeta é quem ama, quem triste suspira,
Poeta é quem sente... quem tem coração!

AUSENCIA.

Isenta do laço que ao mundo nos prende,
A vida que val ?
A vida é só vida se o amor nella accende
Seu doce fanal.
Aos mundos que eu sonho podesse eu comtigo,
Voando, subir ;
Depois, que importava ? depois no jazigo
Sorrira ao cahir

A. A. Soares de Passos (*Desejo*)

Tres dias sem te ver, é muito, Elvira ;
Ver-te agora, e fugir, meu anjo, é pouco !
Inda me punge a dor que me pungira
Buscando-te, debalde, errante e louco !
Ao naufrago infeliz não é bastante
De longe ver a terra apetecida ;
Se lhe surge, viçosa e radiante,
A esperança que viu murcha, perdida,
Quer ás praias chegar, e em liberdade
Affogar em seus prantos a saudade
Que sentira no mar, quasi sem vida !. . . .

Quero um sorriso teu, que ao fundo d'alma,
Onde reina o temor, traga esperança,

Qual iris bello, que a tormenta acalma,
Promettendo apoz si longa bonança.
Quero ver em teus olhos da ternura
A suave expressão, quasi divina;
Quero escutar-te a voz, meliflua e pura,
Que por vozes terrestres não se affina;
— Mais doce e amena se, a chorar, me dizes
Que no teu coração fundas raizes
Tem este ardente amor que me domina.

Quero a teu lado, em amoroso enleio,
Fria, tremula a mão presa na tua,
Ver em teu rosto, de candura cheio,
A meiga pallidez da meiga lua;
Sentir na face, em lagrimas banhada,
Teu halito roçar, qual vento brando,
Que enxuga a flor, do orvalho rociada,
Abrindo-a á vida que lhe dá, passando;
Ouvir-te, uma vez mais, o juramento
De que és qual eras, no feliz momento
Em que a teus pés me viste soluçando.

Nesse goso embebido, eu quero ainda,
Sem no teu rosto ver a cor do pejo,
Teu cabello affastar da fronte linda,
Imprimir-lhe, por culto, um casto beijo;
Quero que de teus olhos a luz clara
Séque o pranto saudoso em que me innundo,
Que ao coração fugindo, ali deixara
O fogo da paixão lavrar tão fundo;
Ouro, gloria, poder, penas e dores,
Tudo esquecer por ti, por teus amores;
Sonhar qne o mundo és tu, e eu rei do mundo.

SONETO.

Pede!... confia!... crê!— serás ditosa;
Serás do eterno esposo, eterna esposa.
SA' DE MENEZES — *Malaca conquistada.*

Sobre encrespado mar, exposto ao vento,
Das vagas pela furia arremessado,
Balouça, aqui e ali, baixel ousado,
Da perda receiando o atroz momento.

Cerra-se todo, agora, o firmamento,
Quer logo o sol romper, cede abafado;
A terra, a salvação, vê-se d'um lado,
Vê-se d'outro, no abysmo, um fim cruento!

Assim, louco d'amor, sempre indeciso,
Vejo negra e risonha a minha sorte,
Misturo, quando penso, o pranto ao riso:

Elvira! Só tu és hoje o meu norte:
Ou te encontro, e comtigo o paraiso,
Ou te perco, meu anjo, e é certa a morte.

TRISTEZA.

> Comtigo tudo vejo estar mudado;
> Nem claras as estrellas me parecem,
> Nem o sol, como d'antes. tão dourado.
>
> QUITA.— *Ecloga XIII.*

São-me hoje os dias noites de inverno,
Longos e frios, sem sol, sem luz;
Só sinto a vida no amor eterno
Que tantas magoas em mim produz.

Se o roseo manto da bella aurora
Da noite envolve tumido véo,
Não vem o alento, que a dôr minora,
Na doce brisa, na côr do céo.

Se o rei dos astros surge brilhante,
Não me allumia, nem dá calor;
Diz-me a tristeza, sempre constante,
Que a luz e a vida só vem do amor.

Vem só de uns olhos que amor inspira
Quando refulgem, fitos em mim;

Vem d'um poema que a linda Elvira
Solta dos labios, n'um meigo „sim."

Vem do mimoso, terno sorriso,
Que eu não traduzo, se amor não é;
Que imprime n'alma celeste aviso,
Que anima a crença, que augmenta a fé.

Mas esses olhos, que a luz da lua
Na expressão terna vencer já vi,
Languidos, tristes, a luz que é sua
Perdem, chorando, longe d'aqui.

Mas esses labios que eu vi, sorrindo,
Vencerem, castos, a rosa a abrir,
Doce tristeza do rosto lindo
Já não desmentem com seu sorrir.

Mas a voz doce, que na harmonia
Celeste canto vencêra já,
Sem a ternura que a desprendia
Longos gemidos apenas dá.

E ao triste ausente que importa a vida
Longe d'um anjo que amou, que é seu,
Se d'alma errante, que vio perdida,
Só sabe o rumo que amor lhe deu?...

Se vio fugir-lhe toda a ventura
Sobre essas agoas do immenso mar,
Se a vista alonga, quando a procura,
Debalde sempre, sempre a chorar?...

Morto já fôra neste desterro,
Se atroz saudade vivêra só;
Se fôra tudo mundano encerro,
Se além da vida só visse o pó.

Mas não, Elvira, que inda confio
Nos votos, firmes, porque são teus;
Na prece ardente que aos céos envio,
Nas minhas crenças, em ti, em Deus.

DOUS ANNOS!

> Nenhum amou primeiro: em nós o affecto
> Foi uma idéa innata, um sentimento
> Que não póde ter fim não tendo origem.
>
> A. F. DE CASTILHO.—*Os Ciumes do Bardo.*

Já dous annos lá vão, candida Elvira,
Desde o dia feliz em que a teu lado,
Naquella indecisão que o medo inspira,
Por teus doces encantos fascinado,
Presa a falla, que aos labios me subira,
Pelo ardor da paixão reanimado,
Pude mostrar-te o coração que arfava,
Que batia por ti, porque te amava!

O que disse não sei... sei que tremia,
Que era quasi infantil o meu receio;
Se tentava fallar-te, succumbia...
Erguia-me depois de animo cheio,
Mas dos labios á flôr a voz morria,
Porque vinha abafal-a o teu enleio...
E ardente e gélido, eloquente e mudo,
Em silencio ou fallando... eu disse tudo!...

E tu como ficaste?— anjo mimoso —
Fugio-te a leve côr da face bella,
E mais bella a deixou, que é mais formoso
Esse alvor da cecem pura e singela,
Quando o raio do sol, menos fogoso
Porque a noite lá vem, se affasta della;
E n'um longo suspiro que soltaste,
Um poema d'amor desenrolaste!

Fitos em mim, teus olhos espargiam
Em torrentes a luz suave e pura;
As chammas que soltavam me accendiam
A que vinha de ti, doce ternura,
E as horas neste enlevo fugiriam,
Que breves sempre são quando ha ventura,
Se frias nossas mãos, de amor guiadas,
Não se encontrassem juntas e apertadas!

Despertamos assim, e o pranto ardente
Inda a voz te prendeu por um instante;
Mas a palavra—amor —presa innocente,
Dos labios te fugio, forte, vibrante;
E asylo eterno achou, que de repente
Aberto lh'o offertou meu peito amante...
Desde então nem eu sei, nem tu me dizes
Se desgraçados somos, se felizes!...

Desgraçados!... ai... não, que á desventura
Opponho o teu amor puro, celeste;
Um doce olhar dos teus, todo ternura,
Um dos meigos sorrisos que me deste;
Desgraçados!... ai... não... que dessa altura

D'onde buscar a adoração vieste,
De joelhos me vias desta sorte,
Como vês, e verás até á morte!

Felizes!... nem eu sei... porque a esperança
Não desce lá do céo, entre esplendores,
Qual iris bello a prometter bonança,
A espargir-me na estrada amenas flôres;
Mostrar-me no porvir doce mudança
No prisma encantador dos teus amores.
Felizes!... só se eu fôra em doces laços
Cahir nos braços teus... tu nos meus braços!

Para sempre ligadas nossas almas,
Uma existencia só ambos formando,
Pela fé, que as domina, então já calmas,
Elevando-se a Deus, e a Deus orando,
Poderamos colher viçosas palmas,
Guardar-lhes o verdor, vivendo, amando;
Nem póde, quem a crença n'alma encerra,
Dar aos anjos do céo amor da terra.

Deixa, Elvira, correr o meigo pranto
Que teus olhos divinos amortece;
Solta a voz que te dá celeste encanto,
Eleva ao céo piedoso ardente prece;
Não deixes esfriar amor tão santo,
Que no meu coração não arrefece;
Conserva firme a crença por escudo,
Minha vida serás, meu bem, meu tudo!

NÃO PENSES!

Dobra-se-me a fantesia
Em mil castellos de vento;
Coitado do pensamento,
Que está de noite e de dia
Entre tormento, e tormento.
BERNARDIM RIBEIRO—*Egloga* 3.ª

Porque tens, mimosa Elvira,
Teus olhos fitos no chão?
Pensas no bem?—E' mentira.
Na ventura?—E' illusão.
O bem—todo— o ceo o encerra;
Ventura, se a tem a terra
Que t'o diga o coração.

Diz-te que não. Tu não sentes
Os doces effluvios seus?
Esses dons, tão eminentes,
São do céo, e não são teus?—
E' porque á terra não descem;
Não, meu anjo; e se viessem
A quem os daria Deus?

Levantando o veu escuro
Do destino, hoje tão crú,
Ler no livro do futuro
Tentarás accaso tu ?...
— Vem ver comigo !—Ergue a fronte !
No fim de largo horisonte
Que vemos ? — Um ermo nu !...

Da roupagem matisada
Que a esperança empresta á dôr,
Que vês nessa longa estrada
Que nos mostre a verde côr ?..
Tudo negro, em céo e terra ;
Na campa o termo da guerra
Que em vida nos move o amor.

Como tu, cego, illudido,
No porvir eu já pensei,
E em delicias embebido
Que senti... que vi... nem sei !..
Sei que tudo era risonho...
Mentira !... no fim do sonho
Tremi de susto... chorei !...

Tu já viste, quando a aurora
Principia a despontar,
E o negro veu que descora
Pretende a custo rasgar,
Como tudo se transforma,
Como d'uma e d'outra forma
Nos faz a sombra scismar ?....

Não vês perto immenso vulto,
Firme como estatua ali?
Não vês outro, ao longe occulto,
Surgindo, correr a ti?
Não vês como, á luz do dia,
E' medonho o que sorria,
E o que era triste, sorri?...

Assim nos dourados sonhos
Eu não sinto o peso á dor:
Tudo são quadros risonhos,
Tudo são ficções d'amor;
Vejo em tudo a tua imagem,
Sem que a nuvem, de passagem,
Venha empanar-lhe o fulgor.

Vejo-te meiga a meu lado,
Tudo o que é teu me seduz,
E assim te adoro, curvado,
Como o crente adora a cruz.
Desperto emfim!... Que futuro!
Mostra-se o destino escuro
Se ás trevas succede a luz.

Não penses, anjo; se pensas,
Como eu chorei, chorarás;
As meigas, solidas crenças,
Como eu perdi, perderás;
E um refrigerio na morte,
Contra os revezes da sorte,
Como eu peço, pedirás.

Não penses! Deixa o destino
Envolto em seu denso veu,
Que um sentimento divino
Não ganha aqui um tropheu.
— Seja a vida um mar de pranto,
Que este amor, tão puro e santo,
Não é da terra, é do ceu!

UM BEIJO.

Tão modesta comigo aqui passava
A bella Nympha em pratica amorosa,
Que quando respeitoso lhe beijava
A delicada mão, branca e formosa,
Vergonhosa ficava em breve espaço
Com os olhos cahidos no regaço...
Quantas vezes dizendo que me amava,
No seu formoso rosto eu conhecia
Que cheia de ternura desejava
Inda dizer-me mais do que dizia?
Porém não lhe deixava o honesto pejo
De todo declarar o seu desejo...

QUITA. — *Egloga XI.*

Dizem que um beijo,
Mimosa Elvira,
Se d'um desejo
Que amor inspira
Sómente nasce,
Vae de repente
Rosado pejo
Pintar na face,
Pallida e linda,
Que os labios sente

De fogo cheios;
—Mais quentes inda
Porque os receios
Borbulham n'alma,
Que em taes enleios
Não póde, calma,
Votar-se ao gozo.

Que d'innocente
Não tem a assencia
Beijo amoroso;
—Seja pedido
Com impaciencia,
Roubado seja
Pelo attrevido,
Que da peleja
Na effervescencia,
Por ser ousado
Não é vencido;
—Seja, indolente,
Sem ser pensado,
Quasi cahido
Da boca ardente
No rosto amado.

Por ser nascido
De uma vertigem,
Julgam, de certo,
D'um beijo a origem
Menos honesta;
Pois chama perto
Do peito amante.

Da amada o peito
Que, palpitante,
Jámais contesta
Doce direito.
De tal contacto
Magico effeito,
Sustenta o mundo
Que no recato
Dá golpe fundo...
Que um beijo ateia
Fogosa chamma,
Que se incendeia
N'um fogo activo
Que amor inflamma;
Sendo, portanto,
Prologo vivo
De longo drama,
Com varias scenas,
Muitas de pranto,
Poucas amenas;
Mil peripecias,
Todas d'encanto,
Tragam facecias,
Promovam penas;
Drama terrivel
D'incerto entrecho,
Que no desfecho
Só tem certeza;
Pois é visivel
Que tal empreza,
Sendo a estructura
Da natureza,

Por mal segura,
Cede á fraqueza...
Não reina o sizo
Que o mal conjura
Morre a pureza...
Vence a ternura!...

Falso juizo
Do mundo louco!...
Mas, se d'um riso
Que nada exprime,
Que diz tão pouco,
Se fórma um crime,
Não causa espanto
Que haja quem diga
D'um beijo... tanto!...

No beijo... eu creio,
Se nisso attento,
Que ha fundamento
Para essa briga;
Mesmo receio
Que até comsiga
Juiz sincero,
Sem malquerença,
Só por austero,
Lavrar sentença.
—Que eu sei de beijos
Dados a furto,
Que em praso curto
Movem cuidados...
Quando os desejos

Nelles creados
Não acham guerra
N'um peito casto.
São beijos dados
Fatal semente
Lançada á terra,
N'um campo vasto,
Que ao sol ardente
Só gera amores;
Mas... sem resguardos
Contra os ardores...
Produz mil cardos...
Dá poucas flôres...

Mas beijos desses,
Formosa amada,
Se tu soffresses
Que a tez manchada
Te fosse um dia,
Não t'os daria
Boca ditosa
Que fôra outr'ora
Por ti beijada;
Não; que essa, agora,
Se viciosa
Foi, por fraqueza,
Já não tem nada
Que a natureza
Dar-lhe podera;
Pois foi tocada
Por labios puros,
Que alguem dissera

Quasi divinos,
Quando, seguros,
Se vão abrindo
Nos doces hymnos,
Que ao céo subindo
Mostram a essencia
Do ser mimoso
Que a Providencia
Sabia me aponta,
Bradando forte
Que negra affronta
Faço ao destino,
Não tendo em conta,
Na terra, o goso
D'amor divino.

Já distinguiste
Porque motivo
Da boca antiga
Só forma existe
Já viste, bella,
Pintada ao vivo,
Doce mudança,
Ventura della?
Tudo que eu diga
Que a mente alcança,
Mostra somente
Que hoje, tão pura
Como a tornaste,
Não só não mente,
Porque a ensinaste,

Mas da doçura
Que lhe infiltraste
Revela as provas
Meigas, amenas,
Soltando trovas,
Fallando apenas;
Que em si resume
Doçura lenta,
Que até exhala
Grato perfume,
Se de ti falla,
Se o nome canta
Gravado n'alma!

Beijo que imprime
Boca tão calma,
Se amor exprime,
Que altivo impera,
Nem vicio o gera,
Nem gera o crime.

Na linguagem
D'um beijo casto,
Vae pensamento
Profundo, e vasto,
Que o sentimento
Dá como exemplo:
Beija-se a imagem
No sacro templo.
Sem que a bafagem
Creste de leve
Labios de rosa,

Faces da neve.
No beijo ardente
D'alma piedosa
Sincera e crente,
Puro respeito
Não vae sómente;
Pois sahe do peito
D'affecto immenso
Prova evidente,
No fogo intenso
D'amor vehemente,
Sem que uma ideia
Passe na mente
Do mundo alheia,
Que, só passando,
Quebre a pureza
Do beijo brando,
Casto, piedoso,
Que n'alma presa
Deixa reinando
Celeste goso;
Tal, como o sinto,
Se um beijo dando
Na face tua,
Com outro pagas,
Que me insinua
D'amor distincto,
Que doce affagas,
Toda a candura!
Vês como és pura,
Candida Elvira?...
Como a ternura,

Quando se inspira
D'amor tão santo
Que ao céo convida,
Nem perde o goso,
Nem quebra o encanto,
Nem é profana?...

Se sou ditoso,
Quando esta vida
Me custa dôres,
De ti dimana
Tanta ventura;
Que os teus amores,
Sendo um prodigio
Na terra ingrata,
Nem um vestigio
Da dôr, que mata,
Deixam patente.
Se essa existencia,
Pela pureza,
Quasi desmente
Da natureza
Força potente,
Da tua essencia
Mysterio fundo,
(Se algum encerra,
Vedado ao mundo)
Julgo que abranjo:
—Vives na terra,
Mas és um anjo.

UM SONHO.

Escuta, Elvira!.. Vou contar-te um sonho,
Bello, risonho, que uma vez sonhei;
Inda, ao lembrar-me desse goso brando,
Se estou sonhando, se a pensar.... não sei!...

No veo da noite, que a voar fugia,
Raios do dia penetrando eu vi;
E a luz que d'arte seu fulgor mantinha,
Da luz que vinha ja tremia ali!

Fugia o somno, dos mortaes regalo,
Breve intervallo de fadiga atroz;
Que a branca aurora negro veo rasgava,
Longe bradava do tambor a voz.

Ia o campino, da cabana pobre
Que ao mundo encobre tão feliz viver,
Com prazer n'alma, de socego cheia,
Na terra alheia seu suor verter.

Cantos suaves, divinaes gorgeios,
D'enlevo cheios, a subir ao ar,

Vinham ás magoas que me andavam n'alma,
Repouso, e calma, por momentos dar.

O novo dia, como o dia findo,
Surgia ouvindo matinal canção;
Chamando os homens ao trabalho, á vida,
Diurna lida começava então.

Ai!... minha Elvira!... como foi risonho,
Suave, o sonho que eu então sonhei!
Olha... inda agora, que t'o vou contando,
Se estou sonhando, se a pensar não sei!

A' luz nascente levantando a fronte,
La no horisonte nuvem branca eu vi:
Candida neve, no rigor da alvura,
Seria escura collocada ali.

Ja viste o cysne, que do lago perto
N'um vôo incerto quer voar alem,
E abrindo as azas, no bater serenas,
Mais niveas pennas amostrar-nos vem?

Assim a nuvem, que se abrira ao meio,
Rasgando o seio, novo ser mostrou;
Candido vulto, magestoso, lindo;
Meigo, sorrindo, que do ceo baixou.

Alva roupagem, vaporosa e leve,
Rival da neve, qual virgineo veo
Deixava aos olhos, que inundavam prantos,
Prevêr encantos que so ha no ceo!

Dos ternos olhos, onde amor fallava.
Pura emanava seductora luz,
Pallida e bella, como a luz da lua,
Se em noite sua com fulgor seduz.

Mostrava a face divinal candura!
Leve tintura lhe animava a côr;
Era a açucena do jardim, mimosa,
Ligada a rosa, n'um festim de amor.

Como a florinha na manhã d'estio
Abre ao rocio que do ceo lhe vem,
Abria os labios um sorriso ameno,
Puro, sereno, que a mulher não tem!

Mal podem cantos de sentida a lyra
Dizer-te, Elvira, como ao ceo subi,
Nas azas leves do prazer levado,
Quando a meu lado voz celeste ouvi!

Som deleitoso que o meu ser prendia,
Quando eu ouvia que a feliz missão
Era jurar-me que la d'alto vinha
Prender na minha, a delicada mão!..

Ouvi-lhe em phrases, como o som cadentes,
Votos ardentes d'um amor sem fim;
Deus ordenara que este amor profundo,
Fosse no mundo premiado assim!

Ali colhiam da victoria as palmas
Ditosas almas que a paixão ligou;

E um doce canto, d'harmonia immensa,
Filho da crença, para o ceo voou!

Voz tão sonora, locução tão pura,
Tanta candura, quem podia ter?
Esse anjo, vindo d'eternaes espheras,
Se tu não eras, quem podera ser?...

Eras, Elvira, que eu te vi chorando;
Mas... acordando nesses gosos meus,
Cederam sonhos á cruel verdade!
Resta a saudade, teu amor e Deus!..

CAETANO PINTO

COMEDIA EM VERSO.

PERSONAGENS.

BRAZ CARNEIRO.
GENOVEVA, filha do dito.
JOANNA, criada.
DOMINGOS, criado.
CAETANO PINTO, poeta.
MARIA PINTA, mulher do dito.
FULANO DE TAL, autoridade.

Vestuario.

BRAZ CARNEIRO. Casacão até aos pés. Calça de ganga amarella. Collete verde. Camisa de folhos. Lenço branco, muito alto, no pescoço. Sapatos de entrada baixa, e meias abertas. Grandes oculos verdes. Cabelleira enorme. Este sugeito deve ter uma grande barriga, natural ou postiça.

GENOVEVA. Vestido de seda amarella, decotado, curto, com muito pouca roda, cintura muito curta, e mangas muito largas em cima e abotoadas nos pulsos. Sapatos escarlates, com fitas pretas enleadas nas pernas. Cinto de larga fita escarlate. Penteado de cachos, e um enorme pente arrendado. Luvas pretas abertas, e sem dedos. Brincos grandes de pedras.

JOANNA. Vestido verde, muito curto, apertado na cintura por uma fita de seda amarella. Calça larga com folhos de renda. Sapatos amarellos. Cabello cortado. Grandes brincos.

CAETANO PINTO. Casaquinha verde, com botões amarellos. Collete encarnado. Gravata de seda azul-claro. Grande alfinete de pedras na camisa. Calça preta, curta, e o mais estreita possivel. Botins envernisados, com canos vermelhos. Grandes cabellos, penteados a capricho. Luvas amarellas. Chicotinho na mão. Enorme luneta, pendente de uma fita amarella.

MARIA PINTA. Como Genoveva, pouco mais ou menos.

ACTO 1º. (*)

O theatro representa uma sala mobiliada, illuminada e adornada do modo mais exquisito possivel. Uma porta ao fundo, e outra ao lado.

SCENA 1.ª

GENOVEVA, JOANNA.

GENOVEVA.

Pois é certo, Joanna, agora caso,
E verás que, depois, vae tudo raso...
Pretendida já fui quatorze vezes,
E não quiz; não gostei dos taes freguezes,
Quando a meus pés os via, de narizes,
Nos mysterios d'amor inda aprendizes...

JOANNA.

Pois assim é que é bom: cachorro manso,
Que não sabe morder, dá mais descanso,
E se chega a apanhar, abaixa a orelha...

(*) O poeta parece não ter completado a comedia; só se achou este acto entre os seus papeis.

GENOVEVA (*aparte*).

Que imagem! Não parece desta velha!
(*Alto*) Eu aspiro a vencer altos destinos;
Não desejo ser mestra de meninos.
Antes um patuscão, do que um masmarro;
Não deve antes dos bois andar o carro.
E esta bola que vês (*bate na testa*) não é vasia,
Ferve cá dentro, em ondas, a poesia.
Agora sim, achei um maridinho;
Veremos se meu pae torce o focinho.

JOANNA (*com superioridade*).

O focinho de um pae decide tudo,
Quando o pae, como o seu, é focinhudo;
Nem jámais deve pôr filha gaiteira
Nas ventas paternaes a focinheira...

GENOVEVA (*aparte*).

Esta idéa, apezar de focinhuda,
Podia-lh'a roubar gente que estuda!...

JOANNA.

Mas olhe cá, menina, o seu amado
E' banqueiro?... alfaiate?... deputado?...
E' pintor?... é visconde?... é funileiro?...
Ou... não é cousa alguma... e tem dinheiro?...

GENOVEVA (*solemnemente*).

Em dinheiro não falles, ó Joanna!
Houve em Roma um Catão, e eu sou Catana,
Em mim podia só grande talento
Desandar a torneira ao sentimento;
Póde só pelo genio esta alma pura
Despejar aos almudes a ternura.
Destas cousas não pescas, minha amiga.

JOANNA.

Já pesquei... já pesquei... sempre me diga
Se elle póde comprar chapéos, vestidos,
Como devem fazer os bons maridos,
Leval-a á missa, aos bailes e ao theatro,
E em vez de andar a dous, andar a quatro.
Elle ganha?... Elle tem?...

GENOVEVA.

Forte pateta!
Que me importa o que tem, se elle é poeta?...

JOANNA.

E' poeta... meu Deos!... E' pobre e tolo!...
Só isso me faz dar volta ao miolo!...

GENOVEVA.

Como sabe fazer versos bonitos!...

JOANNA.

Mas não come ao jantar sonetos fritos.

GENOVEVA.

Que estupida tu és!... Nada concebes!...
A ti serve-te só comes e bebes?
Eu dou mais pelo amor, a que me rendo.
Pobre Caetano Pinto, que em me vendo
Bate um murro na testa, e a versalhada
Vem pela boca fóra, d'enxurrada,
Que alaga o coração! Ai... coitadinho!...
Um cégo não quer mais ao seu cãozinho,
Nem quiz mais Lamartine á sua Elvira...

JOANNA.

Quem era o tal Martins de sola e vira?...
Mas... seja lá quem fôr. Eu não conheço.

Quem pretende mulher, ponha-lhe o preço.
Para mim, um marido não me cheira,
Se, ao fallar-me, não bate na algibeira;
Deixe lá, que seu pae terá cuidado.
Poeta!... Isso não serve... antes soldado!...

GENOVEVA.

Pois... poeta e soldado, tambem era
O Luiz de Camões... e... quem m'o dera!...

JOANNA (*pensando*).

O Camões!... Ora adeus!... Era um baixinho,
Que vendia batatas e toucinho?...
Coitado!... Quiz tambem casar comigo...
Era elle, então, caixeiro do Rodrigo,
Cunhado de uma irmã de minha prima.
Eu morava por baixo... elle por cima...

GENOVEVA.

Suspende! Basta já de parvoices!...
Foi Camões um heróe, primo de Ulysses,
Sobrinho do sargento-mór da Russia;
Por elles convidado, foi de sucia
A's guerras da Peninsula, affamadas,
E, na volta, escreveu as—*Lusiádas.*

JOANNA.

Luziádas... bem sei... mas olhe que essas
Ninguem as escreveu... são mesmo impressas;
Eu tanto as ouvi ler ao meu cunhado,
Que inda me hei de lembrar de algum bocado ....

GENOVEVA.

Bem sei que és um prodigio de memoria;
Terás como Camões, nome na historia.

Mas tornemos, agora, á vacca fria...
Fallemos do meu noivo...

JOANNA *(interrompendo-a).*

Oh! que heresia!
Retire essa expressão, que é muito fraca...
Seu noivo será boi... mas não é vacca...

GENOVEVA.

Puz ornatos de vacca em meu discurso...
Mas escuta... Se o noivo fosse um urso...
Um jacaré que fosse, eu casaria,
Se lhe sentisse o cheiro da poesia.
E o meu pobre Caetano está tão louco,
Que pedir-me virá d'aqui a pouco...
Oxalá que meu pae, prosa rasteira,
Não faça em mim seccar a sementeira;
Não tente resfriar o amor ardente,
Que ferve, como um taxo d'agoa quente.

(Bate-se á porta, com muita força).

E' elle... não faltou... vamos embora...
Tem meu pae a palavra, desde agora.

(Retiram-se, e quando vão a deixar a scena, bate-se de novo á porta, com grande estrondo).

JOANNA *(voltando-se).*

Que furia de bater!... E' com a testa?...

CAETANO *(ainda fóra).*

Das almas grandes, a pancada é esta. *(Entra).*

SCENA II.

CAETANO *(só).*

Por decencia, bati na porta aberta.
No meu Parnaso entrei. Musas... álerta!...

SCENA III.

CAETANO, DOMINGOS.

DOMINGOS (*entrando*).

Quem á porta bateu com tanta força?...

CAETANO.

Fui eu. Tu, que não és filho de corça,
Que da *preguiça* neto me pareces,
Quando tentas andar dos pés te esqueces,
E tres horas gastaste na jornada...

DOMINGOS.

Mas que quer o senhor?...

CAETANO.

Não quero nada.
Vae-te embora d'aqui, meu patarata,
E's antipoda meu... és prosa chata!

DOMINGOS.

Mas o senhor é doudo?...

CAETANO.

Faço versos;
São idéas iguaes, em sons diversos.

DOMINGOS.

Eu vou chamar meu amo se é preciso.

CAETANO.

Pois vá... mas olhe aqui... Tenha juizo!

SCENA IV.

CAETANO (*só*).

Traze os folles, oh musa predilecta!..
Vem soprar aos ouvidos do poeta,

Sem que eu veja, offuscando a tua pompa,
As bochechas que faz quem toca trompa !
A's tuas oito manas dá lembranças,
E, por oito vintens, vê lá se alcanças
Que proteger-me venham n'um attaque,
Em que é meu contendor grande basbaque!
Preciso do Parnaso todo inteiro
Que me ensine a fallar a Braz Carneiro !
Depois de tosquiar o animalejo,
Cardar-lhe a lã e a filha, é meu desejo.
Moysés espirrou agoa d'um rochedo,
E eu vou fazer chorar outro penedo,
Dizer-lhe que do amor, do corpo e d'alma,
Sou martyr, a galope atraz da palma,
Com honra, porque sou honrado e nobre,
(Mas sem que elle supponha que sou pobre) ;
Vou pintar-lhe a paixão, tão bem pintada,
Com forro de papel, tão bem forrada,
Que do velho a cabeça, rude, e esquiva,
Heide fazer andar em roda....

(*Espirra o ponto*)

Viva!...

E nasce feito aqui nesta conquista
Mais um drama da eschola realista.

(*Olha para traz.*)

Lá vem o bicharoco. Oh musas minhas!
Rodeae-me aqui todas de gatinhas.
Soprae-me versos campanudos, cheios,
Inda mesmo que alguns sejam alheios :
E' moda, e eu quero só no canto ameno,
Um bruto commover—com *b* pequeno.

SCENA V.

BRAZ, CAETANO.

BRAZ *(com ares de desconfiado.)*

Quem pretende fallar a Braz Carneiro?

CAETANO *(com solemnidade.)*

Um fidalgo, um visconde, um conselheiro.
Um provedor das almas, um sacrista,
Um piloto da barra, um jornalista,
Um sargento, um barbeiro, um escrevente...

BRAZ *(admirado olhando em volta de si.)*

Pois pretende fallar-me tanta gente!
E ficaram na rua?... Oh! que indecencia!..

CAETANO.

Não mate a inspiração.:. tenha paciencia!.
Um ministro, um cocheiro, um missionario,
Um doutor, um coveiro, um boticario,
Um magico, um actor, um deputado,
Qualquer desses, diria: „Um seu criado.“
Eu criado não sou.... Filho das musas,
Escravo das colcheas.... semifusas ...

BRAZ *(pasmado.)*

Eu não o entendo bem...

CAETANO.

Nem isso é crime:
Vate que não se entende, é que é sublime!

BRAZ.

Inda não percebi....

CAETANO.

Não diga asneiras!
Cale-se, e vá buscar duas cadeiras...
Não converso de pé....

BRAZ (*obedecendo.*)

Prompto, meu caro.
Mas.... como ordena aqui !... E' caso raro !...
E' esta a sua terra ?.. A casa é sua ?.. (*sentam-se.*)

CAETANO.

Se intenta dar-me leis, mando-o á tabua !
O poeta só tem por patria o mundo,
E por casa o lugar em que deu fundo.
Já vê que é minha terra o mundo inteiro,
E morro agora aqui, sôr Braz Carneiro.

BRAZ.

Que talento... meu Deus !... (*á parte.*) Creio que é tolo !..

CAETANO.

Sou homem superior ao seu miolo !...

BRAZ.

Se me desse licença.... eu perguntava
Se podia saber com quem fallava...

CAETANO.

Deseja apenas isso o meu amigo ?...
Pois pode, sim senhor... falla comigo.
Quem sou ?.. Pois bem... sou eu... Caetano Pinto ;
Se inda mais quer saber, eu cá não minto :
Mais illustres avós inda os não houve ;
Até mortos, dão vida a pés de couve,
Que os brutos animaes na terra comem.
Sou filho de mulher... sou filho d'homem...,
D'ascendencia tão nobre, e tão selecta,
Nasceu cousa melhor. Eu sou poeta !

BRAZ.

Coitadinho ! Poeta ! Que desgraça !...
Mas quer alguma cousa que eu lhe faça ?..

CAETANO. *(Durante esta scena, vae usando sempre de reticencias, batendo na testa, e olhando para o ar, como quem está improvisando.*

„ Cesse tudo o que a musa antiga canta "
(*Braz tenta erguer-se*; *Caetano ameaça-o com um murro.*)
Eu chego-lhe aos fungões se se alevanta !
Não me venha cortar, com pouco siso,
O discurso que trago de improviso. (*Escarra e assoa-se*).
„ A teus pés fundador da monarchia. "
Vem um representante da poesia
Depôr um coração chôcho, encolhido,
Como o figo da Europa aqui trazido;
Coração que, sugeito a mil caprichos,
Apodreceu de amor, e já tem bichos !...

BRAZ.

Amor podre... bem sei... ora... coitado !.

CAETANO (*impaciente.*)

Não mate a inspiração... ouça calado.
Esta minha paixão, que é paixão nobre,
Prefere a um pouco d'oiro, muito cobre,
Cede só aos encantos da bellesa...

BRAZ (*chamando.*)

Domingos !... Põe o almoço, já, na mesa !...

CAETANO (*erguendo-se.*)

Não morre a inspiração n'um estro agudo;
E's um sabio... um heróe.., eu te saúdo !.. (*senta-se.*)
„ As armas.... e os barões assignalados....."
Servem de capa a muitos mal-criados...
Que não valem.... não digo algum dinheiro....
Uma posta de lombo de carneiro....

BRAZ.

Do meu lombo ?.. Que diz ?.. Mas eu sou gente...

CAETANO *(forte,)*

Não mate a inspiração !... D'um teu parente !
Eu sei que és um heróe de fina raça ;
Vi-te, em mil e quinhentos, em Mombaça,
Onde a tuas façanhas foram tantas,
Que d'ouvil-as, tu mesmo, inda te espantas ;
E o rei dos mouros, que entendia disto,
Poz-te no peito um habito de Christo !...
Grande heroe tambem sou, pelo talento ;
E das raças fazer o crusamento
E' meu principio e fim : só falta o meio,
E o meio é Genoveva, é tua filha,
Na graça, e nos encantos, maravilha.
Sou poeta... sou moço... e sou bonito;..
Quero ser seu marido... e tenho dito.,.

BRAZ.

Oh ! Senhor !.. Pois, no fim dessa massada,
Pretende só casar ?.... não quer mais nada ?...

CAETANO,

Por agora.... casar.... sem empecilhos....
Mais tarde quero mais.... quero ter filhos ...

BRAZ.

Ter filhos ?... O senhor ?.. O que é poesia !...
Em prosa... era a mulher quem os teria.

BRAZ *(exclamando).*

Oh santa estupidez, mãe dos felizes !..
Oh doce mãe do Braz !... (*a Braz*) Então... que dizes ?..

BRAZ.

Pode ser... mas desejo que me diga :
Com que ha de sustentar a rapariga ?

CAETANO.

Com carne... com arroz... e com toucinho...
Com azeite, e vinagre, e pão, e vinho...

BRAZ.

E d'onde isso hade vir, já tem pensado?

CAETANO.

De lojas... de armasens... e do mercado.

BRAZ *(á parte)*.

Demonio do rapaz, é um portento!
Merece a Genoveva em casamento.
(Alto.)
Vou chamar minha filha e volto breve.

CAETANO.

Va chamar o diabo que me leve;
Mas depressa, decida este negocio,
Pois não quero mais ter meu estro em ocio.
E' prosa o casamento, e immunda prosa;
Que no fim de um só mez fica rançosa
Mais demora não quero. Ande ligeiro.

BRAZ *(cortejando-o.)*

Seu amigo e criado Braz Carneiro. *(sae)*

SCENA VI.

CAETANO *(só.)*

Oh musa tutellar da eschola nova!...
Oh musa da tolice! Inda uma prova
Do teu grande poder, submisso invoco!...
A' viola chuleira em que hoje toco,
Porque é da Arcadia a lyra, empreste vozes,
Sonoras como as tem sacco de nozes!...
Que morram, a escutar-me as trovas puras

Genovevas presentes e futuras!...
Mas este nome... aqui... não faz arranjo:
Não será Genoveva... hade ser anjo!
(*Olha para a porta*)
Ella chega... ella vem... Musas... soccorro!...
Sem vós... eu escorrego... eu caio... eu morro

SCENA VII.

CAETANO, BRAZ, GENOVEVA.

CAETANO (*a Genoveva*)
Anjoveva do céo!... Em crua guerra...
BRAZ (*interrompendo-o*)
Genoveva, Senhor!...
CAETANO.
Isso é da terra!...
Em crua guerra, eu disse... em guerra assada,
Trago esta alma, ao teu fogo, ja torrada...
E o pobre coração coze-se tanto,
Que estas faces ensopo com meu pranto,
E sêccos, ao calor dos teus bons ditos,
Sinto, por dentro, meus ouvidos fritos,
E o nariz, a crescer como um tomate,
Ja tres palmos precede o triste vate.
GENOVEVA. (*á parte*)
Algum prosaico espirito, rasteiro,
Julgaria a paixão de cosinheiro!...
CAETANO (*com enthusiasmo*)
Abre as fossas nazaes, ao sentimento,
Ganharás neste amor trinta por cento!
E uma palavra, só, desses teus labios,
Dirá mais que dez mudos muitos sabios!

Oh! vem ser a franguinha deste *pinto*
Que a paixão depennou... que anda faminto...
Vem ser a minha franga... a esposa minha...
Se eu a gallo chegar... serás galinha!

GENOVEVA. (*limpando os olhos, e exclamando*)

Lurecias immortaes!... Castas Susannas!
Vós que, rosando as horas Mariannas,
Em grossa indigestão de santidade
Vivestes, arrotando honestidade,
Sem descascar, jamais, do vicio o pomo,
E morrendo, por fim, sabe Deus como,
Das campas levantae a fria lousa,
Embrulhae-vos n'um trapo... em qualquer cousa...
Que não possam, aqui, habitos nossos
Manchar-vos o pudor dos castos ossos!
Vinde ouvir expressões do meu Caetano,
Deporeis a seos pés o orgulho insano!

(*a Caetano*)

Não posso resistir... não... serei tua...
Mesmo a comer no chão... dormir na rua...

(*a Braz*)

Se elle fôra sultão... esta odalisca...
Morrera ao lado seu, jogando a bisca!

BRAZ (*a Genoveva*)

Oh tu, filha de heroes, e de heroes neta,
Nova musa vaes ser do teu poeta...

CAETANO (*interrogando-a*).

Não mate a inspiração... falla a bellesa,
Eia, deixe fallar a naturesa!..

BRAZ.

Já fallou, já fallou ... já disse tudo...

E eu não posso, fallando, ficar mudo !
Saiba que, analphabeto, e sem talento,
Já fiz um figurão no parlamento...
Peço a palavra, pois, qual deputado,

CAETANO.

Tem a palavra.

BRAZ.

Bem.

CAETANO (*a Genoveva.*)

Diga : „ apoiado ! "

GENOVEVA (*soluçando.*)

Apoiado... já disse... e mais não fallo...
Porque sinto, em dous pés, doer-me um callo.

BRAZ (*solemnemente*).

Pois eu... cuido... que penso... e... sem receio...
Que supponho... que julgo... acho que creio...
Que á vista deste amor, tão façanhudo,
Podem vocês casar,.. e acaba tudo... (*chora.*)
Meu discurso acabou... porque eu padeço...
Não posso fallar mais... que me enterneço...

CAETANO.

Pois fallou muito bem... agradecido...
Mas se tem de chorar... tome sentido...
Não me faça algazarra, senão leva (*ameaça-o com um murro.*)
Deixe desabafar a Genoveva !... (*Braz chora, soluçando.*)

GENOVEVA.

Oh tu, genio immortal, Caetano Pinto !
E' tão grande a paixão que por ti sinto,
Que tenho os pés a arder, e a testa fria !..
Da cabeça desceu toda a poesia,
E sinto-a a formigar nos calcanhares...

(*Baixo a Caetano.*)

Preciso, apenas case, ir tomar ares...

(*Alto.*)

Procuro as expressões... e não as acho... (*Braz chora muito alto.*)

CAETANO (*zangado.*)

Não mate a inspiração... chore mais baixo!..

SCENA VIII.

Os mesmos, JOANNA, *depois* MARIA PINTA *e outros que a accompanham.*

JOANNA (*correndo sobresaltada.*)

Oh menina!.. Oh sôr Braz!..

CAETANO (*á parte.*)

Maldita prosa!..

JOANNA (*sobresaltada.*)

Uma senhora, louca e furiosa,
A' força quer entrar, de páo nas unhas...
E diz que traz comsigo testemunhas...
Nem me attrevo a contar a historia inteira...

(*baixo, a Caetano.*)

Diz que é sua mulher...

CAETANO (*á parte.*)

Temos asneira!...

(*retira-se para um lado da scena, voltando as costas ao grupo, de modo que sua mulher o não veja.*)

MARIA PINTA (*entra, com um cacete na mão, seguida por seis ou oito pessoas, homens e mulheres, todos com trajes caricatos.*)

Saibam todos os paes, todas as filhas,
Que sou eu a mulher d'um bigorrilhas

Que de casa fugiu, e vagabundo,
Quer agora casar com todo o mundo;
Diga toda esta gente que não minta,
Se eu sou, ou se não sou Maria Pinta.

JENOVEVA (*suspirando.*)

Ah !....

BRAZ (*interrogondo-a.*)

E' ?...

JOANNA (*admirada.*)

Ih !...

CAETANO (*levando ás mãos á cabeça.*)

Oh !...

MARIA (*zangada.*) .

U !... Sim... eu sou casada...

E agora....

CAETANO (*á parte, cantando com a musica propria.*)

„ Joven Lilia abandonada !... "

MARIA (*chorando.*)

Trahida.... (*chora.*)

CAETANO (*cantando.*)

Por seu lindo (*aponta para si*) ingrato amante..."

MARIA (*chorando.*)

Sosinha...

CAETANO (*cantando.*)

„ Solitaria, e delirante... "

MARIA (*soluçando.*)

Andei de porta em porta....

CAETANO (*cantando.*)

„ Divagava.... "

MARIA (*vendo-o, e correndo para elle desesperada.*)

Maroto ! Eu logo vi que te encontrava !...

Poeta de vintem !... Quem tal diria !... (*larga o páo e dá-lhe um sôco.*

CAETANO (*curvando-se.*)

Acabou-se o dominio da poesia !.., (*Maria cáe n'uma cadeira chorando.*)

BRAZ (*com arrogancia.*)

Falle; não fique no silencio immerso !...

CAETANO (*muito humilde.*)

Mas... quer que falle em prosa, ou fallo em verso ?

GENOVEVA (*soluçando.*)

Em prosa, monstro, em prosa de lacaio...
Ah perfido ! traidor !... logo... desmaio...

CAETANO (*baixo a Genoveva.*)

Se desmaiasses já... era em boa hora...

GENOVEVA.

Mas... tenho que fazer... não posso agora...

BRAZ (*muito indignado.*

Compete-me fallar !... Tratante ! Diga:
Com que fins enganava a rapariga ?

CAETANO.

Não enganei ninguem... disse... e sustento...

BRAZ.

Não pediu Genoveva em casamento ?...

GENOVEVA (*a Caetano.*)

Não me veio pedir ?..

CAETANO (*muito brando.*)

Ah vem, meu anjo;
Vem de minha mulher o desarranjo...

BRAZ (*muito zangado.*)

Pois quantas desejava ter por suas ?

CAETANO (*placidamente.*)

Faça a conta, e verá. Por ora duas.

BRAZ (*desesperado.*)

Não é você casado, seu bregeiro?

CAETANO.

Perguntou-me o senhor se era solteiro?

JOANNA (*dando alguns passos á frente.*)

Se eu podesse fallar!...

BRAZ (*á criada.*)

Quem t'o negava?...

CAETANO (*a Joanna.*)

A barra de Balaam, tambem fallava.

(*As mulheres nesta scena e na seguinte, quando não fallam choram.*)

JOANNA (*desesperada*)

A burra de balão!... Essa bem boa!..
Já viu andar a moda assim, á toa?..
Seu grande Trapisonda!...

BRAZ (*impaciente.*)

Oh! que maldita!...

CAETANO (*a Braz.*)

Não mate a inspiração.... que é tão bonita!...

BRAZ.

Inspirado estou eu. Ouçam, senhores! (*Vem todos menos Caetano.*)

(*Corteja-os.*)

Não sei como pagar tantos favores!..
Silencio! A Europa toda nos contempla!
E' preciso um exemplo....

CAETANO.

Não. *Exempla...*

BRAZ (*ás pessoas dé fora.*)

Sejam vogaes na causa... Os litigantes....

CAETANO.

Que vogaes !... Não me estrague as consoantes !..

BRAZ.

Sou eu... esta mulher (*Maria*) e minha filha...
Author...

CAETANO.

O Padre Ignacio, o da cartilha...

BRAZ.

Se cá mette o nariz, quebro-lhe a cara...

CAETANO.

Se mais nariz houvera lá chegara !

BRAZ.

Não deve o que elle diz dar-nos abalo...
Voltemos á questão. Sou eu que fallo.
Que não possa outro vate campanudo,
Como aquella, casar tanto a miudo,
Genoveva, que sabe, e que tem lido,
E sempro sobre os livros tem dormido,
Viu na lei da *Formosa Magalona*,
Que em Roma em casos taes, se dá tapona,
E que o réo, do castigo, só escapa,
Se quer dar a beijar os pés ao papa ;
E outro legislador, Lycurgo Mendes,
Quer que estes charlatães, estes duendes,
Se levem ao patibulo, captivos,
E saiam meios mortos, meios vivos !
Que possa o criminoso, embora torto,
Para a metade olhar do corpo morto ;
E assim, se a minha idéa não é fraca,
Vestirão amanhã meia casaca,
Para ouvirem, mas só por um ouvido,

Se metade do réo tiver morrido;
Apenas se fará meia justiça,
Por meia alma do morto, meia missa!..

CAETANO (*rindo.*)

Mas não hade estranhar que me pareça
Que o senhor que tem só meia cabeça...

BRAZ (*indignado.*)

Atrevido! Insolente! Inda me insulta!..
Venha aprender aqui a Europa culta!..
Joanna! toma o réo á tua conta!

JOANNA.

Sendo para o enforcar, eis-me aqui prompta.

BRAZ.

Não; que é preciso envergonhar o moço,
Tirando-lhe a gravata do pescoço.
Enforcal-o, é roubar-lhe a liberdade.
O Domingos que chame a authoridade. (*Joanna sahe.*)

MARIA (*desesperada.*)

Prendam-me esse maroto, esse tratante,
Que foi, por ser poeta, meu amante;
E os olhos a chorar eram dous canos...
Eu fallei-lhe no dia dos meus annos,
Quando, em versos de estallo, como bombas,
Me arrumava um soneto pelas trombas.
Eu, já velha, cedi ao seu talento,
Casei-me, fiz depois um testamento;
Mas desse... uma só folha fica inteira,
Para embrulhar, á noite, a cabelleira,
Pois lhe deixo o que tenho, e o que não tenho...

BRAZ (*a Caetano.*)

Fazenda não tens tu, mas tens engenho...

CAETANO (*muito serio.*)

Não mate a inspiração.... respeite a magoa,
E mande-me buscar um copo d'agoa.

SCENA IX.

Os mesmos, a AUTHORIDADE, *dous soldaddos*, JOANNA.

AUTHORIDADE (*a Braz.*)

Venho em nome da lei, sem que ella o saiba,
Fazer em seu favor quanto em mim caiba...

BRAZ (*apntando Caetano.*)

Então, tire-me o réo, já, desta sala..

CAETANO.

Emmudece a razão quando o Braz falla.

AUTHORIDADE (*com impetio.*)

Pois deixe-a emmudecer. Olá, soldados!.,
Amarradas as mãos, e os pés atados.

(*Os soldados aproximam-se, e amarram as mãos e os pés a Caetano, que não resiste.*)

JOANNA.

Poetas!.. Olhem se eu tenho cedido !..
Tinha agora o Camões por meu marido ! (*senta-se no chão, chorando.*)

MARIA.

Que isto em mim era sina, está patente...
Meu pae quiz-me casar com Gil Vicente! (*Senta-se ao lado de Joanna chorando.*)

GENOVEVA.

A mim pediu-me Bernardim Ribeiro,
E chorou a meus pés o dia inteiro... (*Senta-se do outro lado, chorando.*)

AUTHORIDADE (*a Caetano.*)

Preso de pés e mãos !.. Ora, é bem feito.
E' já para a prisão ! Marche direito !..

CAETANO.

Genoveva ! Joanna ! E tu, Maria,
Dizei o vosso adeus á poesia ! (*Ellas acenam com os lenços.*)

BRAZ (*collocando-se por traz das mulheres.*)

Dae-me forças, meu Deus ! Dae-me paciencia,
Que eu seja protector, pae da innocencia
Amante da candura e da virtude.

CAETANO.

Não mate a inspiração !... Adeus ! Saude !..

(*Sahe, no meio dos soldados caminhando aos pulos. Cahe o panno.*)

FIM.

NOTAS.

AO BRASIL.

Pag. 1.

Estes versos foram escriptos por occasião do conflicto Christie que tanto e tão nobremente abalou a população do Rio de Janeiro.

Pag. 2.

Se ao papagaio mandado,
Por que és bom, não me condemnas.

Em Portugal, especialmente no Porto, é muito usado o gracejo de pedir um papagaio ás pessoas conhecidas que partem para o Brasil. Isto é sabido por meio mundo. Faz-se esta nota para o outro meio.

(*Nota do auctor*)

UM PASSEIO

Pag. 33.

Não se encontrou, entre os papeis do poeta, o resto desta composição.

AMOR SEM FIM.

Pag. 69.

Esta poesia foi publicada no « Futuro, » (revista que o autor redigio em 1862 e 63) com o pseudonymo de M. Reis Fojo Seabra. Trasia então esta nota :

« Estes versos forão inspirados pela leitura da seguinte noticia, publicada no *Correio Mercantil* de 24 de Fevereiro de 1869.

« Hontem de manhã sorprendião a população pelos lugaresem que passavão dous coches, conduzindo dous cadaveres ao cemiterio de S. Francisco Xavier. E o povo ignorava que erão dous noivos que, no fim de seis mezes de uma existencia feliz, ião procurar no céo a bemaventurança que na terra não poderião encontrar. Erão o Sr. Pedro José de Araujo Pamplona Corte Real, pharmaceutico estabelecido á rua do Hospicio n. 117, e sua digna e exemplar esposa a Sra. D. Joaquina Alves de Souza Pamplona Corte Real. Vendo adoecer seu esposo de uma molestia grave, apoderou-se de grande dor, contentando-se com fraca alimentação, velando noites inteiras á sua cabeceira e procurando exceder em dedicação a todos aquelles que cercavão o doente. Quando viu perdidas as ultimas esperanças, foi tão profunda a magoa, que cahiu como ferida de um raio, cinco horas antes do esposo moribundo que perguntava por ella, acreditando deixa-la neste mundo!

« Foi uma scena pungente! Ambos morrerão. Ambos jazem unidos na derradeira morada; ambos gozarão no céo a felicidade eterna.

« D. Joaquina Alves de Souza Pamplona Corte Real foi uma esposa modêlo, o o seu coche mortuario, seguindo após o de seu marido era um verdadeiro carro de triumpho, provando que em um seculo em que vão apagados os mais puros sentimentos da alma, póde haver uma interprete sublime do mais puro e elevado amor conjugal.»

A ABELHA.

(Pag. 72)

Sahiram estes versos pela primeira vez no « Futuro » com o pseudonymo de M. Reis Fojo Seabra.

ESPERA.

(Pag. 75)

Tambem forao publicados no « Futuro » com egual pseudonymo,

A MANUEL DE MELLO.

(Pag. 112.)

N'um sarão litterario e musical dado no Club Fluminense, na noite de 4 de abril de 1864, leu o Sr. Manuel de Mello, erudito tão modesto quanto competente, um estudo intitulado, CAMÕES, HONRAS POSTHUMAS — Depois de ouvir attentamente a leitura desse trabalho, recolheu-se o poeta a uma sala interior, e de um jacto escreveu estes versos, que d'ahi a pouco leo, entre os applausos do auditorio, que o obrigou a repetil-os,

---

PERDÃO.

(Pag. 117)

Sahiram estes versos no « Futuro » com o pseudonymo de J. de B. Pinto.

Erratas.

	Erros.	*Emendas.*
Pag. 11	— A' Camillo . .	A Camillo
" 35	— *larangeiras* . .	Larangeiras
" "	— *frio*	*brio*
" 64	— aviltos. . . .	altivos
" 67	— Bernardo José Nogueira. .	Bernardo José Machado
" 75	— cae	crê
" 109	— E'.	E
" 135	— as.	ás
" 140	— Precisas . . .	Receias
" 165	— Ergue-se. . .	Erguer-se
" 232	— a lyra	lyra
" 245	— morro	moro
" 249	— muitos. . . .	muito
" 255	— barra	burra
" "	— bem boa . . .	é bem boa

PQ
9261
X44A17
1870

Xavier de Novaes, Faustino
Poesias posthumas

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 11 12 22 08 023 6